



O TARÔ COMO PRÁTICA INTEGRATIVA E A EXTRASSENSORIALIDADE NO JOGO

CADERNOS DE
EDUCAÇÃO EMOCIONAL

FERNANDA PINHEIRO CAVALCANTI

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

APOIO:

Libellus
Editorial

PROVE[®]
PROGRAMA DE VIVÊNCIA EMOCIONAL

O TARÔ COMO PRÁTICA INTEGRATIVA E A EXTRASSENSORIALIDADE NO JOGO

Analisando discursos de tarólogos e consulentes

FERNANDA PINHEIRO CAVALCANTI

**O TARÔ COMO PRÁTICA INTEGRATIVA
E A EXTRASSENSORIALIDADE NO JOGO**

Analisando discursos de tarólogos e consulentes



João Pessoa, 2026

Conselho Editorial

Dilaine Soares Sampaio (UFPB)
Elisa P. Gonsalves Possebon (UFPB)
Fabricio Possebon (UFPB)
Fátima Sousa Lima (UFOPA)
Luiz Fernando Dias Pita (UERJ)
Jeane Odete Freire dos Santos Cavalcanti (UNIESP)
Maria Lúcia Abaurre Gnerre (UFPB)
Marilene Salgueiro (UFPB)
Tânia Maria Goretti Donato Bazante (UFPE)

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Publicação

C345t Cavalcanti, Fernanda Pinheiro.

O tarô como prática integrativa e a
extrassensorialidade no jogo : analisando discursos de
tarólogos e consulentes / Fernanda Pinheiro Cavalcanti.

- João Pessoa, 2026.

179p.: il.

ISBN 978-65-5264-097-0

1. Tarô. 2. Práticas integrativas. 3. Percepção
extrassensorial. 4. Arquétipos. 5. Análise do Discurso.
I. Título.

UFPB/BC

CDU 141.338 (043)

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito.

Ao maior torcedor do Clube de Regatas do Flamengo,
meu tio, padrinho e amigo:
Marcos Crispin Pinheiro
(*In Memoriam*).

“Se a vida é um jogo de cartas, nascemos sem conhecer as regras.”
(Nick de Saint Phalle, 1930-2002).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 TARÔ: Uma “controversa” origem.....	21
2 INCONSCIENTE COLETIVO E ARQUÉTIPOS: A relação dos conceitos de Jung com os 22 Arcanos Maiores do Tarô.....	35
3 AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES E A CHEGADA DO TARÔ NO BRASIL.....	102
4 A VOZ DAS CARTAS.....	126
CONCLUSÃO.....	156
LISTA DE FIGURAS.....	159
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	162
REFERÊNCIAS.....	163
APÊNDICES.....	175
SOBRE A AUTORA.....	177

INTRODUÇÃO

Meu interesse pela espiritualidade começa na infância. Hoje percebo claramente que o termo Espiritualidade sempre me acompanhou através de crenças de familiares, ou por sentimentos e sensações, que já anunciavam que existia algo intangível que perpassava o entendimento da matéria.

Atuo na área da Educação. Como formação, sou pedagoga, formada pelo Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, professora polivalente readaptada, da rede municipal de ensino de João Pessoa. Tenho Mestrado em Ciências das Religiões, na linha de Espiritualidade e Saúde, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Este foi o meu objeto de estudo na pesquisa do Mestrado: A Espiritualidade nas Práticas Integrativas: analisando discursos de participantes.

Também sou Pós Graduada em Psicopedagogia e ainda tenho especialização em Terapias Holísticas e Naturologia. Além disso, trabalho com a terapia de Reiki (Mikao Usui), com formação nos níveis I e II, e ainda com formação em Auriculoterapia. Após anos como usuária da Medicina convencional, desde maio de 2000, devido a um problema de saúde autoimune, conhecido como Lúpus Sistêmico, passei por experiências de incontáveis exames, diagnósticos e tratamentos médicos convencionais dos mais diversos. Tornei-me usuária das Terapias holísticas depois de alguns “insucessos” e reações adversas aos tratamentos alopáticos.

Diante disso, surgiu a inquietação em pesquisar os aspectos envolvidos nessa experiência, passando de usuária das práticas integrativas a pesquisadora. Passei a buscar possíveis explicações sobre a importância da Espiritualidade nas Terapias Integrativas e Complementares, considerando sua ligação com o campo de estudo da Espiritualidade e Saúde física. Por conseguinte, comecei a questionar de que maneira o elemento Espiritualidade pode influenciar em tratamentos de saúde da medicina convencional.

Em meio ao vasto universo das Terapias holísticas, tive contato com inúmeras terapias. Contudo nenhuma me chama mais a atenção que o uso de oráculos como recurso terapêutico, inclusive no que concerne acerca de possíveis entraves com o futuro. Me desperta sobremaneira o interesse nesta prática acerca do autoconhecimento, a possibilidade de trabalhar aspectos do inconsciente como compreensão do que precisa vir a ser conhecido. E com isso, promover a manutenção do bem-estar, da saúde em todas as dimensões do ser.

Meu primeiro contato com as cartas do Tarô foi ainda na infância, quando uma cartomante fez uma leitura para mim, autorizada pela minha avó. Embora não recordando o que a mesma dissesse, as sensações daquele momento não se perderam com o tempo. Lembro bem

da fascinação em ver aquela mulher mexendo no baralho de cartas simples e lendo coisas relacionadas a mim. Os anos passaram, as recordações ficaram distantes. Novamente, após alguns anos, já dentro do universo das Terapias holísticas, volto a ter contato com “as cartas”. Primeiramente, em 2015, com o Baralho Cigano, começando a fazer leituras por conta própria, de acordo com meus estudos e, sobretudo, com minhas intuições e sensações durante o jogo.

Nos anos seguintes, tive meus primeiros contatos com o Tarô,^{1 2 3} mais especificamente com o “Tarô de Marselha”⁴. Diante disso, tive o impulso de aprofundar mais o conhecimento acerca do Tarô. Para tanto, com o desejo de aprender suas técnicas de jogo e, na perspectiva do mesmo como uso terapêutico, fiz curso formação em 2017, dos Arcanos^{5 6} Maiores do “Tarô de Marselha”.

Prontamente comecei a utilizá-lo em minhas práticas como terapeuta, com o conhecimento das técnicas do jogo, aliado as minhas pesquisas da origem do Tarô, e a utilização de suas lâminas⁷, como ferramentas de autoconhecimento. Além do que, segundo Aranha (2010):

¹ O tarô é um jogo de 78 cartas místicas. Há 22 cartas que formam os Arcanos Maiores e representam indivíduos que personificam uma qualidade ou arquétipo particular. As 56 cartas dos Arcanos Menores representam eventos, pessoas, comportamentos, ideias e atividades que acontecem em nossa vida. [...]. Além de seu caminho místico, o tarô já foi usado na Idade Média como um jogo, conhecido como *tarochi* ou *tarocchino* e mais tarde como Trunfo. Ele ainda é usado como jogo na Europa hoje em dia (BARTLETT, 2011, p. 12 e 18).

² As referências etimológicas sobre o vocábulo nos levam, primeiramente, ao solo francês, em pleno século XVI. Em 1505, surge em Lyon, a palavra *taraux*; por volta de 1534, aparece em Paris a palavra *tarau*, para denominar o jogo de cartas; alguns anos mais tarde, em 1564, registra-se a palavra *tarots*; mas, somente em 1592, no estatuto da Associação do Fabricante de Cartas de Paris, aparece – pela primeira vez – a grafia *tarot* para denominar os *trunfos* e os *naibis*, e *taroteé*, para traços perpendiculares desenhados em seu dorso. *Observe*: a palavra *tarot* (o t final não é pronunciado no idioma francês) surge quase 200 anos após o aparecimento das cartas na Europa. [...]. (NAIFF, 2015, p. 296).

³ De onde vem o termo “*tarô*”? Por volta de 1500 houve um acontecimento importante: o tarô mudou de nome, não se sabe por quê. Chamado até então, de *trionfi*, tornou-se *tarocchi*. Essa mudança de nome é revelada na mesma data em duas fontes diferentes. Em 1505, os livros contábeis de Alphonse d’Este em Ferrara indicavam que o duque havia comprado oito jogos chamados de *tarocchi*. Na França, a mais antiga menção a um tarô de que se tem conhecimento também data de 1505, em um documento notarial de Avignon, no qual o fabricante de cartas Jean Fort se compromete a entregar, entre outras coisas, “quatro dúzias de [jogos de] cartas, comumente chamados de tarôs” (*quatuor duodenis quartarum vulgo appellatarum taraux*). (NALDONY, 2022, p. 97).

⁴ [...] O nome Tarô de Marselha refere-se a uma série de iconografias que identificam um tipo de baralho. [...]. Foi em Marselha que surgiram e prosperaram os mais importantes fabricantes de cartas. Eles exportaram as cartas para os outros países e o uso dos ícones do “Tarô de Marselha” tornou-se sinônimo da alta qualidade do baralho (LO SCARABEO, 2019, p. 13).

⁵ Arcano, originário do latim, *Arcanum*, significa arca, baú, caixa, que por extensão semântica nas línguas contemporâneas resultou em “aquilo que é profundamente secreto, enigmático, incompreensível.” Desde o final do século XIX, esse vocábulo foi agregado às cartas do Tarô sugerindo seu conteúdo oculto, místico; posteriormente o estudo das cartas-arcãos teve grande influência de conceitos jungianos, nos quais essas cartas se tornaram imagens arquetípicas [...]. (NAIFF, 2017, p. 7).

⁶ Segundo Nei Naiff, Arcano (s) não é arquétipo, e sim, a representação de uma imagem arquetípica. “[...] é preferível classificar uma carta do tarô com a denominação “imagem arquetípica”, jamais arquétipo [...]” (2015, p. 51).

⁷ Cartas.

O Tarô pode ser considerado um livro mudo, aquele em que as imagens provocam perguntas e nos possibilitam responder algo que não está explícito, mas totalmente implícito na exclusividade de cada arcano, nas relações numéricas, derivadas e nas imagens simbólicas que submergem para a revelação dos mistérios da alma humana, incluindo no caminho do indivíduo as inter-relações, unificando e condensando o propósito do espírito. (p. 17)

Para tanto, é relevante o entendimento, que aqui nesta pesquisa, o Tarô será compreendido como recurso terapêutico, sobretudo, dentro do campo das Práticas Integrativas e Complementares. Uma vez que, o uso das cartas dentro da perspectiva holística abre a possibilidade de analisarmos aspectos do inconsciente que podem ser trabalhados a partir das representatividades simbólicas arquetípicas apresentadas.

Segundo Jung (1875-1961),⁸ arquétipos são determinados a partir do inconsciente coletivo:

O inconsciente coletivo é uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência. Com o correr do tempo, foram-se definindo certos traços nessa figuração. São os denominados arquétipos ou dominantes - os dominadores, os deuses, isto é, configurações das leis dominantes e dos princípios que se repetem com regularidade à medida que se sucedem as figurações, as quais são continuamente revividas pela alma. Na medida em que essas figurações são retratos relativamente fiéis dos acontecimentos psíquicos, os seus arquétipos, ou melhor, as características gerais que se destacam no conjunto das repetições de experiências semelhantes, também correspondem a certas características gerais de ordem física. Este é o motivo pelo qual é possível transferir figurações arquetípicas, como conceitos ilustrativos da experiência diretamente ao fenômeno físico - ao éter, o elemento arcaico do sopro ou da alma, representado na imaginação geral, ou à energia, a força mágica - outra ideia universalmente difundida. (JUNG, 1987, p. 86)

Sendo estes os conceitos basilares de inconsciente coletivo e arquétipos dentro da concepção junguiana, que serão pertinentes a este estudo. Os quais ainda, compreendemos, como sendo respectivamente: O inconsciente coletivo, como um gigantesco baú contendo todas as informações pertinentes às experiências humanas, independente de sociedade e cultura. Ou seja, experiências comuns a todos. Já os arquétipos, são as representações por figuras, sejam estas simbólicas ou reproduções expressivas de tudo que está armazenado no inconsciente. Como por exemplo, a figura da mãe, o herói, os deuses, o demônio, entre outros.

Diante do que, o Tarô, nosso objeto de estudo, é composto por 78 (setenta e oito) cartas. Contudo, nesta pesquisa, trabalharemos diretamente com as 22 (vinte e duas) cartas que

⁸ Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicólogo suíço fundador da Psicologia analítica, foi o “primeiro sucessor de Freud a fazer aproximações entre as tradições do oriente e do ocidente, criando pontes espaciais e temporais, contribuindo para um melhor conhecimento do ser humano.” (FIALHO, 2014, *apud* FIGUEIRA *et al.*, 2016, p. 143).

correspondem aos Arcanos Maiores do Tarô. Na perspectiva de focarmos na relação direta dos 22 (vinte e dois) Arcanos,⁹ com os conceitos junguianos sobre arquétipos, o Tarô pode vir a ser usado como recurso terapêutico, através de imagens, símbolos e numerações, correspondendo a fases da vida. E, sobre símbolos é relevante compreender que,

[...] passou gradualmente a significar tudo aquilo que por acordo geral ou particular, seja por analogia ou associação, representasse alguma situação, coisa ou pessoa. Geralmente a palavra símbolo é utilizada como sinônimo das palavras signo, sinal, sigla, emblema, atributo, alegoria, mito, parábola, fábula, ícone, ídolo, imagem; embora não sendo correto, essa analogia é admissível no coloquial. (NAIFF, 2002, p. 30)

Logo, entendemos o Tarô dentro desta dinâmica simbólica, riquíssima de significados, torna-se, portanto, uma verdadeira Jornada Arquetípica¹⁰, que segundo Ferreira Netto (2016, p. 19):

As 22 cartas dos Arcanos Maiores do Tarô consistem em uma série de imagens retratando os diferentes estágios de uma jornada. Essa jornada é a do Louco, a primeira das 22 figuras. Seguido pelo Mago, A Sacerdotisa ou Papisa, A Imperatriz, O Imperador, O Papa ou Hierofante, Os Enamorados, O Carro, A Justiça, O Eremita, A Roda da Fortuna, A Força, O Enforcado, A Morte, A Temperança, O Diabo, A Torre, A Estrela, A Lua, O Sol, O Julgamento e O Mundo.

Considerando que existem inúmeros baralhos de Tarô disponíveis, nesta Jornada Arquetípica, averiguaremos histórica e simbolicamente a origem do Tarô. Sabemos que, ao longo dos tempos, de diversas partes do mundo, vários artistas, místicos e pensadores, retrataram de acordo com a temporalidade em que viviam os Arcanos, nas mais diversas formas, como afirma Bem-Dov (2020, p. 31): “[...] Novos tarôs com desenhos variados começaram a aparecer com uma frequência cada vez maior; primeiro, dezenas, mas, com o tempo centenas a cada ano [...].”

Entre os principais Tarôs, estão: “O Tarô de Marselha”, e os “Transculturais”¹¹: “Tarô Mitológico”, “Tarô do Antigo Egito”, “Tarô Suíço”, “Tarô de Shakespeare”, “Tarô de Leonardo da Vinci”, “Tarô de Salvador Dali”, dentre diversos outros.¹²

⁹ [...] Especula-se bastante sobre a origem dos 22 Arcanos Maiores: só temos certeza de que os temas das cartas são muito antigos. Alguns estudiosos dizem que eles refletem o caminho da iniciação mística. Jung os chamou de Arquétipos. Importante mesmo é não perder de vista que as imagens que as cartas nos mostram remontam às origens da consciência humana (SCARABEO LO, 2019, p. 12).

¹⁰ NICHOLS, 2007.

¹¹ Termo utilizado por Nei Naiff (2015), para definir as cartas de Tarô que surgiram após o “Tarô de Marselha”. Sendo estes, com gravuras representativas da cultura e o tempo do pintor, sem, contudo, perder a essência da simbologia dos jogos de Marselha.

¹² Disponível em: <http://www.intertarot.com/central/tar/x24y.htm>. Acesso em: 15 fev. 2018.

É imprescindível abrirmos este parágrafo, deixando claro que, não é foco desta pesquisa realizar estudo comparado dos diversos tipos de baralhos de cartas de Tarô existentes, embora, utilizamos principalmente, figuras que retratam diversos tipos históricos e culturais de jogos de cartas. Logo, daremos ênfase ao “Tarô de Marselha”, e suas 22 lâminas dos Arcanos Maiores, tanto por sua popularidade, como ainda, por sua simbologia. Para tanto, ao estudarmos o Tarô nos deparamos com duas importantes dimensões, sobretudo, presentes no campo social, que de acordo com Fátima Tavares (1999) são estas: a Dimensão Racional e a Dimensão Transcendente.

A primeira, a Dimensão Racional, compreende o Tarô como uma técnica de jogo passível de ser repassada, ensinada. Que aprendemos ainda em cursos preparatórios, ou palestras especializadas na arte das cartas. Como também, por meio de livros e artigos a respeito do jogo. A outra dimensão, a Transcendente diz respeito ao aspecto intuitivo (que é compreendido como os pensamentos e sensações, que todos nós temos, contudo, uns mais e outros menos, acerca de possíveis acontecimentos). As duas dimensões propostas pela autora, acima citada, constituem o Tarô como instrumento de autoconhecimento.

Acerca do caráter intuitivo (que trazemos várias vezes ao longo deste trabalho) atribuído ao jogo do Tarô, é que dá a tônica ao objetivo da nossa pesquisa, uma vez que dentro do Tarô, como provável Prática Integrativa e Complementar, investigamos a hipótese da existência do componente da Extrassensorialidade, durante a abertura do jogo destas cartas. E de tal modo, relacionamos tal componente com a intuição dos tarólogos. Logo, entendemos que são elementos não perceptíveis aos sentidos da matéria física.

Entretanto, é imprescindível destacarmos que a intuição, como afirma Rohr (2013), é composto intrínseco da Dimensão Mental do Ser, e que vem ainda a tanger os pressupostos da Dimensão Espiritual, sobre a qual dialogamos mais adiante, neste trabalho. Sendo assim, trazemos ainda a discussão da Percepção Extrassensorial, como fator intuitivo que está presente nas tiragens de cartas para esta pesquisa. Compreendemos de tal modo, a possibilidade deste fator estar ligado ao aspecto, que diz respeito à Dimensão Transcendente¹³ do jogo.

Contudo, ao que concerne aqui a intuição, ao tarólogo não cabe “adivinhar” as cartas que foram tiradas pelo consulente,¹⁴ e sim “desvendar” através da simbologia das “imagens arquetípicas”¹⁵ representadas pelos arcanos dispostos nas cartas, qual a mensagem vinda do

¹³ TAVARES, F. R. G. Tornando-se tarólogo: percepção ‘racional’ versus percepção ‘intuitiva’ entre os iniciantes no tarot no Rio de Janeiro. *Numem* (UFJF), Juiz de Fora, v. 2, n.1, p. 97-123, 1999.

¹⁴ Indivíduo que consulta oráculos. No caso aqui em específico, as cartas do Tarô.

¹⁵ Representações dos Arquétipos do Inconsciente, que podem ser expressas por meio de figuras, desenhos, gravuras, símbolos, dentre outros elementos (grifo da autora).

inconsciente, que ali está se apresentando. E tão logo, aqui investigamos como podendo vir a ser esta intuição, a Percepção Extrassensorial presente neste jogo.

De tal modo, é imprescindível compreendermos que, aspectos tanto da dimensão racional, como da dimensão transcendental estão ávidos e atuantes dentro desta prática. Além disso, aqui nesta Tese, é necessário falarmos acerca da sensível diferença entre o estudo do Tarô e a Cartomancia, que possui caráter de “adivinhação”. Que de acordo com Tavares (1999, p. 115):

Para os tarólogos, o termo cartomante refere-se basicamente à pessoa que joga com cartas de baralho comum (embora existam cartomantes que joguem com o baralho de tarot). A diferença fundamental, no entanto, diz respeito à forma do aprendizado: este profissional desenvolve em geral sua aptidão sozinho ou através do grupo familiar, a partir da crença em um “dom” de nascença, possuindo uma espécie de “mediunidade” para captar as mensagens através das cartas.

Com isso, podemos perceber que existe todo um contexto de separação social entre cartomantes, que em sua maioria pertencem às camadas mais populares, e os tarólogos, que geralmente são de classes médias.¹⁶ Como afirma Silva (1986, *apud* SANTA ROSA JUNIOR, 2010, p. 1-2):

[...] a tarologia é praticada até por pessoas de nível universitário, que tiveram acesso ao conhecimento científico; estas pessoas utilizam, para legitimar sua prática todo um arcabouço explicativo baseados no avanço da física e da psicologia, e não mais exclusivamente um dom mediúnico ou num poder divino; e o tipo de conhecimento adquirido atualmente pelo oráculo em quase nada se assemelha aos sistemas divinatórios tradicionais.

Podemos observar ainda, que o tarólogo busca um reconhecimento científico, baseado na forma de aprendizado, nas técnicas da leitura dos Arcanos do Tarô. Esse conhecimento acontece a partir da compreensão dos significados simbólicos, interpretações, aliados ao que há de mais subjetivo e de mais difícil acesso, sobretudo, aos tarólogos iniciantes, que é a intuição. Quanto à simbologia mística sagrada fortemente presente neste estudo, de como o Tarô pode ser usado como recurso terapêutico, Eliade (1992), nos traz a presença do sagrado mostrando a manifestação da presença religiosa, através do forte simbolismo presente nas cartas.

Retirado da vida religiosa propriamente dita, o sagrado celeste permanece ativo por meio do simbolismo. Um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência. (ELIADE, 1992, p. 64)

¹⁶ TAVARES, 1999, p. 115.

No que concerne ao símbolo, na perspectiva junguiana:

[...] Só através do símbolo o inconsciente pode ser atingido e expresso; este é o motivo pelo qual a individuação não pode, de forma alguma, prescindir o símbolo. Este, por um lado, representa uma expressão primitiva do inconsciente e, por outro, é uma ideia que corresponde ao mais alto pressentimento da consciência. (JUNG, 2011, p. 35)

Além disso, é indispensável que saibamos que dentro do campo social, com o avanço da modernidade, o homem deixou de acreditar na manifestação do sagrado. Outrora, intensamente presente nas culturas primitivas, deixando para trás o transcendente. Deu-se lugar, então, ao *ethos* dominante da sociedade racional, como ainda afirma Tavares (1999, p. 102):

À medida que a conduta racional ganha força a ponto de constituir-se como *ethos* dominante, já não cabe mais ao homem acreditar em forças explicativas extra mundanas, que possam substituir seu próprio esforço pessoal. A despeito desta tendência em direção à secularização crescente, a modernidade sempre conviveu com esferas de conduta mágicas, em maior ou menor tensão com a autonomia alcançada pela esfera racional,⁷ desde o final dos anos 60, esta dinâmica de tensão vem ganhando novos contornos. Neste sentido, presenciamos nos dias atuais uma pluralidade de movimentos que pretendem - de diferentes formas - questionar esta postura desencantada, através do reavivamento de valores e crenças “estranhos” à conduta dominante da sociedade ocidental moderna. Proliferam em diversos países, bem como em diversas regiões do Brasil, movimentos os mais diversos que, assumindo esse caráter, têm sido designados como alternativos.

Dentro do contexto da explosão da Contracultura,¹⁷ sobretudo na década de 60, movimentos surgiram na perspectiva de reavivar valores e crenças em uma sociedade ocidental moderna, saturada das “promessas” da modernidade. Como por exemplo, no campo da medicina aliada ao sistema capitalista. Diante desse cenário, eis que surgem os Novos Movimentos Religiosos,¹⁸ de caráter alternativo ao modelo tecnicista. Além do que, propagador das religiosidades paralelas, que seriam tipos de práticas espirituais fora do contexto das igrejas cristãs tradicionais.

[...] à ascensão, no final dos anos 60 e início dos 70, da chamada “Contracultura”, presente no movimento *hippie*. O tarot cresceu no bojo deste processo, ou melhor, a popularização do jogo, pois sua prática encontrava-se circunscrita às “Escolas Iniciáticas” (escolas de iniciação esotérica de caráter fechado). Com o “boom” do movimento alternativo durante a década de 80, o tarot saiu de seu confinamento, circunscrito às Escolas “fechadas”, conquistando um espaço privilegiado no rol das inúmeras práticas alternativas. (IBIDEM, p. 105)

¹⁷ GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro.** (Coleção Temas do ensino religioso). São Paulo - SP: Paulinas, 2006.

¹⁸ Novos Movimentos Religiosos (NMR's). GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro.** (Coleção Temas do ensino religioso). São Paulo - SP: Paulinas, 2006.

Além do que, como ainda nos mostra Ben-Dov (2020, p. 31): “O movimento da Nova Era deu às cartas de tarô um impulso significativo. Esse interesse renovado originou-se principalmente nos Estados Unidos e depois se espalhou por todo o mundo [...]”. Foi neste novo contexto social, místico e religioso, de contestação e do nascimento de novos paradigmas, que despontou o Tarô. Sobretudo, no universo das terapias alternativas, aqui no Brasil. Que mais tarde serão chamadas de Práticas Integrativas e Complementares.

As PICS¹⁹ surgem a partir das medicinas vitalistas, as quais são menos invasivas, que têm em suas essências a proposta de modelo holístico, pois vê o ser humano em todas as suas dimensões²⁰: física, sensorial, mental, emocional e espiritual. Sendo assim, é importante salientarmos aqui, o conceito de saúde, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) é: “[...] *state of complete physical, mental and social well-being and not merely the absence of disease or infirmity.*”²¹ “[...] estado completo de bem-estar físico, mental e social e não apenas, a ausência de doença ou enfermidade.”²²

Diante disso, o nosso interesse em estudar o Tarô na atualidade, principalmente em trazê-lo ao debate acadêmico, vem da possibilidade de sua utilização nas Ciências das Religiões dentro do campo da Espiritualidade e Saúde. Uma vez que trazemos o possível uso do Tarô como instrumento terapêutico de autoconhecimento, que pode vir a trabalhar fundamentos holísticos é parte, portanto, do universo das Práticas Integrativas e Complementares. Como tal, aplica-se às Ciências das religiões, já que:

[...] as Ciências das Religiões no campo da Espiritualidade e Saúde, vem a colaborar com o estudo das crenças, valores e representações simbólicas do ser humano de acordo com a sua cultura, através da compreensão de fé, e da consciência, de acordo com a espiritualidade e crença individual, no intuito de prevenção e restabelecimento da saúde. (CAVALCANTI, 2018, p. 230)

O estudo do Tarô torna-se relevante, pois envolve uma gama de aspectos no campo das Ciências das Religiões, especificamente neste trabalho. Ao qual concerne a nossa linha de pesquisa, Espiritualidade e Saúde, quando apresentamos aqui o Tarô como prática terapêutica. O Tarô no campo das Práticas Integrativas e Complementares, por meio das cartas, é também ferramenta de autoconhecimento. Trabalhando aspectos que dizem respeito às dimensões do

¹⁹ Abreviação de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

²⁰ ROHR, Ferdinand. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação / Ferdinand Rohr. Campinas - SP: Mercado das Letras, 2013.

²¹ CONSTITUTION OF THE WORLD HEALTH ORGANIZATION. Disponível em: <http://apps.who.int/gb/bd/PDF/bd47/EN/constitution-en.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

²² Tradução da autora.

ser²³, os quais são de grande valor aos estudos realizados pelos autores desta linha. Como afirma Rohr (2011), tais dimensões são assim definidas: Dimensão Física, Dimensão Sensorial, Dimensão Emocional, Dimensão Mental e Dimensão Espiritual.

Estudar o Tarô dentro das Ciências Humanas nos trouxe a possibilidade de trazer ao debate grandes autores que trabalharam diretamente com o tema. Tendo sido encontrado então, 21 artigos em vários idiomas e áreas científicas no banco da CAPES, entre 1978 a 2017; 1 artigo científico sobre Tarô (jogo) em espanhol na plataforma da *Scielo* e dezenas que trouxeram o objeto em questão como tema secundário.

Ao realizarmos uma investigação aleatória no site de busca Google encontramos vários artigos, principalmente oriundos de páginas esotéricas da internet. Contudo, somente alguns de origem acadêmica. Seguindo ordem recente de publicação encontramos os seguintes trabalhos: “Verbi – o idioma do caos: línguas, linguagens e a psique junguiana em cena” (FIGUEIRA *et al*, 2016); “Descanonização de símbolos católicos: O caso do Tarô Católico e os novos sentidos religiosos” (SILVEIRA, 2015); “A produção de textos e o tarô” (Feitosa, 2014); “Tornando-se tarólogo: Percepção “racional” versus percepção “intuitiva” entre os iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro” (TAVARES, 1999).

Ainda foram encontradas quatro monografias; cinco dissertações de mestrados, dentre estas dissertações: “Mosaicos de Si. Uma abordagem sociológica da iniciação no Tarot” (TAVARES, 1993), além de três teses de doutorado, foram encontradas nas mais diversas áreas, muitas outras obras e artigos científicos, relacionados à temática do Tarô ao longo de todo o percurso desta pesquisa.

Quanto aos trabalhos acerca do uso do Tarô como recurso terapêutico, dentro do universo das Terapias holísticas, encontramos especialmente pesquisas da Fátima Tavares, como o artigo, “Legitimidade terapêutica no Brasil contemporâneo: As Terapias alternativas no âmbito do saber psicológico (TAVARES, 1993).

Em Ciências das Religiões, encontramos o artigo do Emerson Sena da Silveira, o qual já foi mencionado no parágrafo anterior, que traz o “Tarô Católico”, como temática. Além do que, na linha da Espiritualidade e Saúde temos o artigo científico, “Da percepção extrassensorial ao Tarô como recurso terapêutico: um olhar fenomenológico”²⁴, dos autores da

²³ POSSEBON, Fabrício. Espiritualidade e saúde: a experiência grega arcaica. In: Elisa Gonsalves Possebon; Fabrício Possebon. (Orgs.). **Ensaio sobre espiritualidade, emoções e saúde**. João Pessoa - PB, Libellus, 2017.

²⁴ POSSEBON, Fabrício e CAVALCANTI, Fernanda P. Da percepção extrassensorial ao Tarô como recurso terapêutico: um olhar fenomenológico. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, V. 35, N. 1, p. 227-241, Jan.-Abr. 2020. Disponível em: Da Percepção Extrassensorial ao Tarô como Recurso Terapêutico: Um olhar fenomenológico | Possebon | Revista Encontros Teológicos (emnvens.com.br). Acesso em: 14 jan. 2021.

mesma área, Fabrício Possebon e Fernanda P. Cavalcanti. Artigo este, que é extensão desta nossa Tese de doutorado. Logo, como podemos observar, esta pesquisa é inédita e de extrema relevância, tanto na área das Ciências das Religiões, como na linha da Espiritualidade e Saúde.

Para tanto, buscamos a linha da Espiritualidade e Saúde dentro das Ciências das Religiões, para realizar esse trabalho, uma vez que nos traz a perspectiva de um estudo voltado ao campo que pesquisa, o elemento Espiritualidade como uma das Dimensões Constituintes do Ser. Pois, há vários anos o Tarô já vem sendo utilizado como ferramenta em ambientes de Práticas holísticas. Ou melhor dizendo, o Tarô é utilizado como instrumento no campo das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), não só como complemento a tratamentos e diagnósticos, como ainda, uma “porta de encaminhamento” a diversas outras terapias, como veremos em campo com alguns tarólogos, que além de tarólogos são terapeutas holísticos.

Porém, ainda é necessário um debate acerca do uso do Tarô como uma prática terapêutica dentro do universo das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), uma vez que ainda não existe o reconhecimento do Tarô no rol das terapias integrativas reconhecidas pelo SUS. Portanto, o nosso objeto aqui investigado, o Tarô como Prática Integrativa e Complementar e a sua dimensão extrassensorial é algo inédito no campo acadêmico, abrindo caminhos a possíveis futuras discussões e aprofundamentos, sobre o uso do Tarô não só como lúdico e divinatório, mas ainda, como recurso terapêutico holístico reconhecido em Lei.

O nosso objeto de estudo, o Tarô, torna-se parte do campo de onde esta Tese nasce que é o campo das Ciências das Religiões, no instante da abertura destas cartas, na leitura simbólica das representações dos arcanos ali dispostos. Remetendo aos aspectos não só das “crenças”, como ainda da busca intrínseca pelo “Sagrado”, que ali estão fortemente presentes, na dinâmica do jogo e de tudo que é percebido e falado, pelos sujeitos que são os tarólogos, que leem e interpretam as imagens apresentadas. Como também neste emaranhado, estão as perspectivas e crenças (religiosas ou não), do consulente que ali, junto às cartas, estão sim, buscando algo. Seja no âmbito das previsões futuristas, ou de tal maneira, na busca do autoconhecimento.

Logo, se seguissemos unicamente o viés metodológico das Ciências das Religiões, (que é a nossa área de estudo), e da linha de pesquisa da Espiritualidade e Saúde, com foco nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), simplesmente pela disposição que acontece o jogo de Tarô, e a crença dos sujeitos envolvidos, já teríamos respondido boa parte ao que se propõe esta Tese.

Nesse aspecto, apresentamos as falas de tarólogos e seus consulentes para uma

discussão a respeito do uso do Tarô como Prática Integrativa e Complementar e se a extrassensorialidade no jogo tem alguma ligação com possíveis aspectos intuitivos. Assim, levando-se em conta todas as considerações que foram feitas até o instante, elencamos a seguinte hipótese:

Como podemos analisar os discursos de tarólogos e consulentes acerca da utilização do Tarô como Prática Integrativa e Complementar e a presença extrassensorial no jogo como possível fator intuitivo?

Diante disso, buscamos então, responder os seguintes objetivos, investigando através de uma Análise do Discurso a fala de tarólogos e consulentes acerca da utilização do Tarô como Prática Integrativa e Complementar e a presença extrassensorial no jogo como possível fator intuitivo. Além disso, trazendo a contraditória história da origem do Tarô e simbologia. Além do que, a trajetória das cartas, como simples jogo de entretenimento até o caminho da adivinhação. E ainda, a história do “Tarô de Marselha.”

Realizamos um levantamento bibliográfico da relação dos conceitos de Jung: Arquétipos e Inconsciente Coletivo com os 22 (vinte e dois) Arcanos Maiores do Tarô. E ainda, a face terapêutica das cartas e a sua relação com as PICS. Contextualizamos as Práticas Integrativas e Complementares, em Saúde (PICS), com pontos acerca de sua trajetória histórica, e suas origens orientais e vitalistas. Além do que, a chegada das PICS, e movimentos contraculturais no ocidente. Como ainda, algumas das principais Racionalidades Médicas²⁵ vigentes. Para daí então, trazermos a chegada do Tarô, no Brasil, e o seu contexto como ofício dentro da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho.²⁶

Escolhemos a Pesquisa Qualitativa, uma vez que buscamos interpretar todos os aspectos que fazem parte do universo do objeto que investigamos, de forma natural e simples, ou seja, tal qual como se apresentam. Sendo assim, buscando atender aos seus parâmetros, é imprescindível destacarmos que:

Pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativas que dão visibilidade ao

²⁵ A categoria Racionalidade Médica foi criada pela Prof^a. Dr^a. Madel Luz em 1991, para estudar sistemas médicos complexos. É uma categoria ideal típica weberiana que postula indutivamente que um sistema terapêutico complexo, para ser uma Racionalidade Médica, tem necessariamente seis dimensões: uma cosmologia, a própria tessitura cultural com suas imagens e representações de onde emanam e onde se ancoram as demais dimensões; uma morfologia, ou descrição do corpo humano; uma dinâmica vital, conjunto de ações racionalmente elaboradas sobre o fenômeno da vida humana; uma doutrina médica em que causas, efeitos e definições do adoecer são explicados e repertorizados; uma diagnose desses padrões ou doenças e uma (ou várias, no caso da RMC) terapêutica (LUZ, 2005, p. 85).

²⁶ CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (CBO) / MINISTÉRIO DO TRABALHO. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 28 set. 2021.

mundo. Essas práticas transformam o mundo. Elas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas dentro dos seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN; LINCOLN, 2006, apud GONSALVES, 2018, p. 76)

Para tanto, a Pesquisa Qualitativa aqui neste trabalho, é base sólida para dispormos ainda, da Análise do Discurso como método investigativo, uma vez que alçamos compreender por meio desta técnica metodológica, o que está contido em cada discurso. Expressos em campo, sejam pelas falas, ou simplesmente pelas posturas e ações dos sujeitos.

[...] o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1975, apud BRANDÃO, 2012, p. 77)

E sobre o que pensam acerca do papel do sujeito, em campo, sob a ótica da Análise do Discurso, a mesma autora afirma:

Para a análise do discurso, é essa concepção de sujeito – que vai perdendo a polaridade centrada ora no eu ora no tu e se enriquecendo com uma relação dinâmica entre identidade e alteridade – que vai ocupar o centro de uma de suas preocupações atuais. Para ela, o centro da relação não está nem no eu nem no tu, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. [...]. (p. 76)

Dentro de colocações, a respeito dos sujeitos que atuam e modificam os discursos em campo, esta pesquisa apresenta a Análise do Discurso dentro da perspectiva de estudiosos do método, como: Brandão (2012), Pêcheux (2015) e Orlandi (2020). Autores que dialogam entre si em seus pensamentos, nos levando ao “dito e não dito”²⁷ dos personagens que são partes desse campo que estabelecemos das cartas de Tarô, aqui nesta Tese.

Seguindo então, o trajeto investigativo, após realizar primeiramente um levantamento Histórico-Bibliográfico acerca do Tarô, quanto à sua origem e simbologia, acompanhamos durante aproximadamente um ano, um grupo de três tarólogos e seis consulentes na cidade de João Pessoa, em seus locais de atendimentos. Sabendo que além de tarólogos, alguns destes sujeitos são ainda terapeutas holísticos.

Para tanto, estabelecemos um número determinado de dois interagentes²⁸/consulentes, a cada um dos três tarólogos. Onde seguimos observando e relatando as sessões de “abertura

²⁷ ORLANDI, 2020.

²⁸ Como é chamado o usuário das Terapias Integrativas e Complementares (TICS). (CAVALCANTI, 2018).

das cartas”, que foram então, previamente marcadas. Assim, salientamos ainda, que os tarólogos e consulentes, participantes da pesquisa autorizaram, mediante assinatura em Termo de Consentimento, o uso de seus nomes verdadeiros e imagens. Assim, asseguramos maior credibilidade científica à nossa Tese.

Diante disso, acompanhamos então, utilizando as nossas ferramentas de coleta de dados, onde considerando as falas dos sujeitos (os tarólogos) e seus consulentes, que foram apreendidas tanto nas Entrevistas Semiestruturadas, de forma on-line, através de e-mails e áudios do Aplicativo de mensagens *Whatsapp*, devido à necessidade de distanciamento imposto pela Pandemia do Novo Coronavírus.²⁹

Entretanto, as observações dos jogos de Tarô foram todas realizadas presencialmente, tanto nos locais de atendimento destes tarólogos, como na própria casa da pesquisadora. Após todos os envolvidos na pesquisa, estarem devidamente vacinados contra o Coronavírus (com pelo menos as duas doses da vacina recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Como falamos, primeiramente aplicamos junto aos tarólogos uma entrevista semiestruturada. Onde buscamos assim, maior sustentação à nossa investigação, uma vez que,

[...] torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas. (MYNAIO, 2004, p. 58)

Em seguida, após cada jogo, fizemos mais uma pergunta a cada tarólogo acerca de suas sensações durante a abertura das cartas. Como igualmente, fizemos uma pergunta a cada consulente da pesquisa, a respeito de suas percepções acerca do que foi exposto pelo tarólogo na leitura de cada carta do jogo.

Diante disso, por meio da Análise do Discurso, realizamos a apreciação das informações que foram obtidas nas Entrevistas Semiestruturadas juntamente com a Observação Participante de todos os aspectos presentes no campo. Em campo, ainda utilizamos o viés da Observação Participante como instrumento de coleta de dados, já que, segundo Creswell (2014, p. 82) é: “[...] por meio da observação participante, em que o observador mergulha nas vidas diárias das pessoas e observa e entrevista os participantes do grupo [...]”. E, como afirma Minayo, acerca da Observação Participante (2001):

²⁹ Exatamente no período em que aconteceu a pesquisa parte desta Tese, vivenciamos uma das piores pandemias historicamente vivenciadas pela humanidade: A Pandemia do Novo Coronavírus. Que ceifou milhares de vidas por todo o Planeta. (Grifo da autora).

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MYNAIO, 2001, p. 59-60)

Com a Análise do Discurso como método “[...] buscaremos trazer o que está por trás sustentando o discurso dos participantes da pesquisa. Com a sutileza ao investigar criteriosamente os pontos que se interligam e formam a compreensão que estes têm [...]” (CAVALCANTI, 2018, p. 47).

Frisamos que o trabalho está dividido em quatro capítulos, no intuito de responder aos nossos objetivos, que foram estabelecidos para este trabalho de Tese. Adiante buscamos trazer de maneira acessível ao entendimento, não a procedência comprovada no primeiro capítulo desta Tese, as fontes históricas que carregam por séculos a possível origem de um dos jogos mais conhecidos da humanidade: o Tarô. E parte da sua gama pluricultural regada de conhecimentos, práticas e mistérios, que tanto povoam o imaginário de muitas pessoas. Como vem cada vez mais despertando o interesse ao seu uso terapêutico, sobretudo, junto às Práticas Integrativas e Complementares. Mas, antes de qualquer coisa, é imprescindível trazermos aqui a discussão acerca da “controversa” e intrigante história da origem do Tarô. Para daí então, darmos continuidade ao que propomos de fato, com este trabalho.

1 TARÔ: Uma “controversa” origem

O Tarô historicamente tem origem contraditória, havendo, por isto, inúmeras histórias que narram a sua origem, estando presente desde os primórdios de diversas civilizações antigas. Segundo Aranha (2010, p. 1), “[...] O Tarô é um baralho de cartas de origem misteriosa e desconhecida. Sabe-se que sua existência é de no mínimo seis séculos. [...]”. Para algumas suposições esotéricas, o Tarô origina-se no Antigo Egito, no livro de *Thoth*. Outras suposições esotéricas fazem relação com as 22 letras do alfabeto hebraico, devido à ligação do Tarô com baralhos de jogos, segundo Santa Rosa Junior (2010). O nascimento do Tarô é atribuído junto as culturas orientais Chinesa, Indiana e Persa, igual a outros tipos de jogos, como o dominó, por exemplo.

Existe também a atribuição de sua criação ao povo cigano.

É possível que haja uma ligação entre a origem do baralho e os ciganos. Alguns historiadores associam as cartas com os ciganos originários do Indostão forçados a sair da Índia, no início do século XV, por Timur Lenk, conquistador islâmico de grande parte da Ásia Central e da Europa Oriental. (IBIDEM, p. 12)

Contudo, segundo relatos, a teoria dos ciganos como criadores do Tarô perde força, já que a História mostra que já existia o jogo de cartas antes mesmo da chegada do povo cigano em terras europeias. Há também uma teoria de que o Tarô fora criado pelos Mamelucos,³⁰ que dominaram o Egito entre os séculos XIII a XVI, fazendo comércio com o Sul da Europa, difundindo o jogo de cartas na cultura europeia. Mas, quando nos aprofundamos em outros autores da área, vimos que o baralho de cartas, ao que tudo indica, tem origem na China, juntamente com outros jogos lúdicos, como o dominó (LOUIS, 2019).

Sendo assim, não foram nem os chineses e nem tampouco os mamelucos islâmicos, que “inventaram” o Tarô. Possivelmente, os chineses criaram as cartas lúdicas chamadas de *naipes*,³¹ e os Mamelucos talvez as tenham levado à Europa, onde servem de base à criação dos primeiros *Tarocchi* ou Tarô, que eram cartas com pinturas representando o cotidiano das nobres famílias do Norte da Itália.

São estas, portanto, algumas breves narrativas históricas de como surgiu o jogo de Tarô e de como ele se difundiu por mais de quinhentos anos, vindo assim a percorrer pelo mundo. O Tarô desde sempre despertou a curiosidade de místicos e pesquisadores das mais diversas áreas

³⁰[...] um grupo de nômades oriundos da Turquia e da Rússia e treinado para lutar ao lado dos exércitos mulçumanos no Egito. [...]. (IRWIN, 1986 apud SANTA ROSA JUNIOR, 2010, p. 12).

³¹ LOUIS, 2019.

científicas ao longo dos séculos, acerca de sua origem e significado simbólico, e ainda, de como funcionam as cartas do Tarô, sobretudo, como representações de códigos trazidos do inconsciente. Tão logo, nos aprofundaremos nesses pontos.

Sendo assim, como já falamos, adentrar na história do Tarô, especialmente, na sua origem não é tarefa fácil. Uma vez que existe uma gama de histórias controversas neste universo de cartas e símbolos, recheadas de dizeres relatados do puro imaginário humano, sobretudo, de místicos e esotéricos ao longo dos séculos.

Dúvidas sobre o criador original das cartas de tarô, a época e o local da sua criação, o significado de seus símbolos complexos e até mesmo a origem do nome “tarô” há muito tem sido debatido, inspirando tanto uma erudição séria quanto uma especulação insana. [...]. (BEM-DOV, 2020, p. 20)

De acordo com alguns historiadores, os primeiros baralhos de cartas nascem na China, com outros jogos lúdicos.

As cartas de baralho só começaram a existir depois da invenção do papel, a qual os historiadores atribuem aos chineses de mais ou menos cem anos antes do nascimento de Cristo. Muitos historiadores acreditam que os chineses antigos inventaram o baralho e outros jogos como o dominó e o *mahjong*. Com o tempo, as cartas vieram para o oeste através de rotas de comércio e se popularizaram nos países árabes no Oriente Médio. As cartas mamelucas do século XIV, do Egito, são surpreendentemente semelhantes às cartas modernas e às cartas numéricas do tarô. (LOUIS, 2019, p. 27)

Embora, segundo relatos, baralhos lúdicos são levados à Europa pelos Mamelucos islâmicos.³² Certos autores como Bartlett (2011), afirmam que foi por meio dos Cavaleiros Templários “[...] durante e depois as Cruzadas à Terra Santa. [...]” (p. 16). Outros afirmam que foi através dos Povos Ciganos, que as cartas chegaram ao Ocidente. Além do que, existem aqueles (alguns esotéricos), como por exemplo, Antoine Court Gébelin (século XVIII), que afirmam que o Tarô tem berço no Antigo Egito, precisamente originado do “Livro de Thoth” (deus egípcio dos mistérios e magia).³³

Embora sua trajetória histórica ainda cause pol  mica entre os pesquisadores e ninguém sabia datar com precisão sua origem, há evidências que permitem descobrir várias pistas confiáveis. Supõe-se que o Tarô nasceu com o advento da impressão no século XV e, sobretudo, com o desenvolvimento da xilogravura. Segundo os

³²    quase certo que os   rabes que foram para a Espanha durante a segunda metade do século XIV tenham levado consigo o baralho mameluco para que pudessem continuar jogando o jogo egípcio de *na  ibs* ou “substitutos”. A palavra   rabe *na  ib* significa alguém que é o segundo no comando. Os espanhóis chamaram as cartas de *naipes* por causa do nome do jogo, e a palavra *naipe* acabou se tornando palavra oficial na língua espanhola, como também na portuguesa. (IBIDEM, p. 27 e 28).

³³ BARTLETT, 2011.

historiadores, teria surgido há cerca de quinhentos anos e, portanto, em teoria, remontaria à época do Renascimento. Embora os baralhos de tarô europeus tenham se inspirado nas cartas dos mamelucos islâmicos, das quais seriam primos distantes, o Tarô teria aparecido, de fato, na Lombardia do século XV, por volta de 1420, [...]. (PARISSE, 2020, p. 9)

Vamos, então, nos debruçar nas primeiras cartas pintadas, por volta dos séculos XIV e XV, ao Norte da então, Itália Renascentista. Até porque quando abrimos este capítulo, “Tarô: uma “controversa” origem”, já era de nosso interesse nos ater ao surgimento das cartas pintadas com os símbolos medievais-renascentistas da corte europeia, (que são referências aos primeiros baralhos do “Tarô de Marselha”³⁴) que interessam aqui, ao nosso estudo. Mas, mais especificamente às 22 cartas que correspondem aos Arcanos Maiores do jogo, ou Trunfos.

Estamos aqui realizando um verdadeiro trabalho de garimpagem, até porque dentro de nossas pesquisas percebemos que existe um grande conflito historiográfico entre diversos autores de livros (da atualidade) acerca da criação do Tarô. Dificultando assim, um claro entendimento. Para tanto, nos pautaremos ao que diz importantes pesquisadores da área, para arrolarmos então, o tópico em questão, desta Tese. Seguindo assim, ainda com o que diz o mesmo autor:

[...] A maioria dos historiadores hoje acredita que as cartas de tarô apareceram pela primeira vez no norte da Itália, aproximadamente no início do século XV. Eles também afirmam que o tarô sofreu mudanças significativas, antes de se consolidar na forma como o conhecemos hoje. (IBIDEM, p. 20)

Nesse sentido, acreditamos que é imprescindível compreendermos que,

[...] é mais razoável pensar que, como jogo de azar, as cartas de tarô na verdade existiam em áreas sociais limítrofes, como clubes de apostas, de bebidas e de prazeres baratos. A própria manufatura de cartas de tarô parece ter sido uma ocupação de reputação duvidosa. Na verdade, muitos relatos históricos estão relacionados a cartas pirateadas, forjadas e contrabandeadas. Assim, pode ser mais sensato pensar nas cartas de tarô como uma arte coletiva que evoluiu, não de ensinamentos sublimes em templos secretos de sabedoria e espiritualidade, mas dos círculos populares, marginais e de pouca legitimidade. (IBIDEM, 2020, p. 25)

Além do mais, Bem-Dov (2020) também levanta e responde um importante questionamento que envolve a “controversa” origem do Tarô:

Qual era, então, o papel desses símbolos complexos, imbuídos de tão fortes significados espirituais e emocionais, nos jogos de azar, de teor tão duvidoso? Uma possibilidade é buscar uma resposta psicológica. Talvez as imagens das cartas de alguma forma refletissem os conflitos e os dilemas subconscientes dos jogadores. Talvez, nos próprios lugares em que a autoridade estatal (o Imperador) e a Igreja (o

³⁴ IBIDEM, 2020.

Papa) perderam seu poder de convicção, as pessoas precisassem de um lembrete da complexa interação entre luz e escuridão na vida humana. Devemos lembrar, é claro, que as pessoas da época eram muito religiosas, portanto, a ideia de fazer algo proibido devia despertar seus conflitos e medos mais profundos. Talvez a contemplação de símbolos complexos de algum modo as ajudasse a manter um equilíbrio moral, enquanto flertavam com o mundo obscuro e tentador do pecado. Essa ideia pode explicar por que elas não queriam que as imagens fossem substituídas por outras, menos carregadas. (p. 25)

O Tarô nasce dentro de uma lógica de jogo, onde não havia quaisquer tendências (a princípio) voltadas à adivinhação. Ou muito menos ainda, embora estando no julgar renascentista do século XIV, para uso terapêutico. Embora seja certo que sua complexa simbologia, desde então, seja carregada de aspectos psicológicos bastante significativos, o jogo era tão somente utilizado a fins lúdicos, e de representações de uma sociedade arraigada dos princípios religiosos cristãos da época, que foram assim expressas em pinturas nas cartas. Mostravam toda a ambiguidade entre “o santo e o proibido”. O que era moral e o que era pecado instigava o imaginário das pessoas daquela sociedade “ainda” de concepções medievais. Provocando seus desejos, medos e conflitos mais profundos.

Contudo, o Renascimento traz a forte característica de quebra do Teocentrismo, levando à sociedade as ideias antropocêntricas, como afirma Naiff (2015, p. 261): “As ideias do Renascimento surgem no norte da Itália com todo esplendor e glória. A sociedade se afastava de um sistema teocêntrico, dirigindo-se ao antropocêntrico. [...]”. Abrindo espaço a uma gama de novos conhecimentos, que nunca antes haviam sido discutidos, possibilitando como isso, uma reviravolta em diversas áreas, sejam nas ciências, nas artes e diversas outras. Trazendo de volta as já esquecidas concepções greco-romanas, incorporando as ideias humanistas e naturalistas (NAIFF, 2015).

No início do século XV, artesãos do norte da Itália acrescentaram um quinto naipe, o naipe dos trunfos (também chamados “arcanos maiores”), aos quatro naipes básicos das cartas inspiradas no baralho mameluco, criando um baralho para jogar o jogo *trionfi*, ou “trunfos”, parecido com o moderno jogo de *bridge*. A palavra tarô pode ter origem no nome italiano desse conjunto de cartas, *tarrochi*. Os artistas renascentistas buscaram inspiração para as imagens alegóricas dos trunfos na Bíblia e em antigos manuscritos gregos e romanos, que eram o assunto do momento na Itália renascentista. Cada trunfo na sequência das cartas ganha do que precede. (LOUIS, 2019, p. 28)

Neste contexto renascentista, como é possível ver no quadro logo abaixo, que retrata um dos primeiros baralhos de Tarô que se tem registro histórico: O Tarô de Visconti Sforza,³⁵

³⁵ As primeiras cartas eram pintadas à mão, e um dos baralhos mais antigos é conhecido como Tarocchi Visconti Sforza, criado por volta de 1440, para o Duque de Milão. (BARTLETT, 2011, p. 18).

datado do século XV, em Milão (Norte da Itália). Foram pintados exclusivamente sob encomenda à linhagem dos Visconti Sforza. Dispostos a uma demonstração de poder da nobreza, figuram a vida social dos membros pertencentes a esta então família italiana. E ainda, sabendo que,

Existem 329 cartas preservadas dessa família. Elas não contêm nome ou número, são pintadas à mão (ouro, prata e tinta esmalte) em papelão tratado para ser um pequeno quadro, medindo entre 173X87X3mm. São realmente grandes, o que constitui uma característica dos tarôs em relação ao baralho. Também é notório que os diversos conjuntos não foram ilustrados pelo mesmo artista e sabe-se que muitos participaram de sua elaboração; afinal, cada grupo contém 78 iluminuras ricamente detalhadas e, em geral, (nesse tipo de baralho) havia um mestre orientando discípulos. Bonifácio Bembo (1420-1497) é o mais apontado pelos pesquisadores, inclusive o próprio irmão, Benedetto, como auxiliar direto; contudo, eles não estiveram a serviço da família Visconti, mas, tão somente para a linhagem Visconti-Sforza, no período de 1447 a 1477. (NAIFF, 2015, p. 279-281)

Nesse sentido, Naiff (2015, p. 279-281) afirma também que outros artistas foram apontados, a saber:

Marziano da Torotna, Ambrogio Borgognone, Antonio di Cicognara, Gianpietro da Corte, Stefano de Fideli, Cristoforo Moretti, Francisco Zavaratti. Costumam ser chamados de *tarocchi* (plural de *tarocco*), em virtude de terem sido pintados vários conjuntos similares por décadas e por diversos artistas - o Tarocchi Visconteo-Sforzeschi seria algo como tarôs de Visconti-Sforza -, no entanto, tem-se premiado a titulação tarô quando faz referência a um tipo específico. Historiadores afirmam que o tarô Cary-Yale foi um presente de casamento de Filippo Maria Visconti à esposa Maria de Savoy, em 1428; o tarô de Brera-Brambilla, uma prenda para o casamento da filha, Bianca Maria Visconti, em 1441. Já o tarô Pierpont Morgan-Bergamo foi encomendado pelo próprio Francesco Sforza, esposo de Bianca, para comemorar seu 10º aniversário de casamento, em 1451. As declarações se baseiam nos ícones e brasões de cada evento que ilustram as cartas, juntamente com os traços artísticos de pinturas. Por exemplo, a águia negra no escudo da carta *Imperatriz* é um símbolo adotado por Francesco Sforza somente após ascender ao poder também, ao analisar a ilustração das moedas (naipes de ouros), conclui-se que as cartas de Cary-Yale contêm alegorias do ducado de Visconti, e as de Pierpont Morgan-Bergamo, insígnias do governo de Sforza. Portanto, um é mais velho que outro [...]. (NAIFF, 2015, p. 279-281)



Figura 01 - Tarot de Visconti Sforza, séc. XV.

Ainda sobre o “Tarô Visconti Sforza”, é sabido que traz grande norte a esse incontestável desmembrar que é a história da origem do Tarô. Repleta de nuances e fatos, que ao longo dos séculos fora acrescido de diversas lendas e contos místicos, que ainda hoje confundem e ao mesmo tempo instigam o nosso imaginário³⁶. Já que as primeiras menções ao jogo de Tarô datam aproximadamente, a partir dos séculos XIV e XV, que na realidade a princípio eram chamados de *ludus cartarum*³⁷ (NAIFF, 2020). Em resumo, como nos explica o mesmo autor: “Nomenclatura: “Ludus Cartarum” (1380-1450), “Naibis” (1380-1450), “Tarocco” (1450-1850), “Trunfo” (1450-1850), “Tarot” (1580-), “Arcano” (1850-).” (NAIFF, 2020, p. 13).

Sob a luz ainda, do Naiff (2020), entendemos que, como forma de distinguir o que

³⁶ Boa parte do imaginário dos primeiros tarôs deriva da influência da Igreja Católica Romana sobre a cultura daquela época. A vida cotidiana se estruturava em torno das festas religiosas e do panteão de santos católicos, a cada um dos quais era atribuído um dia especial no calendário. Pelo fato de o povo comum não saber ler e escrever, a Igreja fazia uso de imagens e alegorias, bem como da palavra falada, para guiar os fiéis no caminho da salvação. Junto com as imagens da mitologia grega e romana, essas alegorias cristãs se insinuaram nas imagens dos trunfos do tarô (LOUIS, 2019, p. 28).

³⁷ [...] do final do século XIV até 1450 se dizia: os *naibis* do *ludus cartarum* ou os *naibis* do *tarocco* ou, simplesmente, as cartas dos *naibis* ou as cartas do *tarocco*; entre 1450 e 1580, dependendo da região, se dizia: os trunfos do *tarocco*, os trunfos do *tarot* ou os trunfos do *tarok*. Finalmente, a partir de 1850, as unidades passaram a ser denominadas *arcãos*. Em língua portuguesa não escreva *tarot* ou *tarôt*, o correto é TARÔ. (NAIFF, 2020, p. 13).

sejam os baralhos de Tarô para fins lúdicos, dos que são para fins herméticos e autoconhecimento, ficou definido que, o termo Trunfo ficaria sendo utilizado às cartas lúdicas, já às cartas ocultas, o termo seria então, o Arcano. Dado os fatos, entendemos que o Tarô não nasceu com fins místicos, e sim, tão somente, com o propósito de contar os fatos sociais da época, sobretudo, da nobreza renascentista, através de imagens pintadas, estampadas em cartas e utilizadas em jogos lúdicos, que mais tarde seriam sim, utilizadas também à arte da divinação.^{38 39}

Diante do que apresentaremos a seguir, o baralho de Tarô escolhido, que utilizamos com vistas a um aprofundamento dentro do nosso estudo, porque não é nosso objetivo neste trabalho fazer um estudo comparado dos diversos baralhos transculturais de cartas existentes, e sim demonstrar sua face extrassensorial e de autoconhecimento. Sendo assim, escolhemos para este momento, o clássico “Tarô de Marselha”, com toda a sua riqueza histórica e simbólica.

1.1 O Tarô de Marselha

O Clássico⁴⁰ “Tarô de Marselha”⁴¹ é escolhido para este trabalho, tanto por sua popularidade entre os tarólogos, como ainda a sua historicidade e fácil entendimento simbólico. Abrindo-nos assim, possibilidades imprescindíveis de pesquisa. Outrossim,

Desde o surgimento das cartas (século XIV), em razão de serem semelhantes e muitas vezes iguais, era comum identificá-las com o nome do editor ou do ilustrador. Raramente elas possuíam outra designação. A cidade de Marselha, ao sul da França, foi um dos maiores centros comerciais e portuários do século XV e XVIII. Em sua região (Toulon, Nice) e na rota para Paris (Avignon, Lyon, Dijon) concentravam-se os melhores artesãos que enviavam mercadorias para negociação, razão pela qual desejavam um “tarô de Marselha”. Por exemplo: “tarô de François Chosson” (Marselha, 1680), “tarô de Jean Dodal” (Lyon, 1712), “tarô de Jean Payen” (Avignon, 1743), entre dezenas. No entanto, com estrutura idêntica ou similar, as cartas existiam em outros locais: “tarô de Johannes Pelagius Meyer” (Alemanha, 1680), “tarô de Giuseppe Lando” (Itália, 1760), “tarô de Martin Dupont” (Bruxelas, 1766), “tarô de Charles Madigne” (Suíça, 1777), entre centenas. Devemos ainda pontuar que esse padrão é, na verdade, derivado das 78 cartas fabricadas em Milão (Lombardia), de

³⁸ Apesar de o tarô ter se originado como jogo e trabalho artístico para famílias italianas ricas, é possível que tenha sido usado para uma forma rudimentar de divinação ainda no século XVI. A nobreza italiana dos anos 1500 jogava um jogo chamado *tarrochi appropriati* no qual os jogadores compravam cartas aleatoriamente, usando as imagens das cartas como inspiração para escrever versos de poesia sobre o destino uns dos outros. Essas cartas eram chamadas de *sortes*, palavra italiana que significa destino, sina, sorte ou acaso. Com o tempo o tarô se tornou uma ferramenta de divinação. (NAIFF, 2020, p. 28 e 29).

³⁹ [...] o termo Divinação passou a incluir qualquer método que “tente predizer o futuro ou determinar assuntos desconhecidos, como que por meios sobrenaturais” [...]. (IBIDEM, 19).

⁴⁰ Em função da simbologia, podemos denominar todos os tarôs desenhados entre 1400 e 1900 (e alguns publicados atualmente) de clássico ou tradicional, pois todos são ilustrados no mesmo padrão [...]. (NAIFF, 2020, p. 15).

⁴¹ A expressão “Tarô de Marselha”, na realidade, foi cunhada somente em 1856 por Romain Merlin (1793-1876), livreiro, gravador, encanador e historiador do Tarô, para dar nome a uma variedade de designs intimamente relacionados que estava sendo criada na cidade de Marselha, ao sul da França, desde meados do século XVII [...]. (GODO, 2020, p. 9).

De origem francesa, o “Tarô de Marselha,”⁴² caracteriza-se na verdade por uma gama de baralhos de Tarôs, originários do Sul da França, onde,

[...] No séc. XVII já havia diversos fabricantes de cartas de mesmo padrão no Sul da França, seguindo um rigoroso código tradicional para imagens, cores, inscrições e disposição numérica nas cartas (JODOROWSKY, 2004, p. 28). Este fato sugere algum tipo de guilda organizada, atuando em um território de difusão específico nas regiões ao sudoeste da França e partes circunvizinhas da Suíça e noroeste da Itália (PRATESI, 1993, p. 65-71). É óbvio que tal disseminação e tradição no séc. XVII não ocorreu repentinamente e as diferenças em estilo sugerem muitas gerações de fabricantes de cartas seguindo um mesmo modelo básico. [...]. (SANTOS, 2018, p. 42)

Contudo, é importante deixarmos claro que não estamos tratando nestas linhas acerca das variedades existentes das cartas de Marselha.⁴³ Detemo-nos sim, especificamente na figuração popularmente difundida do baralho de “Tarô de Marselha”, e toda a sua versatilidade de apresentação e leitura, sobretudo, aos iniciantes no campo da Tarologia.

[...] o Tarô de Marselha apresenta uma iconografia de inspiração medieval e mesclada de símbolos cristãos. Seu ensinamento esotérico é inegável, e seu alcance é iniciático e universal, não reduzido a determinada cultura. De fato, é um conjunto fechado, que permite uma gama infinita de múltiplas combinações. É constituído de elementos isolados, as lâminas ou os arcanos, que assumem uma significação individual, mas também interagem uns com os outros. (MOREL, 2018, p. 26)

Deveras tendo ainda, o “Tarô de Marselha”, remetido em sua criação ao célebre “Tarô de Visconti Sforza”, como já apresentamos anteriormente.

[...] A iconografia do Tarô de Marselha, que teria sido elaborada pelos criadores de iluminuras da Idade Média, remete ao célebre Tarô de Visconti, que na época era utilizado pela nobreza no norte da Itália. A numeração romana não deixa dúvidas de suas origens italianas. (PARISSE, 2020, p. 10)

Logo, prosseguimos adiante com especificações a cada Arcano Maior, deste baralho francês, com o auxílio ainda de outros baralhos de Tarô. Apresentando tanto suas figuras, como

⁴² Nas primeiras décadas desse período, sem precisão de data, aparecem no Sul da França e no Norte da Itália vários conjuntos de 78 cartas de forma similar àquela que hoje conhecemos. Historiadores e pesquisadores consideram “O Tarô de Jacques Vieville” (Paris, 1634) e “O tarô de Jean Noblet” (Paris, 1650) os precursores, a matriz para o padrão Marselha, por serem os mais antigos preservados e absolutamente próximos da simbologia contemporânea (nome, numeração, sequência, alegoria e ornamento). Pode ser que produtores e artistas tenham chegado a um consenso sobre uma estrutura genérica ou tenha ocorrido um desenvolvimento natural. Fato incontestável é que, a partir do surgimento dessas cartas até os dias atuais, todos os tarôs se baseariam nessa estrutura simbólica, que atualmente é reconhecida/denominada como “Tarô de Marselha”, também cartas clássicas ou tradicionais. (NAIFF, 2015, p. 304-305).

⁴³ Assim, continua a explicar Naiff (2015, p. 310): “[...] Marselha é sinonímia de estrutura simbólica (modelo), não de um tarô específico. Para dirimir eventuais dúvidas é preferível identificar as cartas de padrão Marselha como *tarô clássico ou tradicional*. ”

ainda significados e variações culturais e temporais, atribuídos a cada Arcano Principal do jogo. Onde só assim, iniciamos a explanação arquetípica e terapêutica destas lâminas e as relações com as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), que é nosso interesse de fato, neste trabalho. Como ainda, a compreensão da presença extrassensorial no Tarô utilizado como recurso terapêutico nestas Práticas.

1.2 Do lúdico à arte divinatória

Antes de tudo, é preciso saber que,

Apesar de o tarô ter se originado como um baralho de cartas para jogar, hoje em dia é normalmente usado para divinação, palavra que podemos definir como “*brainstorming* com a ajuda dos deuses”. Algumas pessoas talvez não gostem da palavra divinação, então vale a pena explorar o significado desse termo. Em latim, a palavra *divinus* se refere aos deuses. Nos tempos antigos, as pessoas acreditavam que certas informações, como o conhecimento do futuro, pertenciam exclusivamente aos seres divinos. Já os mortais desenvolveram diversos métodos para pedir aos deuses que compartilhassem seu conhecimento divino com a humanidade; e esses métodos foram chamados de divinação. (IBIDEM, p. 19)

Embora, como nos mostra Naiff (2020),

Quanto à sua literatura propriamente dita, registros nos mostram que por muitos séculos o Tarô foi utilizado simultaneamente, tanto, de forma lúdica quanto espiritual. É importante observar esse aspecto, pois na Europa ainda se utilizam as cartas do Tarô para torneios de jogatina. Por isso, em francês, para se definir a forma de utilização das cartas, se diz: *tarot a jouer* (tarô para brincar, jogar) ou *tarot divinatoire* (tarô para adivinhar, ler). Em toda a América do Sul e Central, *cards to read* (cartas para adivinhar, ler). Em toda a América do Sul e Central, onde não há a cultura de “brincar” com o tarô, algo parecido com o famoso jogo do buraco, não se faz essa distinção, pois é tido como algo intocável e sacralizado. Contudo, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, quem faz uso da jogatina não utiliza o oráculo e vice-versa. É tudo uma questão de crença e cultura. (NAIFF, 2020, p. 13)

Das cartas lúdicas à leitura oracular, o Tarô passa por relevantes momentos de ressignificação quanto ao seu uso. Embora algumas culturas, por muitos séculos, somente o viam como um jogo de “passatempo”. O Tarô então ganhou importante lugar de destaque nas mesas de cartomantes e esotéricos da Europa.

No início a leitura da sorte através das cartas era vista com olhar de desdém pela sociedade misógina da época, uma vez que as mulheres dominavam a arte de ler a sorte. Sendo estas, as cartomantes.⁴⁴ Vindo a ser aceito no ciclo dos ocultistas, só a partir do século XIX, é

⁴⁴ Um fato curioso: somente os homens podiam ilustrar e produzir as cartas de Tarô, as quais só utilizavam em sua forma lúdica, enquanto as mulheres as jogavam também em sua forma oracular. Podemos assegurar que o Tarô adivinatório (oráculo, espiritualidade) era essencialmente uma arte feminina e, talvez, por estar inserido em uma sociedade misógina, os ocultistas tenham se recusado a estudar sua rica simbologia. O primeiro homem a jogar o Tarô em sua forma oracular foi o parisiense Etteilla, por volta de 1780, e Pamela Smith, a primeira mulher a

que só então, surgem os primeiros registros históricos do Tarô, como método divinatório. E assim, homens ocultistas^{45 46} se apropriam das cartas, e se autodenominam detentores dos mistérios ocultos do Universo, contidos nas enigmáticas lâminas. Outrossim, “[...] Muitas vezes, o conhecimento adquirido durante leituras de tarô parece estranho, como se fosse uma espécie de saber extraordinário ou tivesse origens sobrenaturais [...]” (IBIDEM, p. 20). Daí o interesse dos ocultistas pelo Tarô.

Para tanto, aqui neste trabalho, a essência que não chamaremos mais de divinatória, e sim intuitiva do Tarô, apresenta-se como uma “Percepção Extrassensorial”, sobretudo, nos aspectos ligados ao autoconhecimento na busca da saúde integral do Ser. Levando-nos assim, a refletir acerca da proposição desta pesquisa que é: Como podemos analisar o discurso de tarólogos acerca da utilização do Tarô como Prática Integrativa e Complementar e a presença extrassensorial no jogo como possível fator intuitivo? Proposição esta, que desdobramos mais adiante, sobretudo, com os dados e diálogos debatidos, trazidos do campo.

Diante disso, como ainda nos mostra Louis (2020, p. 20): “[...] Muitos dicionários definem Divinação como um palpite inspirado (mas de onde vem essa inspiração?), um pressentimento, uma percepção intuitiva, uma profecia, uma previsão instintiva ou apenas como a interpretação de sinais e presságios.”

Partindo do pressuposto de que a Divinação no Tarô pode ser ainda comparada ao aspecto intuitivo. Sabendo que, esta discussão já começa a ser apresentada no início do capítulo 1, deste nosso trabalho. Para tanto, aqui trazemos novamente (embora, aprofundamos mais adiante, no capítulo 4, desta mesma pesquisa: “A Voz das Cartas”), junto ao debate por meio das falas trazidas do campo, às dimensões: Transcendente e a Racional (TAVARES, 1999), presentes nas cartas, que veem contribuir ao nosso discurso. Uma vez que permite uma análise debruçada em aspectos ligados a intuição que, como já vimos anteriormente, é parte constituinte

desenhar um Tarô (Ride-Waite), em 1910. Da mesma forma, não existe literatura do gênero ocultista escrita por mãos femininas antes do final do século XIX (NAIF, 2020, p. 13 e 14).

⁴⁵ Por esse aspecto confuso (lúdico-adivinhatório) de sua utilização nos séculos anteriores, o Tarô não foi muito bem aceito pelos esotéricos; praticamente, não temos nenhuma obra de ocultistas renomados até o final do século XVIII se reportando ao Tarô, ao contrário do que ocorre com qualquer outra área mística. Foi com os livros de Antonie Court de Gébelin (1775), Etteilla (1783), Eliphas Lévi (1854), MacGregor Mathers (1888), Papus (1889) e Arthur Edward Waite (1910), um se baseando no outro, que o Tarô entrou definitivamente no círculo esotérico. Em qualquer história anterior a esses verdadeiros patronos do tarô encontramos apenas conjecturas insólitas que se perdem no devaneio místico [...]. (IBIDEM, p. 13).

⁴⁶ [...] O trio Gébelin-Etteilla-Lévi servirá de alicerce para dois grandes expoentes no final desse período: o místico inglês Samuel Lidell Mathers (1854-1918) – e o médico francês Gérard Anacleto Vicent Encousse (1865-1917) – o núcleo oracular se encontra definitivamente formado nas mãos desses personagens! Em quanto o primeiro (denominado *MacGregor Mathers*) fundou uma fraternidade esotérica, Encousse (conhecido como *Papus*) lançou inúmeros livros de magia – e ambos influenciaram o pensamento místico de forma irreversível, mesmo para quem jamais ouviu falar de suas obras [...]. (NAIFF, 2015, p. 341).

da Dimensão Mental do Ser, mas que, todavia, ainda tange o intrínseco aspecto da Dimensão Espiritual (ROHR, 2013). E que, portanto, é imprescindível haja vista, à compreensão do Tarô como prática pertencente ao universo das PICS.

Todavia, pautaremos a seguir, por meio tanto da discrepância como da igualdade, o que de fato são: Cartomancia e Tarologia.

1.3 Cartomancia x Tarologia

Para entender o que cada qual significa (Cartomancia e Tarologia), estabelecendo um paralelo e ao mesmo tempo uma oposição, buscamos entender sob a luz de Louis (2020), o Tarô, como ferramenta de previsão do futuro:

Na história da humanidade, qualquer tipo de acontecimento aleatório servia como meio de prever o futuro, como a configuração das estrelas no céu, o aparecimento das nuvens, as folhas de chá na xícara, as entranhas de animais mortos e por aí vai. No início do século XVII, os cartomantes do norte da Itália desenvolveram um sistema de divinação com cartas de baralho e, por volta de 1750, o cartomante francês Etteilla escreveu que aprendera a prever o futuro com três cartomantes, um dos quais era da região do Piemonte, no norte da Itália. As publicações de Etteilla deram origem, pela Europa afora, a um interesse contagiante pelo uso do tarô para predizer o futuro, interesse que permanece vivo até os dias de hoje. (p. 29)

Até aqui, por meio do que nos mostra o autor acima, a princípio tomamos a afirmativa que o Tarô é Cartomancia (sob a ótica histórica apresentada), ou melhor, que sua eficácia mística pela leitura simbólica das cartas pode ser assim denominada também de Taromancia⁴⁷. Mais precisamente a Taromancia nasce em meados do século de XVIII,⁴⁸ quando começam de fato a serem fabricados os primeiros baralhos do “Tarô de Marselha”, na cidade francesa de mesmo nome, Marselha,⁴⁹ como já vimos anteriormente. Sendo este então, o contexto histórico do surgimento da Taromancia.

⁴⁷ PARISSE, 2020.

⁴⁸ SÉCULO XVIII (1701-1800) - Enfim, chegamos ao que poderíamos denominar de (re) nascimento do Tarô: além do aspecto lúdico, surgiu o uso oracular, e os baralhos mudaram a estrutura. Todos desejavam saber ardentemente o que eram aqueles símbolos mágicos que poderiam revelar o futuro, e uma febre enlouquecedora tomou conta da Europa, principalmente em Paris, ao buscarem a sorte com as cartas. Sabemos, com certeza, que nesse período a cartomancia se evidenciou e o Tarô divinatório se desenvolveu, embora ainda continuasse a jogá-lo como lazer e apostas [...]. (NAIFF, 2015, p. 313).

⁴⁹ [...] o Tarô dito de “Marselha” foi revelado por Nicolas Conver, em 1760, na cidade de mesmo nome. Na época, os fabricantes de baralhos comuns o imprimiam no papelão de que dispunham. Por certo havia representações grosseiras, mas em tudo féis a sua versão atual. Também foi nessa mesma época que o Tarô se desviou de sua principal função para ser utilizado exclusivamente para fins divinatórios. Entrava-se, então, na era da taromancia [...]. (PARISSE, 2020, p. 10).

Tratar de Taromancia e Tarologia, nos remete, não só a retomada histórica da leitura oracular das cartas apresentada por Louis (2020), como ainda de tal maneira, à relação social, permeadas pelo discurso trazido por Tavares (1999), o qual já iniciamos no primeiro capítulo deste trabalho, ao percebermos a sutil diferença que a autora apresenta entre as dimensões Transcendente e Racional das cartas, ao diferenciar o jogo de Tarô dos baralhos de cartas das/os cartomantes, e todo o seu arcabouço de estigmas econômicos e sociais presentes nesta “dicotomia esotérica”, haja vista que, ainda segundo Tavares (1999), existe uma fala já pré-estabelecida, e até certo ponto, preconceituosa, por grande parte daqueles que se iniciam na arte da tarologia, no que diz respeito ao forte aspecto intuitivo firmado por cartomantes, sobretudo, aqueles que dizem se valer unicamente da “intuição” à leitura das cartas.

É verdade que as expectativas em relação ao tarot são muito variadas, sendo talvez a questão da adivinhação uma das mais controversas. Existem mesmo alguns profissionais que admitem utilizar as cartas nesta direção. Mas, ainda nestes casos, é preciso delinear diferenças em relação às cartomantes. O caráter divinatório destas é visto com preconceito pelos tarólogos, na medida em que a ênfase recai sobre uma suposta “capacidade nata”. Tal aptidão tenderia a favorecer uma leitura fantasiosa. (TAVARES, 1999, p. 116)

E ainda, de tal maneira, sobre a postura dos tarólogos, acerca dos cartomantes, a mesma autora afirma que:

O tarólogo enfatiza o caráter mágico do jogo de tarot, embora rejeite a postura adotada pelas cartomantes. Valoriza, sobremaneira, a dimensão intelectual de sua iniciação, como forma de legitimação de seu “saber”, um saber que, a partir de sua vertente “psicologizante”, almeja um reconhecimento científico. (p. 121)

Todavia, se valer de um “reconhecimento científico” daria à Tarologia uma legitimação maior em cima da arte divinatória secular das cartomantes, sobretudo, das periferias? Até que ponto em termos práticos, ambas, Cartomancia e Tarologia em todas as suas riquezas de conhecimento, e bagagem sociocultural, se divergem e se completam?

Prontamente, para tentarmos entender esta dicotomia, buscamos entender por meio de algumas definições que vem sendo atribuídas a estas duas vertentes de leitura e interpretação do Tarô. Como por exemplo, por meio dos estudos atuais do pesquisador e tarólogo Nei Naiff, em suas obras sobre o Tarô. Como em “Curso Completo de Tarô” (2020), o mesmo apresenta a diferenciação entre Tarologia e Cartomancia (Taromancia), estabelecendo um novo olhar sobre estas duas modalidades históricas de leituras das cartas.

Logo, sobre o viés de Naiff (2020, p. 228), Taromancia é tão somente, a “Arte de usar as cartas do tarô para jogos de adivinhação, orientação psicológica ou espiritual”. Já ao que se

refere à Tarologia, está relacionada ao estudo dos símbolos. Ou melhor: “Nesse parâmetro pesquisamos símbolos, sintomas e atributos de cada arcano, as relações estruturais, as possibilidades de interpretações, as manifestações, a história escrita, as lendas, as conjecturas [...]” (IBIDEM, p. 237).

Ao analisar as duas definições apresentadas por Naiff (2020), podemos perceber que a colocação de Louis (2020), em nada se perde ao nos dizer através do surgimento da Cartomancia (século XVIII) que tão somente para se ler as cartas, é necessário conhecer os seus símbolos (Tarologia), para que haja assim, a leitura divinatória das figuras retratas nos Arcanos do Tarô. Trazendo com isso não só a leitura divinatória, como ainda abrindo a possibilidade nos séculos seguintes (XIX e XX) à arte de ler/acessar o inconsciente por meio do estudo dos arquétipos simbolizados em cada arcano (maiores e menores) do jogo de baralho de cartas do Tarô.

Como podemos perceber, de acordo com estes dois autores as artes da Cartomancia e Tarologia tanto se divergem, como se complementam em seus aspectos simbólico e intuitivo. É essencial abrir aqui este parágrafo para falarmos que a profissão de Tarólogo e Cartomante tem reconhecimento como ofício assegurado pelo código 5168 da Classificação Brasileira de Ocupação do Ministério do Trabalho (CBO). Entretanto, só no terceiro capítulo desta Tese, na seção, 3.3.1 “O Tarô é reconhecido como ofício, pelo Ministério do Trabalho,” é que nos aprofundamos neste importante reconhecimento.

Seguindo, ingressando na seara pormenorizada sobre o que sejam as imagens arquetípicas presentes nos 22 Arcanos Maiores do “Tarô de Marselha”, em relação com os principais conceitos de Carl Gustav Jung.

2 INCONSCIENTE COLETIVO E ARQUÉTIPOS: A relação dos conceitos de Jung com os 22 Arcanos Maiores do Tarô

2.1 Breve elucidação de alguns aspectos junguianos

Para uma melhor compreensão é importante aqui iniciarmos, mostrando que assuntos que envolviam o inconsciente despontaram avidamente na época medieval em estudos, especialmente envolvendo alquimia, como aponta Jung em sua obra, “Psicologia e Alquimia” (1991).

Eram os tempos em que a mente do alquimista ainda lutava realmente com os problemas da matéria, em que a consciência indagadora se confrontava com o obscuro espaço do desconhecido, no qual figuras e leis eram obscuramente percebidas e atribuídas à matéria, apesar de realmente pertencerem à psique. Todo desconhecido e vazio é preenchido com projeções psicológicas; é como se o próprio fundamento psíquico do investigador se espelhasse na obscuridade. O que ele vê ou pensa ver na matéria são principalmente os dados de seu próprio inconsciente nela projetados. Em outras palavras, ele encontra na matéria, como se pertencessem a ela, certas qualidades e significados potenciais de cuja natureza psíquica ele é inteiramente inconsciente. Isto é verdadeiro, sobretudo, na alquimia clássica, onde a ciência empírica e a filosofia mística eram mais ou menos indiferenciadas [...] (JUNG, 1991, p. 244-245)

Ainda falando a respeito da alquimia, em “Estudos Alquímicos” (2013, p. 131), Jung afirma que “[...] A alquimia, no entanto contém, desde os tempos mais remotos, uma doutrina secreta, ou ela mesma o é [...].” Assim, tentar relacionar o Tarô com Alquimia é adentrar em uma seara um tanto “controversa”. Uma vez que, para alguns autores que se debruçam na História da origem do Tarô, as definições trazidas, sobretudo, pelo esoterismo são contadas de maneira um tanto divergente. Como, por exemplo, nos mostra Naldony (2022):

Interessa-nos aqui considerar se a alquimia desempenhou algum papel na elaboração do tarô. Essa é uma ideia amplamente difundida entre a maioria dos ocultistas que abordaram o Tarô até hoje. Por não dispormos de nenhum conhecimento aprofundado dos manuscritos alquímicos medievais (mas, será que os autores que afirmam com tanta convicção a influência da alquimia têm esse conhecimento?), nós o evocaremos com prudência. Observando ao mesmo tempo as reproduções desses manuscritos e as cartas do tarô, podemos dizer que há bem poucos símbolos em comum. [...] Mais uma vez, podemos fazer apenas comparações em função de interpretações pessoais. Certo é que os tratados antigos de alquimia não falavam do tarô. Foram os ocultistas do século XIX, a insistir em seu parentesco, a começar por Papus, sem que se possa confirmar esse fato do ponto de vista histórico. (p. 141)

De tal maneira, não nos aprofundaremos nesta Tese, acerca dessa analogia entre Alquimia e Tarô. Talvez deixemos essa acalorada discussão a uma próxima pesquisa. Para o momento, continuemos com os nossos objetivos aqui então determinados. Nesse aspecto, a

relação de Jung com a alquimia, na obra “Alquimia e Tarô” (2016), Robert M. Place assegura que,

O ressurgimento mais surpreendente da alquimia se deu no campo da psicologia. Nas décadas de 1920 e 1930, Carl G. Jung, o grande psicanalista suíço e pai da psicologia profunda, e seus colegas fizeram da alquimia uma área respeitada do estudo psicológico. Jung descobriu que o processo alquímico da Transmutação era similar ao processo psicológico que ele chamou de individuação. Além disso, a identificação do alquimista com a transformação de seu sujeito era o que Jung eventualmente denominou sincronicidade [...]. (Edição do Kindle)

Para este mesmo autor, a Individuação trazida por Jung nada mais é do que: “[...] o objetivo da psique em si, uma ascensão ao estado de totalidade para o qual a estrutura arquetípica da psique conduz. Jung acreditava ser uma realidade psicológica que seria sinônima ao objetivo de todos os místicos...” (Edição do Kindle).

Sobre a Individuação podemos afirmar que se trata do conceito que é o ponto alto da perspectiva junguiana. É a busca suprema, o tornar-se único em si mesmo. O desenvolvimento da individualidade, totalidade, alcançada pelo conjunto de arquétipos que povoam a psique, em harmonia entre o ego e o inconsciente. Percurso e linha de chegada para todas as buscas pelo autoconhecimento. Já a Sincronicidade, ainda por Place (2016) “...é definida por Jung como coincidências significativas entre a realidade psíquica interna e a realidade material externa. Quando um indivíduo vivencia a sincronicidade, um arquétipo foi ativado [...]” (Edição do Kindle).

Entretanto, abrindo as cartas, a seguidora de Jung, Sallie Nichols, afirma em seu livro, “Jung e o Tarô” (2007), que Carl Gustav Jung, considerado como o “pai” da Psicologia Analítica,⁵⁰ embasa a possível relação entre os Arcanos trazidos pelo Tarô, com as projeções arquetípicas do inconsciente, dentro da perspectiva do autoconhecimento. Sendo esta, a força existente da manifestação arquetípica do Inconsciente Coletivo, que o autor retrata em suas principais obras, como também nos mostra Ferreira et al. (2016):

Observando as formas pelas quais o homem expressava seu inconsciente, Jung desenvolveu seu interesse pelo Tarô, um jogo (baralho) de cartas de origem não totalmente conhecida, com seis séculos de existência ao que se saiba. Suas cartas, apesar de terem sofrido reinterpretações imagéticas ao longo do tempo, pareciam todas caracterizar temas arquetípicos [...]. (p. 145)

⁵⁰ O paradigma junguiano baseia-se em uma concepção ontológica de mundo e ser humano como uma totalidade que compreende consciente e inconsciente. Do ponto de vista epistemológico, o conhecimento e o autoconhecimento são considerados como indissociáveis e a proposta epistemológica básica da Psicologia Analítica é viabilizar o conhecimento do inconsciente (PENNA, 2007, p. 128).

Embora o autor acima afirme um expressivo interesse de Carl Gustav Jung pelo Tarô, é importante frisarmos que não existe nenhum escrito detalhado deixado pelo mesmo, e sim, algumas poucas menções a respeito do Tarô em alguns de seus trabalhos, que não comprovam com isso, seu significativo interesse pelas cartas. E ainda, que o psicanalista, as tenha utilizado em atendimentos com seus pacientes em análise.

Diante disso, podemos sim compreender que, a partir das concepções de Jung, os arquétipos, portanto, são representações do inconsciente coletivo. Relacionando com o Tarô e seus arcanos, ainda Nichols (2007) afirma em seu estudo, que o Tarô propõe uma viagem, uma jornada arquetípica, que se dá por vários ciclos da vida, onde cada um desses arcanos em sua imagem traz a energia e força contidas no inconsciente de cada indivíduo. Diante desta colocação é possível dizer que em cada nova fase há a possibilidade de organização e desorganização ao longo dessa “Jornada Arquetípica.” Mas, nada é permanente, sobretudo, se viermos a tratar acerca de saúde e doença relacionadas a estágios da consciência, que estão intrinsecamente, portanto, relacionadas com os estados “conscientes e inconscientes” da mente. Sendo este então, o foco de estudo de Jung, como nos mostra Post (2007, apud NICHOLS, 2007, p. 15):

[...] o inconsciente e o consciente existem num estado profundo de interdependência recíproca e o bem-estar de um é impossível sem o bem-estar do outro. Se alguma vez a conexão entre esses dois grandes estados de ser for diminuída ou danificada, o homem ficará doente e despojado de significação [...].

A partir disso, surge o interesse de Jung por caminhos não racionais, em oposição à consciência racional, trazida pela modernidade, que adoce e destitui o homem da significação, como nos mostra o mesmo autor. Uma vez que estes caminhos, como o Tarô, têm origem em “padrões profundos do inconsciente coletivo.”

[...] Jung dava grande valor a todos os caminhos não-rationais ao longo dos quais o homem tentara, no passado, explorar o mistério da vida e estimular o seu conhecimento consciente do universo que se expandia à sua volta em novas áreas de ser e conhecer. Essa é a explicação do seu interesse, por exemplo, pela astrologia, e é também a explicação da significação do Tarô. Ele reconheceu de pronto, como o fez em muitos outros jogos e tentativas primordiais de adivinhação do invisível e do futuro, que o Tarô tinha sua origem e antecipação em padrões profundos do inconsciente coletivo, com acesso a potenciais de maior percepção à disposição desses padrões. Era outra ponte não-rationale sobre o aparente divisor de águas entre o inconsciente e a consciência, para carrear noite e dia o que deve ser o crescente fluxo de movimento entre a escuridão e a luz. (IBIDEM, p. 16)

Estes “caminhos não racionais” aqui apresentados levam o Tarô a ser considerado como instrumento utilizado em trabalhos terapêuticos, trazendo à luz representações

arquetípicas, por meio da simbologia dos Arcanos, das tramas produzidas na vastidão desconhecida do inconsciente. Isso nos permite trazer respostas que levam ao autoconhecimento.

Entretanto, é bom deixarmos claro que existem autores que são contra essa afirmativa, de que Jung teria feito uso do Tarô diretamente para tratar seus pacientes. E de fato, até o momento, com exceção do livro da seguidora do psiquiatra, Sallie Nichols, “Jung e o Tarô” (2007), não encontraram nenhum outro trabalho que aponte diretamente o relacionamento de Jung com as cartas, a não ser algumas rápidas menções feitas por ele próprio acerca deste jogo, como quando fala em “Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo” (2000), a respeito de uma Conferência (1935), em Zurique, presidida pelo professor Rudolf Bernoulli, que teria reforçado a ideia de Jung que “[...] A série de imagens do tarô também parecem ser derivados dos arquétipos de transformação [...].”

Entendemos que vieram sim, trabalhos posteriores a Jung, que foram trabalhos de seus seguidores, relacionando os Arquétipos na perspectiva junguiana com os Arcanos do Tarô. E ainda, outros autores que refutam que o pai da Psicologia Analítica utilizava o Tarô a fins de análise estão o pesquisador Nei Naiff em “Tarô: simbologia e ocultismo” (2015), e ainda afirma que os Arcanos do Tarô e os Arquétipos de Jung são teorias diferentes, que pouco se aproximam: “[...] o arquétipo junguiano e o arcano do tarô são teorias distintas, apenas se aproximam (e nem mesmo precisamos disso). [...]” (p. 52). Uma vez que, é necessário sim, reconhecermos que arcano não é arquétipo (como já falamos em nota de rodapé, no início deste trabalho). No máximo, tão somente é o que chamamos de Imagem Arquetípica. De tal modo, para o mesmo autor, assim se dá a sutil diferença:

[...] os arquétipos se revelam protótipos de conjuntos simbólicos, profundamente gravados na psique como modelos pré-formados, podendo surgir através do inconsciente coletivo ou pessoal e se instalar no consciente pessoal ou coletivo. Desempenha um papel motor e unificador, tanto quanto qualquer forma simbólica, na evolução humana, porém, de uma forma bem mais complexa e profunda. Mas, o que é comum ao arquétipo, como já vimos, são as estruturas constantes, o modo de atuar e significar. A situação percebida e modelada pode variar conforme a época, etnia e indivíduo, resultando em uma imagem arquetípica distinta. Assim, podemos deduzir que um arcano do Tarô, nos termos gerais de significante e de significado é, no máximo, uma imagem arquetípica [...]. (IBIDEM, p. 51)

Todavia, entendemos que esta colocação de Naiff, o arquétipo junguiano e o arcano do tarô são teorias distintas, não se aplica de maneira total a esta nossa investigação. Com isto, não presumimos adentrar nesta pesquisa na visão esotérica deste autor. Embora o mesmo tenha desenvolvido trabalhos voltados às práticas terapêuticas. Nosso estudo com os Arcanos Maiores

do Tarô e sua relação com o conceito de Arquétipo de Jung, tem relação com a perspectiva terapêutica, e sua aplicabilidade através do jogo de cartas, sobretudo, dentro das Práticas Integrativas e Complementares.

2.2 Conceitos junguianos: Arquétipo e Inconsciente Coletivo

Falar aqui acerca da relação dos conceitos de Jung: Arquétipo e Inconsciente Coletivo com os Arcanos Maiores do Tarô requer, a priori, um conhecimento do que sejam então, estes conceitos. Arquétipos, dominantes,⁵¹ ou imagens primordiais,⁵² ou ainda, resíduos arcaicos.⁵³ Na forma mais junguiana possível de assim conceituar, embora o próprio Jung (2000) tenha afirmado que antecedendo ao seu conceito, outros autores, de diversos tempos, já haviam esboçado tais denominações e suas relações com o inconsciente.

Uma vez que tudo que é psíquico é pré-formado, cada uma de suas funções também é, especialmente as que derivam diretamente das disposições inconscientes. A estas pertence a fantasia criativa. Nos produtos da fantasia tornam-se visíveis as “imagens primordiais” e é aqui que o conceito de arquétipo encontra sua aplicação específica. Não é de modo algum mérito meu ter observado esse fato pela primeira vez. As honras pertencem a Platão. O primeiro a pôr em evidência a ocorrência, na área da etnologia, de certas “ideias primordiais” que se encontram em toda parte foi Adolf Bastian. Mais tarde, são dois pesquisadores da escola de Durkheim, Hubert e Mauss, que falam de “categorias” próprias da fantasia. A pré-formação inconsciente na figura de um “pensamento inconsciente” foi reconhecida pelo eminente Hermann Usener. Se de algum modo contribuí no tocante a essas descobertas, foi por ter provado que os arquétipos não se difundem por toda parte mediante a simples tradição, linguagem e migração, mas ressurgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem a influência de uma transmissão externa. (JUNG, 2000, p. 90)

Como acabamos de ver o significado do arquétipo de Jung tem base nas evidências e definições de outros autores, de tempos diferentes. Mas, que todavia esboçam a mesma significância com relação às produções de pensamentos, imagens, símbolos e toda denominação de representações trazidas do inconsciente, que são representadas por meio de figuras comuns a todas as culturas, povos e tempos. Como por exemplo, o “Mito do Herói.”⁵⁴ O qual é contado

⁵¹ JUNG, 2016, p. 83.

⁵² IBIDEM, 2000.

⁵³ JUNG, 2018, p. 39.

⁵⁴ “O mito do herói é o mais comum e o mais conhecido em todo o mundo. É encontrado na mitologia clássica da Grécia e de Roma, na Idade Média, no Extremo Oriente e entre as tribos primitivas contemporâneas. Aparece também em nossos sonhos. Tem um flagrante poder de sedução dramática e, apesar de menos aparente, uma importância psicológica profunda. São mitos que variam muito nos seus detalhes, mas quanto mais os examinamos mais percebemos quanto se assemelham estruturalmente. Isso quer dizer que guardam uma forma universal mesmo quando desenvolvidos por grupos ou indivíduos sem qualquer contato cultural entre si – como, por exemplo, as tribos africanas e os índios norte-americanos, os gregos e os incas do Peru. Ouvimos repetidamente a mesma história do herói de nascimento humilde, mas, milagroso, provas de sua força sobre-humana precoce, sua ascensão rápida ao poder e à notoriedade, sua luta triunfante contra as forças do mal, sua habilidade ante a tentação do

e recontado entre povos, de diversas formas e com os mais variados personagens. Sem, contudo, perder o sentido e força que carrega o arquétipo. Perpassando do homem antigo ao homem moderno. Podemos observar então, que de imediato Jung não apresenta um conceito “inédito”. Porém, mostra um conceito revolucionário das projeções de imagens, símbolos, mitos, que estão para além da imaginação individual, mas firmadas em uma trajetória que conta a História da humanidade, fortemente representada pela inconsciente coletivo.

Com vista a uma melhor compreensão dos conceitos junguianos, nos pautaremos na sequência de definições trazidas por Carl G. Jung sobre Inconsciente Coletivo e Arquétipo, que estão presentes em diversas de suas obras (Algumas das quais aqui estão sendo apresentadas). Para assim, adentrarmos na proposta deste capítulo, que é a relação dos Arquétipos Junguianos com os Arcanos Maiores. E a analogia arquetípica com a jornada da vida humana narrada nas lâminas do Tarô.

2.2.1 Inconsciente Coletivo

Na introdução deste trabalho fizemos uma breve explanação do que seriam os dois principais conceitos de Jung (Inconsciente Coletivo e Arquétipos), os quais são importantes para o nosso debate, e essenciais para que tenhamos maior compreensão das ideias junguianas acerca das representações do Inconsciente, que consiste “[...] portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes [...]” (JUNG, 2016, p. 35).

Embora sabendo, que se trata de uma área, pertencente à Psicologia, pedimos licença para podermos adentrar e trilhar o pensamento de Carl Gustav Jung, rumo à compreensão de tais aspectos essenciais ao nosso estudo, de tema: “O Tarô como Prática Integrativa e a extrassensorialidade no jogo: Analisando discursos de tarólogos e consulentes.”

Sabendo que não há concepção de Arquétipo sem antes dialogarmos sobre o Inconsciente Coletivo,⁵⁵ seguindo uma sequência aqui estabelecida, visando uma maior e

orgulho (*hybris*) e seu declínio, por motivo de traição ou por um ato de sacrifício “heroico”, no qual sempre morre” (HENDERSON, 2016, p. 142).

⁵⁵ Segundo Naiff (2015, p. 45): “[...] o inconsciente coletivo é um arcabouço de modelos, registros e informações; em segundo, constitui um conjunto de pensamentos, imagens e percepções. Ambos possuem impulsos: evolução e transcendência. Outra particularidade – embora seja uma função autônoma, o inconsciente coletivo integra-se a todos nós e registra tudo a nosso respeito: ideias, vontades, desejos, pensamentos, sensações. Em seu interior reside a fonte geradora de toda a existência simbólica: os arquétipos. Esse complexo psíquico torna-se, segundo Jung, a ancestralidade e a própria história do homem. Revela-se, assim, o responsável pela produção espontânea de mitos, visões, religião e certas variedades de projetos comuns às diversas culturas.”

melhor compreensão do leitor, falaremos acerca do Inconsciente Coletivo, para então, seguirmos com os princípios que constituem o arquétipo.

Várias obras de Jung apresentam o conceito de Inconsciente Coletivo, dentre estas, logo nas primeiras páginas de “Os Arquétipos e O Inconsciente Coletivo”⁵⁶, uma importante diferenciação é feita pelo próprio autor, entre inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, que é o que de fato nos interessa. Contudo, para entendermos seu real significado, é pertinente apresentarmos esta diferenciação.

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este, porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são *cum grano salis* os mesmos em toda a parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2000, p. 15)

Com isso, podemos observar a preocupação de Jung em fazer esta diferenciação entre inconsciente pessoal do coletivo, mesmo sendo estas partes constituintes do inconsciente, apresentam características peculiarmente distintas. O Inconsciente Pessoal pertencente a uma camada mais superficial, não tão profundo quanto o Coletivo, é algo único do indivíduo que é gerado por suas experiências e traumas vivenciados. Está na camada mais acima no inconsciente, se assim, pudermos delimitar para um melhor entendimento.

Não sendo componente do princípio individual, o Inconsciente Coletivo parte das diversas experiências coletivas, de caráter universal, comum a modos de comportamentos e conteúdos presentes em todas as pessoas, independente do tempo histórico ou cultura. Além do que, como nos aponta Ferreira Netto (2016):

Para Jung, o inconsciente coletivo compreende a herança psíquica da humanidade que renasce na estrutura cerebral de cada indivíduo. É fascinante a ideia de que no fundo somos todos iguais, apesar das aparentes diferenças. A anatomia do corpo é sempre a mesma independente da raça. Da mesma forma a psique também tem uma estrutura comum, que vai além das diferenças de raça e cultura. A essa estrutura Jung chamou de Inconsciente Coletivo [...]. (p. 12)

Retomando o discurso anterior: “[...] Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da

⁵⁶ 2000.

vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados Arquétipos” (IBIDEM, p. 16). E sobre os arquétipos que nos aprofundaremos mais adiante. Mas,

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência, e portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*. (JUNG, 2000, p. 53)

O estudo acerca do Inconsciente Coletivo nos leva a um mergulho profundo sobre tudo que até hoje já ouvimos falar a respeito do mesmo. Em uma tentativa de compreender que tudo que se vivenciou na humanidade por milênios a fio, encontra-se disponível e acessível a qualquer indivíduo por meio da *psique*⁵⁷ (compreendida ainda, como *anima*^{58 59}). Sonhos, por exemplo, é um excelente exemplo desta afirmativa. “[...] quando se deseja investigar a faculdade humana de produzir símbolos, os sonhos são, comprovadamente, o material fundamental e mais acessível para isso [...]”. (JUNG, 2016, p. 34). Rico de imagens simbólicas, carregado da energia de arquétipos dos mais variados.

Entendemos então, essas imagens simbólicas presentes nos sonhos como sendo: “[...] os símbolos oníricos são os mensageiros indispensáveis da parte instintiva da mente humana para a sua parte racional, e a sua interpretação enriquece a pobreza da nossa consciência fazendo-a compreender, novamente, a esquecida linguagem dos instintos.” (IBIDEM, p. 60).

Assim, tratar de sonhos aqui neste trabalho não é parte da nossa alçada. Contudo, para termos um campo maior de entendimento dos conceitos junguianos, sobre Inconsciente Coletivo e Arquétipo, aqui abordados, é imprescindível a mínima colocação sobre o tema. Uma

⁵⁷ Dentro da perspectiva de Constituição do Ser. Ver: POSSEBON, Fabrício. Espiritualidade e Saúde: a experiência grega arcaica. In: **Ensaio sobre espiritualidade, emoções e saúde**. Elisa Gonsalves Possebon e Fabrício Possebon. (Orgs.). João Pessoa: Libellus, 2017. p. 11-42. Etimologicamente o termo grego psique (*psyché*), segundo Possebon (2016, p. 14), “[...] é anima = alma. [...]”. E ainda, complementa afirmando (p. 18): “Segundo a interpretação aqui proposta, sobre a *psykhé*, alma, não será possível desenvolver algum tipo de discurso lógico-argumentativo, pois esta dimensão ultrapassa a dimensão intelectual ou mental, é nela que estão as intuições, os *insights*, e coisas desta natureza. Na tradição grega [...], a alma vaga como uma sombra ou um sonho, depois da morte. Somente com vivências é que podemos ter alguma certeza do que seja a alma [...]”.

“[...] Nossa psique faz parte da natureza, e o seu enigma é, igualmente sem limites. Assim, não podemos definir nem a psique nem a natureza [...]” (JUNG, 2016, p. 22). Além disso, sobre a psique humana, como aponta Figueira et. al. (2016, p. 143), que: “Segundo Jung, a psique humana seria composta por três camadas concêntricas - a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. A consciência, produto da percepção, teria o ego como seu centro coordenador, e responderia por nossa adaptação e orientação no mundo.”

⁵⁸ *Psyqué* (envoltório anímico), segundo Possebon (2016, p. 40).

⁵⁹ Para Jung (2016, p. 33), *anima* é o elemento feminino no inconsciente masculino. O contrário é o *animus*. O elemento masculino no inconsciente feminino.

vez que a simbologia onírica advinda do inconsciente é carregada de imagens que dão origem aos arquétipos. E acerca dos símbolos, é importante saber que na perspectiva junguiana,

Símbolos são imagens significativas. Eles surgem quando algo exterior é associado com um conteúdo espiritual, um significado ou um sentido. Símbolos não são signos visíveis de uma realidade não visível. Na compreensão da Psicologia Analítica de C. G. Jung, os símbolos transportam conteúdos psíquicos inconscientes até a consciência. Eles têm um efeito integral sobre o pensar e o sentir, sobre a percepção, a fantasia e a intuição. Eles unem os lados conscientes e inconscientes da psique. Símbolos sempre são mais do que meros signos. Eles estão altamente carregados de energia e por vezes têm efeitos misteriosos. Quem se envolve com símbolos abandona o superficial e se põe a caminho das profundezas. Os símbolos arquetípicos e, assim também as imagens de Deus do simbolismo religioso possuem caráter numinoso e são chaves para as camadas mais profundas da existência humana. (JUNG, 2018, p. 22)

Ainda sobre símbolos,

Quando nos esforçamos para compreender os símbolos, confrontamo-nos não só com o próprio símbolo, mas com a totalidade do indivíduo que o produziu. Nessa totalidade inclui-se um estudo do seu universo cultural, processo que acaba por preencher muitas das lacunas da nossa própria educação [...]. (JUNG, 2016, p. 115)

Estudar o Tarô requer uma disposição e habilidade em observar atentamente toda a riqueza simbólica, apresentada por cada figura trazida pelos Arcanos. Requerendo até um olhar clínico e bastante detalhista. Atento a simbologia das cartas, dispostas entre figuras e números que retratam tanto uma determinada época histórica, como ainda, a cultura e alma de seu criador. Contando não apenas a beleza das figuras e do jogo de “baralho de cartas”, mas ainda, todo um emaranhado de carga psíquica trazidas pelo inconsciente, que se apresenta através de seus deuses e deusas; heróis; sacerdotes; reis e rainhas; anjos e mensageiros; demônios e caveiras; crianças; e toda uma gama de imagens, que chamamos de arquétipos, “[...] um padrão que é universal e existente em todas as pessoas, em todas as culturas, em todos os períodos da história” (BURKE; GREENE, 2018, p. 19). Arroladas através de Arcanos dos mais diversos Tarôs ao longo dos séculos.

Enfileirando incontáveis tipos de baralhos de Tarô, presente nas mais diversas culturas, com o intuito em atender as prerrogativas sociais e religiosas de suas épocas seus autores teciam e tecem belíssimas obras de arte, contadas de diversas formas, sem contudo, perder a essência da principal narrativa que é a Jornada Arquetípica,⁶⁰ que retrata a vida humana por meio de um ciclo (dentro de outros ciclos), repleta de acontecimentos significativos, expresso em imagens (dominantes) do inconsciente coletivo, retratadas nas cartas, com figuras humanas e de animais;

⁶⁰ NICHOLS, 2007.

astros e estrelas; objetos; paisagens (naturais e artificiais); e números. Todas dispostas em uma racionalidade “não racional” para contar e mostrar algo àqueles que querem ver e ouvir.



Figura 02 - “Tarot de Charles VI”, conservadas na Biblioteca Nacional de França, que parecem datar da segunda metade do séc. XV.

Figuras que por si contam histórias e jornadas. Presentes como imagens corriqueiras de pensamentos e sonhos, povoando o imaginário de indivíduos das mais diversas sociedades e culturas no decorrer dos tempos. Apresentando uma linguagem comum, acessível através da linguagem simbólica dos Arcanos do Tarô, comum a todos os tipos de baralhos destinados à leitura. É voz universal daqueles que as leem seja técnica ou intuitivamente. Embora, sabendo que são tão somente partes repletas de significados simbólicos do Inconsciente Coletivo.

Acreditamos que “[...] O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência” (JUNG, 2000, p. 54). Formas definidas aos conteúdos trazidos à consciência, sendo estas, as “imagens arquetípicas” representadas pelos Arcanos do Tarô, que, sobremaneira, enfatizamos, neste trabalho, por meio dos 22 Arcanos Maiores. Com a ajuda das correlações de estudos realizados por Jung e seguidores, dentre as quais Sallie Nichols⁶¹ e Liz Greene.⁶²

Acerca dos conceitos que estamos apresentando, como o leitor pode perceber, sobretudo, neste capítulo, são conceitos do psiquiatra Carl G. Jung. Logo, é imprescindível debatermos com algumas de suas principais obras relacionadas aos assuntos: Inconsciente

⁶¹ Aluna de Jung, no Instituto de Zurique.

⁶² Psicóloga e analista junguiana.

Coletivo, Arquétipos e correlacionados do assunto. Sabendo que, nosso estudo especialmente neste capítulo está pautado em tais conceitos do autor, que apresentamos, buscando um possível entendimento dentro da esfera da Psicologia analítica e suas vertentes. Como ainda na tarefa, das relações dos Arquétipos de Jung com os Arcanos Maiores do “Tarô de Marselha”. Porém, antes de darmos continuidade, é preciso esclarecermos que, segundo Naiff (2015),

Carl Gustav Jung (1875-1961), criador da Psicologia analítica, havia desenvolvido inúmeras Teses sobre o inconsciente coletivo e o arquétipo (protótipo, modelo, padrão), e essas postulações se tornaram populares no período pós-guerra. Ele recorre a alegorias alquímicas para explicar o inconsciente, e pesquisa o *I Ching* para autenticar a lei da sincronicidade; contudo, nunca intentou creditar a veracidade do mundo espiritual (isso deve ficar bem claro), embora tenha fornecido teoria para o ocultismo estabelecendo uma posição coerente em estruturas consideradas ilógicas (jamais escreveu sobre o tarô e sequer analisou uma única carta). [...]. (p. 367)

Replicando a afirmativa do final da citação acima: “[...] (jamais escreveu sobre o tarô e sequer analisou uma única carta). [...]”. Tal afirmativa do autor Naiff, quase põe por terra toda nossa estruturação de que Jung teria utilizado as cartas do Tarô como ferramenta terapêutica com os seus pacientes. E ainda, de toda a sua suposta construção de Arquétipos em cima dos Arcanos do Tarô.

De fato, se levássemos tais suposições a cabo, estaríamos por demais romantizando as linhas deste trabalho. Uma vez que de fato não existem pesquisas concretas do próprio psiquiatra Carl G Jung, diretamente utilizando e analisando tais cartas, nem muito menos que de fato as utilizou com seus pacientes (como já falamos acima). Até onde sabemos, Jung de fato debruçou-se nos estudos das ciências alquímicas, com total empenho à prova da sincronicidade. Porém, concretamente o que temos são apenas algumas menções ao jogo de cartas do Tarô, por parte do psiquiatra. Deixando sim, abertura aos seus alunos e seguidores para que relacionassem as figuras tarológicas, com os seus conceitos sobre arquétipos e inconsciente coletivo.

Dando assim, continuação ao seu trabalho mesmo não estando em vida, dentro do campo da Psicologia Analítica, como já vimos desde o início desta Tese, nas colocações de sua pupila Sallie Nichols (2007), e outros autores. Embora mesmo sabendo que Jung (diretamente) não fez uso das cartas, continuaremos nossa abordagem aqui neste capítulo e ao longo deste trabalho, na perspectiva junguiana da relação dos Arquétipos com os Arcanos Maiores do Tarô.

2.2.2 Arquétipo

É necessária a compreensão do termo que talvez seja o mais mencionado e imprescindível ao nosso objeto de estudo nesta Tese. Não obstante, sabemos que Arquétipo (na concepção junguiana), está intrinsecamente ligado tanto ao sentido quanto à aplicação do que seja inconsciente. Diante disso, é preciso primeiramente entender sua origem como verbete pertencente a antigos escritos, onde,

[...] *archetypus*, já se encontra em Filo Judeu, como referência à *imago dei* no homem. Em Irineu também, onde se lê: “Mundi fabricator non a semetipso fecit haec, sed de alienis archetypis transtulit.” (O criador do mundo não fez essas coisas diretamente a partir de si mesmo, mas copiou-as de outros arquétipos). No *Corpus Hermeticum*, Deus é denominado [...] (a luz arquetípica). Em Dionísio Areopagita, encontramos esse termo diversas vezes, como “*De coelesti hierarchia*”: [...] (os arquétipos imateriais), bem como *De divinis nominibus*. O termo arquétipo não é usado por Agostinho, mas sua ideia, no entanto, está presente; por exemplo, em “*De diversis quaestionibus*, idae... quae ipsae formatae non sunt... quae in divina intelligentia continentur”. (ideias... que não são formadas, mas estão contidas na inteligência divina). *Archetypus* é uma perífrase explicativa do [...] platônico [...]. (JUNG, 2000, p. 16)

No que diz respeito ao termo Arquétipo, sendo denominação representativa do Inconsciente Coletivo aparece em termo ainda como, *représentations collectives*,

[...] Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos. O termo *représentations collectives*, usado por Lévy-Bruhl, para designar as figuras simbólicas da cosmovisão primitiva, poderia também ser aplicado aos conteúdos inconscientes, uma vez que ambos têm praticamente o mesmo significado. Os ensinamentos tribais primitivos tratam de arquétipos de um modo peculiar. Na realidade, eles não são mais conteúdos do inconsciente, pois já se transformaram em fórmulas conscientes transmitidas segundo a tradição, geralmente sob forma de ensinamentos esotéricos. Estes são uma expressão típica para a transmissão de conteúdos coletivos, originalmente provindos do inconsciente. (IBIDEM, p. 17)

Como nos mostra a colocação acima, as denominações: “arcaicos”, “primordiais,” entre outros são colocações, de tempos remotos, concebidas em imagens que podemos definir até mesmo como patrimônio psíquico universal, de acesso e representações comuns a todos os povos.

[...] Daí a semelhança entre os mitos, símbolos e folclores de diferentes lugares e povos. Tudo vai sair da mesma fonte; da ancestralidade humana. Estamos falando, pois de uma base comum a todos os homens, composta de conteúdos impessoais e transmitida hereditariamente. Estes conteúdos ou imagens psíquicas, Jung chamou de Arquétipos. (FERREIRA NETTO, 2016, p. 12)

Além disso, é possível afirmar que:

[...] O conceito de “archetypus” só se aplica indiretamente às *représentations collectives*, na medida em que designar apenas aqueles conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente. [...] O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta. (IBIDEM, p. 17)

Jung se apropria da antiga definição de Archetypus, e traz esta definição ao cerne da Psicologia Analítica, como representação simbólica de imagens e figuras do inconsciente, ou melhor, do inconsciente coletivo para explicar os sonhos e mitos que caminham há milênios junto ao homem das mais diversas sociedades e culturas, numa tentativa de compreensão das repetições representativas de imagens arraigadas dos mais profundos conteúdos psíquicos. Onde, “[...] O arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas ideias míticas; se não as mesmas, pelo menos parecidas [...]”. (JUNG, 2015, p. 44). Requerendo um detalhamento e estudo destas ideias miticamente sistematizadas, que perpetuam no âmbito da inconsciência humana.

De tal maneira, conforme afirma o mesmo autor e obra (p. 45), “[...] é possível supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pela repetição e reações subjetivas [...]”. O qual é extraído do aspecto inconsciente, se exteriorizando no consciente em forma de determinada imagem, símbolo ou figura, que são captadas diretamente do Inconsciente Coletivo.

Da mesma forma que a codificação simbólica está vinculada a uma significação consciente, existe uma consciência coletiva, que é captada pelo consciente pessoal do interpretante o qual acessa o inconsciente pessoal que se relaciona a arquétipos do inconsciente coletivo. O consciente pessoal se manifesta através de códigos que no caso do tarô são signos simbólicos os quais revelam uma significação consciente. O arquétipo está vinculado a um significado inconsciente. O consciente só opera através de codificações de significados, a denominada mente ou função pensante ocorre somente com e através deste processo. A relação homem-mundo é intermediada pelos códigos. Há uma lógica periférica que emerge no final de um processo de significação originário das profundezas do inconsciente coletivo descrito e explorado por Carl Gustav Jung. O elo subterrâneo dos códigos é o arquétipo na medida em que a significação não se esgota na consciência e parte de seu conteúdo vem de ramificações no inconsciente pessoal do intérprete (indivíduo) e no inconsciente coletivo. (ARANHA, 2010, p. 4)

Agora, podemos acrescentar que sendo atemporal e multicultural, as “representações coletivas”⁶³ possuem inúmeras formas, nutridas de diversos sentidos, que têm manifestação concreta quando é expresso por aquele que o percebe, não como simples figura imaginária, e

⁶³ Arquétipos.

sim como, acessibilidade ao universo desconhecido das manifestações psíquicas. Tratar destas manifestações do inconsciente dentro da abordagem de Jung requer que nos aprofundemos nas definições e experiências trazidas por este psicanalista.

Portanto, falar dos Arquétipos especificamente dentro da visão junguiana, nos aproxima totalmente do que buscamos, tendo em vista nosso objeto de estudo, uma vez que nos pautamos neste universo para trazer as concepções ligadas ao Tarô como possível instrumento de uso terapêutico, já que,

[...] Um arquétipo *não* possui nem forma nem imagem psíquica; somente sabemos do conteúdo como um padrão universal, um modelo operante, que, segundo Jung, é um núcleo de informações comuns a todas as espécies, algo muito mais complexo do que um símbolo. [...]. (NAIFF, 2015, p. 45)

Então, pensar sobre os Arquétipos de Jung nos faz compreender que o psiquiatra que pesquisamos, embora não tenha utilizado diretamente as cartas do Tarô junto aos seus pacientes, abriu caminho prontamente à relação dos conceitos e estudos realizados ao longo de seu trabalho sobre Arquétipos e Inconsciente Coletivo, no campo da Psicologia Analítica, para que essa relação que aqui buscamos, dos Arquétipos de Jung com os Arcanos do Tarô, seja possível.

No tópico anterior, podemos conhecer o que é Arquétipo, em termos etimológicos, e além disso, como representações coletivas do inconsciente. Para tanto, nos voltando especificamente aos conceitos da Psicologia junguiana:

[...] os arquétipos são possibilidades herdadas de representar imagens semelhantes; formas instintivas de imaginar. Estes elementos primordiais e estruturais da psique humana são na realidade matrizes arcaicas, que quando atualizadas e tomam forma, geram as imagens arquetípicas. Portanto, Arquétipo é uma energia que organiza os conteúdos psíquicos e os expressam em imagens. As imagens arquetípicas são caracterizadas por temas universais, que estão além do tempo, da cultura, da raça e dos credos. Pai, Mãe, Morte, Nascimento, são exemplos de experiências arquetípicas. (FERREIRA NETTO, 2016, p. 12)

Estas figuras citadas acima: pai, mãe, morte, nascimento, são comuns a qualquer indivíduo. Representações que se comunicam com o indivíduo desde as primeiras noções de consciência, lá ainda na tenra infância. Passando a fazer parte do seu cotidiano por meio de pensamentos, sonhos, fantasias, e até mesmo em suas crenças. Influenciando assim, consciente ou inconsciente (na maioria das vezes) toda a sua vida.

Existiriam infinitos arquétipos para infinitas situações da vida, e quando incorporados (constelados), poderiam inspirar criativamente os indivíduos para a arte e a ciência, ou manifestar-se como rigidez, fanatismo e possessão, a exemplo do que ocorreu no Nazismo alemão, em que a imagem arquetípica de Wotan, deus da mitologia

germânica, teria sido constelada em Hítler, provocando seu estado de possessão guerreira. (FIALHO, 2014, p. 43 apud FIGUEIRA et al., 2016, p. 145)

Um debruçar-se na compreensão dos arquétipos requer uma abertura do olhar para as cotidianas situações que o indivíduo vivencia, onde o que parecia obscuro, começa a se clarificar, ou seja, o que até então era produto no inconsciente, emerge a luz da consciência, permitindo com isso, um vislumbre dos processos de adoecimento, aprendizagem e cura ao longo da jornada arquetípica do ser.

Ainda, segundo os mesmos autores discursando acerca do pensamento de Jung (2000), a respeito de arquétipos, reforçam que:

Segundo Jung (2000, p. 53-54), o conceito de arquétipos já vinha reconhecido em outros campos da ciência: na pesquisa mitológica foram denominados “motivos” ou “temas”; em psicologia corresponderiam às *représentations collectives* de Levy-Bruhl; nos campos das religiões comparadas foram definidos como “categorias da imaginação”, por Hubert e Mauss; e designados anteriormente por Adolf Bastian como “pensamentos elementares” ou “primordiais”. São “tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos.” (p. 145)

Diante da importância desse estudo, que aqui realizamos, adentramos nestas concepções do universo junguiano, na busca de compreensão da utilização do Tarô como recurso terapêutico. Especificamente, no campo das Práticas Integrativas e Complementares, onde terapeutas utilizam o Tarô como meio terapêutico holístico de integralização do Ser. Levando assim, o interagente, através dos princípios das PICS, ao autoconhecimento, à cura de si e a sua integralidade, como afirma Ferreira (2018):

As práticas integrativas e complementares em saúde usam de métodos terapêuticos que buscam integrar no ser humano junto ao físico, os aspectos mentais, emocionais e espirituais. Partem do princípio da harmonia entre o que se pensa, sente, fala e como atua, para que o indivíduo entre em conexão consigo, encontrando equilíbrio e harmonia. (p. 74)

Acerca dessa relação da face terapêutica do Tarô e interação com as terapias holísticas veremos mais adiante. Por hora, nos deteremos ao estudo aprofundado das lâminas que constituem os Arcanos Maiores do Tarô. Assim, é necessária uma delimitação, onde justificamos o trabalho voltado para as 22 (vinte e duas) cartas correspondentes aos 22 (vinte e dois) Arcanos Maiores do Tarô no início deste trabalho. E agora, iremos realizar, ainda neste capítulo, um aprofundamento de seu conteúdo terapêutico pela simbologia arquetípica contida em cada carta.

2.3 Os Arcanos Maiores do Tarô de Marselha: Uma jornada arquetípica

Antes de iniciarmos este tópico, é imprescindível como já colocado na introdução desta Tese, frisarmos que: Arquétipo não é Arcano. Contudo, sua representação nas cartas, tão somente será uma imagem arquetípica.⁶⁴ Com isso, iniciamos então, a “jornada arquetípica do herói!”⁶⁵ Quando passeamos através de cada representação arquetípica, sob cada fase, ou aspecto do inconsciente coletivo, representado pela simbologia de cada Arcano do Tarô, trazendo com isso a possibilidade de compreensão através desta jornada, dos vários ciclos e caminhos da vida de um indivíduo.

Para tanto, é necessário abertura para dar início a esta viagem; abertura aos mistérios do inconsciente, simbolizados pelas gravuras seculares com seus ricos e finos detalhes transportados diretamente das representações reais e imaginárias de seus criadores, tenham sido estes, medievais, renascentistas, iluministas e de dias atuais, mas, que carregam sempre a mesma essência em cada um dos retratos de arquétipos comum a várias culturas, que ali estão desenhados.

Seguimos, então, com os 22 Arcanos Maiores de Marselha. Respeitando a ordem comumente apresentada na maioria dos jogos de Tarô. Como ainda, a uma melhor compreensão do desdobramento do caminho feito pelo “herói da jornada”. Antes de iniciarmos esta análise dos Arcanos Maiores, é bom esclarecermos que utilizaremos (como já estamos utilizando), figuras de vários tipos e tempos, que representam o jogo, arquétipos e Arcanos do Tarô, com o ensejo de clarificação das ideias acerca dos mesmos. E não é nossa pretensão neste trabalho, análises pormenorizadas das imagens aqui apresentadas.

2.3.1 O Louco

O Louco, a carta representativa do início da “jornada arquetípica”. O herói, que sai pelo mundo a desbravar novos caminhos. A criança, que nada sabe, mas que tudo quer, com a ingenuidade de seguir sem nada a temer. E ao mesmo tempo, o boêmio que deixa para trás tudo que é conhecido e cômodo, em busca de novas aventuras, novos ambientes.

O travesso! “O Louco é um andarilho, enérgico ubíquo e imortal. É o mais poderoso de todos os Trunfos do Tarô. Como não tem número fixo, está livre para viajar à vontade, perturbando, não raro, a ordem estabelecida em suas aventuras [...]” (NICHOLS, 200, p. 39). Aquele que representa o viajante. Percorrendo todas as fases do ciclo que compõe a leitura do

⁶⁴ “Imagem arquetípica” (NAIFF, 2015).

⁶⁵ NICHOLS, 2007.

jogo. Aprendendo a cada nova parada, que corresponde cada uma das imagens arquetípicas. Ao mesmo tempo, é o Arcano que abre e fecha o ciclo, dando sempre o sentido da continuidade. É o “mais jovem” no sentido da inocência de quem está iniciando a caminhada, e ainda o mais matreiro dos Arcanos, de quem carrega o “pó da estrada”. Levando assim, a ambiguidade ao longo de todo o percurso do trajeto.

Louco – evoca uma condição peculiar que remete tanto à coragem quanto à imaturidade; essa nomenclatura indica o que está fora de si, sendo contrário ao bom-senso; sugere excentricidade nos hábitos, imprudência, alienação de pensamentos ou de atitudes; alguém dominado pela paixão intensa e irrefletida; também, demência, travessura, força incomum. Variações em língua portuguesa: Bobo, Palhaço. Denominação em outros idiomas: *Fool* (inglês), *Fou* (francês), *Narr* (alemão), *Matto* (italiano), *Loco* (espanhol). (NAIFF, 2017, p. 220)

A colocação de Naiff (2017), acima, nos mostra o lado embusteiro e inconsequente de tal Arcano. Daquele que viaja seguindo seus impulsos. O travesso, o palhaço. E algumas de suas denominações presentes em diversas línguas. É importante frisarmos a questão dos números que correspondem a cada carta do jogo. A força dos números, a cada Trunfo.⁶⁶ O Louco pode vir aparecer como sendo a carta zero, ou ainda, sem aparecer na sua figura número algum. Além do que,

Esse arcano ousa, inventa, avança, e, não importando as consequências, procura o próprio caminho sem saber qual será buscando sua revolução pessoal quando lhe for conveniente. Brevemente ele personificará os atributos do arcano 1, iniciando nova jornada, fazendo o eterno ciclo da vida humana: buscar, buscar, buscar, até atingir o arcano 21, quando fechará mais um ciclo e, assim, por todo o sempre. Esse arcano não é o número zero, tampouco o número 22, não é o primeiro ou o último arcano – ele é o caos a ser ordenado, o vácuo a ser preenchido, o elo entre o final e o início de um ciclo de vida, um eterno moto-contínuo. Podemos extrair uma reflexão: “nada fazendo, tudo acontece” (diz um ditado Zen). (IBIDEM, p. 222-223)

Assim sendo, não há número que o fixe, mostrando com isso, toda sua possibilidade de transição em meio ao jogo. *Le Fou*,⁶⁷ *Le Mat*, O Louco, não abre e nem muito menos, fecha o baralho. Simplesmente passeia, pertencendo a lugar nenhum, e tão pouca ordem alguma. O Arcano sem número remete a possibilidade de personificação no decorrer do jogo. A versatilidade que tem o coringa de exercer o papel das outras figuras do baralho. Ou ainda, na versão arquetípica de passear ao longo do ciclo e se transmutando. Sendo ao mesmo tempo, todos os arquétipos figurados nos Arcanos do Tarô. Figurado como sem “eira e nem beira”, O Louco é apresentado como o jovem vestido com colorido traje de bufão, que sai com uma trouxa

⁶⁶ Arcano.

⁶⁷ Menção presente nos antigos tarôs franceses. *Le Fou*, O Bobo, o coringa do jogo de cartas.

de roupa nas costas, uma vara de madeira que apoia o chão, lhe abrindo os caminhos. E um cão arrancando uma tira de tecido de sua calça, o segue pelo caminho.



Figura 04 - Le Fol, Jean Dodal.



Figura 05 - O Louco.

A paisagem é aquela destinada a quem se põe em caminho na estrada. O chão batido, com pouca vegetação verde e seca pelo caminho. Diante disso, é imprescindível ainda, falarmos acerca da figura, do desenho que constrói esse Arcano, que como as demais cartas, sofrem modificações ao longo dos séculos. Passando nas mãos de inúmeros artistas das mais diversas culturas. Onde, podemos notar os detalhes iconográficos, bem como ainda as nuances das cores das gravuras, que bailam por séculos, dispostas às ideias e mãos de seus artistas. Como analisamos aqui neste trabalho especificamente as cartas de Marselha, notamos certo refinamento nos traçados e brilho das cores no passar dos anos e modo de impressão do desenho.



Figura 06 - Le Mat, Edição. Millennium, 2013.

Le Mat (O Louco)

Mensageiro do sagrado e guardião dos segredos do mundo, o barqueiro, o viajante e sua sombra ambulante pelas vias do eterno retorno, Le Mat (O LOUCO) é o arquétipo da busca iniciática, da evolução em marcha, Do retorno à origem para que se opere a regeneração total do ser. Esta lâmina representa a liberdade, a consagração dos esforços, o resultado, o ir além das vicissitudes dos ciclos da existência, a apoteose.⁶⁸

Como falamos anteriormente, O Louco não abre e nem fecha o jogo. Aqui, esta carta será “abre alas” às demais. E a seguir prosseguimos ao então primeiro Arcano do jogo de Tarô: O Mago.

2.3.2 O Mago

Primeira carta do jogo de Tarô, retratada pela figura de um mago. Aquele que inicia, que experimenta, o alquimista.

No percurso inaugurado pelo Louco, surge o Mago. Parado na encruzilhada diante de sua mesa, onde depositou os instrumentos do espetáculo, dirige a atenção para os passantes. Com sua varinha na mão, lembra um maestro – concentra as energias, humanizando-as, e as dirige, para que não se percam. Não é um amador, como o Louco. É um profissional, um artista sério, preocupado com o sucesso de sua apresentação. Por isso, busca contato com seus desejos, quer descobrir o princípio

⁶⁸ HOUDOUIN, 2013, p. 120.

criativo, manipular a natureza, domesticar suas energias. O verbo do Mago é querer; sua lei, a Vontade. O 1 é a fonte manifesta, princípio masculino, ativo, é o primeiro de todos os números, o princípio do movimento, da vida. É a centelha que dá início. O conceito de 1 instaura o “outro”, o 2, o yin, princípio feminino, passivo, receptivo. Mas, sem o 2, o 1 não existe – e vice-versa [...]. (FEITOSA, 2014, p. 109)

A carta número 1 do Tarô, o Mago, é a representação arquetípica dos inícios. Quando esta lâmina surge, traz o sentido do novo ciclo que inicia. A ligação com o princípio criativo dos começos. O Louco é classificado como sendo a “criança”, a “ingenuidade” do jogo, O Mago se apresenta como o “ilusionista”. Trabalhando em seu altar alquímico com os quatro elementos (ar, água, fogo e terra), todos dispostos e representados por meio de artefatos simbólicos, como apresentou Feitosa (2014), acima. De tal maneira, criatividade, construção são alguns dos termos que assim o definem.

Em seu Simbolismo Clássico, arraigado de disposições voltadas aos começos e transformações, assim coloca Naiff (2017):

Um jovem em pé (símbolo de vigor, audácia e aspirações) lidando habitualmente com as mãos, que se encontram em movimento (alegoria de atitudes pessoais, atividade), está diante de uma mesa (símbolo do microcosmo, altar, poder pessoal). A mão esquerda segura um bastão (emblema do poder mágico, desejo, magnetismo, elemento Fogo) que se dirige aos céus, absorvendo a energia criativa universal; já a mão direita segura uma moeda (símbolo do poder material, realização, elemento Terra) que se encontra em direção à mesa, emanando a energia formadora individual. Essa ilustração indica que a figura do mago (destreza) extrai a energia do mundo superior (macrocosmo) para concretizar no mundo inferior (microcosmo); também, lembra parte do aforisma hermético: o que está em cima é igual ao que se encontra embaixo [...]. (p. 80)

As imagens arquetípicas ao longo do ciclo sofrem metamorfoses, ou seja, se transmutam em personagens. O Mago se apresenta como autor criador de sua trajetória. Podendo ser o jovem que sai mundo afora, sem destino, e que ao longo do caminho inicia seu movimento de criação. Iniciando, modificando, sendo o alquimista, o mago da construção. O número 1, que precede a sequência dos demais números da roda deste jogo. Sem ele o número dois não vem. Abre o ciclo ensinando como modificar as coisas, representando toda a criação do Universo em si mesmo.

Sendo assim, o Arcano 1, do jogo de Tarô, O Mago “[...] energia masculina que representa criatividade e ação. Nessa fase tudo é novo, jovial e alegre; existe uma imensa vontade de agir e realizar coisas” (FERREIRA NETTO, 2016, p. 21). Ainda define Nichols (2007), didaticamente fazendo uma interessante comparação:

A varinha do Mago, como a batuta de um condutor de orquestra, é um instrumento destinado a concentrar e dirigir a energia. A energia necessita de direção. Somente

com a cooperação consciente do homem é que ela pode ser afeiçoada para uso humano. O maestro do ódio usa a batuta para coordenar e modular as energias dos músicos, tirando, de um som, aliás, caótico, um modelo harmonioso e rítmico. Assim parece que o maestro do Tarô está em vias de orquestrar as energias dos objetos que tem diante de si. Segura a varinha com a mão esquerda, indicando que o seu poder não é o resultado do intelecto e do treinamento, mas um dom natural e inconsciente [...]. (p. 63)

Expressa o autor, assim, por meio da comparação entre O Mago do Tarô e o Maestro de Orquestra, a habilidade que ambos têm com suas varinhas, na concentração e manipulação de objetos e forças necessários para a composição “melódica” de suas criações.



Figura 07 - Le Bateleur, Jean Dodal.



Figura 08 - Maestro João Carlos Martins (2019).

Carta simbolizada, como podemos ver acima (*Le Bateleur*), com um ser híbrido⁶⁹ em pé, de postura ereta (como um maestro), por trás de uma mesa, com vários objetos, dentre os quais estão:

[...] objetos que simbolizam os quatro elementos – o bastão (fogo), a moeda (terra), a taça (água) e a lâmina (ar). Fazendo-os desaparecer ou se transformar, o Prestidigitador às vezes nos engana, mas sempre nos atrai. Mas, ele sabe, nenhum de seus instrumentos é mais potente em persuasão e fascínio que as palavras. (FEITOSA, 2014, p. 109)

⁶⁹ Importante salientar que várias das figuras simbolizadas nas cartas do Tarô, não apresentam em seu desenho, um gênero específico. Embora seus nomes remetam a um gênero, como podemos observar no caso do Mago.

Assim, extenuando todo seu poder de criar e recriar, próprio do Arcano 1, seus propósitos e caminhos, enganando e se transformando, determinando o passo inicial da trajetória do nosso herói do jogo. O arquétipo que dá vida aos demais arquétipos do ciclo dos Arcanos Maiores do Tarô.

2.3.3 A Papisa (Sacerdotisa)



Figura 09 - A Sacerdotisa (Nei Naiff e Thais Linhares).

Aqui estamos diante da representação arquetípica da sapiência feminina das cartas. A Papisa ou A Sacerdotisa é a personificação do conhecimento. É a Lâmina 2: “O Mago, sem público, não comunica, não persuade nem ilude. Não pode ser Mago. O 1, sozinho, nada é nada cria. Esse é o ensinamento primeiro da Sacerdotisa, a expressão maior do seu saber intuitivo: tudo é dual, ambivalente, paradoxal [...]” (FEITOSA, 2014, p. 112).

A Sacerdotisa é o número par que traz em si a essência do binário, do misticismo e do religioso. Inspirando à vida devotada aos mistérios, com “[...] O livro (símbolo do conhecimento tradicional) em seu colo traduz o segredo dos próprios mistérios; contudo, parece não desejar transmitir nada que não seja o necessário e essencial, pois vemos apenas uma página aberta [...]” (NAIFF, 2017, p. 86). Reprime em si mesma qualquer esboço de vontade própria. Porém, deixa a cargo de seus observadores a interpretação de sua estrutura aparentemente inabalável de senhora passiva.

[...] A Sacerdotisa é o princípio feminino, a paciência persistente e amorosa, a poderosa ação de quem não se quer mostrar nem precisa ser afirmar em disputas. Afinal, quem está sempre em ação não pode refletir sobre os ensinamentos da ação. Saber é seu verbo; a Atração, a sua lei. Representa o que não revelado, o mistério. Tudo ela atrai para sua misteriosa rede, tudo ela processa num trabalho interno, inconsciente, emocional, recôndito. Está sempre atenta: todos os seus sentidos perscrutando o que acontece à sua volta. Por isso mesmo, sabe como ninguém se ver no lugar do outro e imaginar como o outro a vê quando ela está vendo... (FEITOSA, 2014, p. 112)

Este Arcano representa a igreja oculta, o santuário, o mistério e a reflexão. A mãe que gera a paciência, o silêncio e a sabedoria. “É a busca da introversão espiritual, estudando nos livros sagrados a verdade da vida. A aparente imobilidade da Sacerdotisa é como a superfície de um lago calmo, mas que em sua profundidade é pleno de ação, riqueza mistério [...].” (FERREIRA NETTO, 2016, p. 22).

E o autor então, prossegue no mesmo pensamento: “[...] nosso Louco entra em contato com o útero do inconsciente, no qual o segredo de seu verdadeiro propósito e o padrão de seu destino estão contidos.”



Figura 10 - Tarô italiano de Visconti Sforza (1450).



Figura 11 - Tarô francês de Catelin Geoffroy (1557).

Seu semblante e postura física exalam a retração monástica, das sacerdotisas, beatas e freiras. Com sua túnica, não deixa brecha aos atributos próprios e comuns da sensualidade

feminina. Cobrindo ainda seus cabelos com um véu, esconde-se a “bela mulher” de qualquer tipo de apreciação.

2.3.4 A Imperatriz

Em analogia à Sacerdotisa,

[...] Tanto os pés da Sacerdotisa, quanto os da Imperatriz são envoltos em suas vestes e se encontram imóveis, mas, na primeira analisamos o potencial do mundo interior, na segunda, há o mundo exterior; assim, o simbolismo parece enfatizar que uma se cala, a outra se expõe. Se a Sacerdotisa serve ao espírito, a Imperatriz o satisfaz; enquanto a primeira governa o universo mental-espiritual, a segunda impera sobre o mundo mental-material [...]. (NAIFF, 2017, p. 92-93)

Ambas trazem em suas essências o arquétipo da mãe. Contudo, a primeira voltada à mãe espiritual, do devotamento e introspecção. E em contrapartida A Imperatriz, esbanja o significado da mãe provedora da matéria, fecundidade e ação. Do dinamismo, da realização dando forma e concretização aos ideais traçados em vida. A rainha representa o poder. Assim, impõe toda a sua figuração simbólica, onde “[...] A aparência resoluta e determinada desse arcano estabelece o poder que concentra em suas mãos, tudo se resume em autoconfiança e autoestima [...]” (IBIDEM, p. 93).



Figura 12 - Tarô de Marselha-Camoin (1750).



Figura 13 - Tarô de Oswald Wirth (França, 1912).

Sentada em seu trono, carrega a coroa em sua cabeça que em algumas de suas reproduções (como a gravura do Tarô de Oswald Wirth), surge com nove estrelas, representando o tempo gestacional. Onde podemos observar ainda, o cetro com um globo e cruz em sua extremidade, que anuncia o domínio da Igreja (objeto utilizado por bispos, cardeais e o Papa).⁷⁰ E ainda, o escudo com o símbolo da águia⁷¹ em seu braço direito, como aspecto do seu poder e autoridade sobre o mundo material.

A Imperatriz, personificação da mulher que domina, mantendo o equilíbrio de sua autoridade e complacência. Sendo, portanto, a carta do Tarô, a qual Nichols (2007) relata a “força trina” de sua simbologia.

Falando de um modo geral, a função do número três se reflete em todos os conjuntos de trindades: Pai, Filho e Espírito Santo; passado, presente e futuro; mãe, pai e filho: Ísis, Osíris e Horó. Em todos eles o número três age como fator de equilíbrio, combinado por tal arte os “números pais” que produzem uma realidade completamente nova. Segundo interessante informação nesse sentido, Pitágoras considerava o número três o primeiro número real. Os dois primeiros números, dizia, eram simples essências, pois não correspondiam a nenhuma figura geométrica e, por conseguinte, não tinham realidade física. Mas, o número três cria o triângulo, uma superfície plana com princípio, meio e fim; uma realidade tangível que corresponde à experiência humana. (p. 100)

Ainda, este Arcano carrega em si a força do mito feminino de uma importante figura arquetípica do inconsciente, a *Lilith*,⁷² a figura demoníaca feminina, a serpente que enganou Adão e Eva no Paraíso, sendo aqui, a reprodução advinda especificamente, do “inconsciente cristão”, dos medos e desejos reprimidos ao longo dos tempos.

⁷⁰ Todavia veremos este artefato representado em outro arcano do Tarô, *O Imperador*.

⁷¹ Águia no escudo da Imperatriz – Símbolo de espiritualidade e transcendência. Ver: Naiff (2017, p. 92).

⁷² A sujeira e os sedimentos foram os materiais usados para moldar Lilith (BIGGS, 2010), a primeira esposa do homem criado por Deus, Adão. Conta-se que Lilith descumpriu ordens de seu companheiro Adão e até do próprio Deus judaico-cristão (SILVA, 2012). As discussões entre o primeiro casal eram advindas, especialmente, do quesito sexual. “Ela soltou o seu longo cabelo e gritou o inefável nome de Deus. Ela, assim, sobrenaturalmente criou asas e fugiu (voou) do jardim” (BIGGS, 2010, p. 06, tradução nossa). Como não teve seu pedido atendido quanto a posição sexual que gostaria de executar, Lilith deixou Adão e refugiou-se em uma caverna [...]. Como foi narrado, *Lilith* recusou-se a voltar para seu companheiro e, portanto, tornou-se uma entidade demoníaca [...]. Segundo Laraia, “alguns teólogos modernos acreditam que a serpente foi a forma tomada pelo demônio para tentar Eva” [...]. (1997, s/p). (ROCHA, 2018, p. 75-76).



Figura 14: Lilith - mulher, serpente, demônio e mito.

Lilith, representação do mito “feminista” em afinidade com A Imperatriz do jogo, mostra toda a rica complexidade do feminino, tanto no mundo do inconsciente, como no mundo material. Onde as duas são persuadidas através de suas figuras iconográficas a revelarem a força de libertação da mulher em todos os tempos e culturas, que é silenciada pela autoridade patriarcal, que repreende, limita e castra a fêmea de seu próprio domínio.

Todavia, A Imperatriz grita e pulsa como representação do inconsciente coletivo, que revoluciona e apresenta ao mundo à sua força de mulher, mãe e rainha. Carta que assim antecede a vociferação masculina do Arcano 5, O Imperador.

2.3.5 O Imperador

Simbolizando o patriarcado, O Imperador narra o momento em que nosso “herói da jornada”, O Louco, atinge o instante de conquista e autoridade na matéria. Assumindo a responsabilidade de provedor, do pai e do dominante que exerce todo o seu domínio sobre seus súditos. Governa pela força e autoritarismo, impondo seu poder ao mundo, é a imagem que representa a conquista, sobretudo, no aspecto material. Carregado do simbolismo de sua imagem.



Figura 15 - L'empereur, Jean Dodal.

De acordo com Feitosa (2014, p. 118), este Arcano masculino nos mostra que de onde está,

Sentado em seu sólido trono, as pernas cruzadas em forma de 4, o poderoso Imperador vem estabelecer a ordem no reino da Imperatriz, marcando o início do mundo patriarcal. Conservador, volta-se para trás, para o passado, e nos apresenta o lado esquerdo de sua face: sua força está no hemisfério cerebral esquerdo, de energia *yang*. Era preciso que ele viesse trazendo o logos, a organização, a hierarquia, o comando. Pai e defensor da civilização, ele é a autoridade, o administrador imbuído de consciência social e espírito comunitário. Sob seu domínio, o homem encontra lugar para erguer sua casa, pode construir sua família e seu lar, relacionar-se com outras pessoas, ter vida comunitária nas aldeias e cidades. Protege todos os seres de seu reino, legisla e governa com justiça e equilíbrio. Seu verbo é fazer, sua lei é a Realização. Com seu poder de nomear, instaura a linguagem, linear e lógica. O princípio da razão se impõe, dominador, sobre a natureza inconsciente. Nossos pensamentos e energias se voltam para a realidade, e passamos a ter senso prático. Ele olha para a Imperatriz, com quem compõe o par real. Os dois se complementam: ela é a ideia, ele a invenção; ela, o amor, ele, a razão; ela, a arte, ele, a ciência. Seguro de seu poder, o Imperador comanda sem armadura: seu reinado é sólido, bem fundado, de paz.

A figura imponente do Imperador (*Yang*) denomina sua estrutura conservadora e arcaica, onde há o domínio pela hierarquia e razão. Se contrapondo a dinâmica da Imperatriz, de fluidez e sensibilidade emanada pela sua essência puramente feminina (*Yin*), que, todavia,

se complementam como o “casal real” do jogo de Tarô, determinando assim, ambos dentro da relação binária (*Yin/Yang*).⁷³



Figura 16 - L'empereur e L'imperatrice.

Diante dessa troca de energia circular, com a força feminina da Imperatriz, O Imperador é a representatividade arquetípica da aquisição dos bens terrestres. Nada escapa a sua determinação de conquistar e governar. Além disso, é o rei que protege e faz valer sua imposição aos seus filhos e subordinados. É o pai que protege e ensina a todos, pelo viés da ação. Para tanto, na simbologia do número quatro,

[...] vemos a figura de um homem adulto (símbolo de força ativa e autoridade) sentado em um trono (alegoria de poder sob um grupo social ou nação), suas pernas estão cruzadas e sugerem o número quatro (emblemático da matéria). Por sua vez, o número quatro e o trono remetem a outro simbolismo, respectivamente: o quadrado e o cubo, as únicas formas geométricas idealizadas pelo homem na Antiguidade, sendo as outras comuns na natureza (círculo, triângulo). Portanto, todos são estritamente marcos terrestres, que por si mesmos já representam o poder material e estático desse arcano. Cetro, coroa e trono [...] são emblemas da realização máxima que um ser humano pode almejar em sua condição social – o poder de autoridade em controlar todas as direções da vida [...]. (NAIFF, 2017, p. 98)

⁷³ Ver Cavalcanti (2018, p. 149): “Podemos começar a compreender o *Yin* e *Yang* como dois pólos que em oposição se complementam formando a essência circular e binária tanto do homem (micro), como do Universo (macro). [...]”

Naiff (2017) apresenta na citação acima, todo o dinamismo simbólico do “quatro” na carta do Imperador, através da dinâmica social e material de controle deste Arcano, que se coloca em oposição à sapiência tranquila do próximo arcano dominante do jogo, mostrando ao mundo o poder de imperar através da ação pela imposição da força.

2.3.6 O Papa (Sacerdote)



Figura 17 - Le Pape, Jean Dodal.

O Sacerdote ou Hierofante⁷⁴ (em alguns baralhos de Tarô mais modernos) representa a forte figura religiosa do jogo. E como os demais 77 Arcanos (maiores e menores), seguem padrões iconográficos do século XV.⁷⁵ Sabendo ainda que, as figuras do jogo do “Tarô de Marselha”, foram essencialmente desenhadas aos traços medievais. Chamamos a atenção, agora, neste Arcano, quanto a esta presença medieval nos desenhos traçados nas cartas, para compreendermos a influência que a cultura e época trazem.

O quinto Arcano é exemplo das “normas” trazendo a força impositiva, que em sua essência, acarreta a necessidade do cumprimento de leis e regras, seguindo preceitos éticos e

⁷⁴ O Hierofante também está sentado em um trono, mas usa vestes religiosas. Este é o principal encontro do Louco com a autoridade fora de casa. Quando o Tarô surgiu, a Igreja detinha a autoridade suprema, às vezes chegando a rivalizar com a rainha ou o rei governante. A carta original do Hierofante era chamada de O Papa. (WEBER, 2020, p. 40).

⁷⁵ Como já apresentado no Capítulo 1, deste trabalho.

morais, advindos, sobremaneira, do poder exercido pela Igreja da época. Embora não apresente profunda ligação com a espiritualidade, como veremos mais adiante, com a representação do Eremita, O Sacerdote é uma figura particularmente religiosa. Transitando entre os dois mundos: físico e espiritual, como afirma Nichols (2007, p.127):

O Papa é uma figura poderosa, não só simbolicamente, mas também no mundo da realidade. Como o Mago, liga o mundo interno ao externo, porém de maneira mais consciente e mais franca. Poder-se-ia dizer que a função do Papa consistia em tornar acessível ao homem o mundo transcendental até aqui alcançado apenas pela intuição. Ele foi chamado “A face visível de Deus” por ser dotado do maná do mesmo Senhor.

Ao que diz respeito à simbologia que o Arcano apresenta, temos então, a personificação da religiosidade do conhecimento, no jogo. Como um ancião que está sentado em um trono com duas colunas ao fundo, onde ainda podemos ver a barba branca e vestimenta tipicamente papal, nas cores azuis e vermelhas, com capa e chapéu peculiar ao poder que ostenta. Carregando também um cetro com uma cruz de seis braços, como está na figura abaixo:



Figura 18 - Le Pape, Phillipe Camoin. (Marselha, 1750).

Além do que,

O Papa, com sua barba patriarcal e suas vestes ondeantes, representa o papel de mãe e pai, ao mesmo tempo, desses irmãos. Expressa a preocupação da Igreja Mãe pelo desenvolvimento pessoal de cada um dos seus paroquianos, embora anuncie, preserve e defenda a lei geral. Em contraste com a Papisa, que se comunica amplamente através da intuição e do sentimento, o Papa é capaz de organizar e verbalizar suas ideias, juntando-as num sistema formal, racional. Como o Imperador, personifica o Logos

masculino, mas as suas preocupações são mais abrangentes que as do Imperador, que se interessava sobretudo pelo bem estar físico e social dos súditos: o Papa também se preocupa com o mundo interior da consciência e da responsabilidade. (IBIDEM, p. 129-130)

Diante disso, O Sacerdote é a representação do arquétipo que exerce autoridade sobre o mundo material e imaterial. E possui forte representatividade ligada ao ensino e conhecimento, refletidos na personificação do Arcano.

2.3.7 O Enamorado

“Escolhas”! Assim abrimos a descrição do Arcano 6, do jogo de Tarô, que traz o “herói da jornada” imerso na energia da tomada de decisões e do envolvimento afetivo, que segundo Naiff (2017), O Enamorado é aquele que:

[...] – revela a condição de envolvimento afetivo incondicional, difícil de explicar racionalmente, pois quando o amor por algo nos invade, tudo se transforma, encontramos beleza em todos os lugares, esquecemos as mazelas e queremos trocar todo desconforto mental pelas doces palavras do coração. Variações em língua portuguesa: Amantes, Cupido. Denominação em outros idiomas Lovers (inglês), *Amoureux* (francês), *Liebenden* (alemão), *Amanti* (italiano), Enamorados (espanhol). (p. 109)

Desse modo, seu poder se valerá sempre da escolha entre dois caminhos, dois amores, onde escolher um implica em renunciar o outro. Portanto, O Enamorado [...] sugere as inúmeras escolhas diárias entre duas situações, duas possibilidades e uma única conclusão – toda escolha pressupõe uma renúncia [...]. (IBIDEM, p. 111).

Assim, na figuração específica das cartas, temos um jovem entre duas mulheres, que, [...] pela primeira vez no Tarô, a figura central não é pintada como um personagem mágico ou divino. Parece um ser humano comum, que enfrenta o mundo e seus dilemas com os pés solidamente plantados na realidade de todos os dias [...]. (NICHOLS, 2007, p. 137). Um Arcano que mostra toda a sua humanidade, das angústias apresentadas pelas escolhas que são realizadas há todos os instantes. Despido de toda e qualquer máscara da dominação, comumente explicitada nos últimos arcanos aqui apresentados: O Sacerdote, O Imperador e A Imperatriz.

A figura deste Arcano remete àquelas fases da vida em que nos vemos cercado por imposições de caminhos e escolhas que devemos seguir. Caminhos muitas vezes, tomados sejam por impulso da pressão sofrida por terceiros, ou simplesmente pela inexperiência do não vivido. O Enamorado, “o herói entre escolhas”, se bifurca nessa imagem, ao passo que as representações de suas escolhas formam, “o sim, o não e o talvez” da dinâmica do caminho a ser seguido.



Figura 19 - L'amoureux, Phillipe Camoin. (Marselha, 1750).

Assim é esse Arcano, retratado na sexta carta do jogo, enfrentando dilemas característicos à essência humana, como já afirmamos. Sendo observado desse modo, no ícone acima: a escolha entre “amores”. Seja o amor *Storge*,⁷⁶ ou o amor *Eros*.⁷⁷ O Enamorado do Tarô, entre duas figuras femininas, que necessariamente podem vir a ser a representação materna e a representação consorte no seu caminho, ou ainda, ambas como suas amantes.

Na iconografia de Marselha, o cúpido, figura mitológica, aparece como o Sol dessa tríade. Sempre com sua flecha apontada à figura do Enamorado, que está no centro da pintura. Contudo, no Transcultural⁷⁸ “Tarô Mitológico”, a carta Os Namorados aparece sobre as representações de três deusas do panteão grego: *Hera*, *Afrodite* e *Atena*. E ainda, o príncipe *Páris* [...], que foi incumbido por Zeus de presidir um concurso de beleza entre as três deusas

⁷⁶ ESPÍRITO SANTO, 2011.

⁷⁷ BRAZ, 2005.

⁷⁸ Por volta de 1970, surgiu o que podemos classificar de “Tarô transcultural” ou “Étnico”. A partir do significado de cada arcano do tarô clássico o autor buscou, em determinada mitologia ou fábula, um significado análogo ao atributo escolhido. Assim, o Arcano Mago (símbolo de iniciativa, criatividade, destreza, possibilidade, especulação) já foi representado em alguns tarôs pelo mito grego Hermes, em outros pelo deus egípcio Osíris, entre tantas figuras mitológicas possíveis e análogas. Diferentemente do que ocorre com os tarôs surrealistas (última classificação), em que o autor usa da livre expressão para retratar um tema, nos transculturais utiliza-se apenas o recurso de desenhar o mito de forma parecida com os Tarôs clássicos ou modernos. Alguns Tarôs transculturais: “Kier Tarot” (1970), “Xultun Tarot” (1972), “Native American Tarot” (1982), “Celtic Tarot” (1985), “Tarô Mitológico” (1988), “Merlin Tarot” (1990), “Tarô dos Orixás” (1992) e “Goddess Tarot” (1998). (NAIFF, 2020, p. 16).

[...]. (BURKE; GREENE, 2018, p. 48). E assim, cumprir a profecia que lhe foi proferida em seu nascimento.⁷⁹

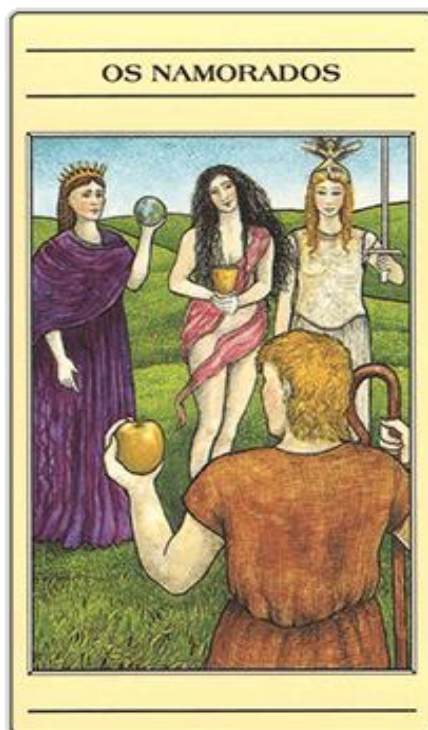


Figura 20 - Os Namorados, Tricia Newell.

Logo, prosseguimos o passeio pelos Arcanos Maiores do Tarô, com a chegada da sétima figura do caminho, O Carro.

2.3.8 O Carro

O Carro fecha o primeiro ciclo composto pelas sete cartas que compõem os Arcanos Maiores, que ditam assim, a primeira trilha percorrida pelo Louco do jogo de Tarô. Determinamos este Arcano, como sendo o que representa a concretização das decisões que foram tomadas pelo Arcano anterior, O Enamorado, ou seja, O Carro. É aquele que executa. Uma vez que o caminho a seguir já está decidido, este Arcano em sua carruagem/biga,⁸⁰ apruma os seus dois cavalos, como retratam as figuras, que veremos após a citação de Naiff (2017, p. 117-118), e segue:

⁷⁹ [...] Quando Páris nasceu, um oráculo previu que um dia ele representaria a derrocada do império do seu pai. Com medo dessa profecia, o rei Príamo, seu pai, setenciou-o à morte, abandonando-o à sua própria sorte no topo de uma colina. Mas um pastor que por ali passava o salvou e criou. Ele cresceu pastando ovelhas e passava horas a imaginar conquistas românticas, pois era um jovem bonito e encantador. (BURKE; GREENE, 2018, p. 48-49).

⁸⁰ NAIFF, 2017.

[...] Os dois cavalos (símbolo de força, vitória, controle) correm em alta velocidade – aqui seria inútil apontar que os animais são adestrados e se encontram atrelados à carruagem/biga cujo movimento direcionado depende tanto dos cavalos quanto do rei. Outro detalhe importantíssimo, nessa imagem arquetípica, é o fato de não haver rédeas nas mãos do condutor, tampouco antolhos nos cavalos: isso denota o controle mental, pleno domínio dos fatos, poder atávico ou simbiótico da situação [...]. Em realidade, o próprio veículo é o nome da carta (Carro), ou seja, a energia cinética (ação) se sobrepõe ao conteúdo pessoal (poder), embora se necessite deste para se movimentar. Em resumo: o destino já foi traçado, não há como parar (o carro está sem rédeas), o rumo é certo e a estrada ficará aberta para que outros possam segui-lo, a liderança faz parte de seu destino.



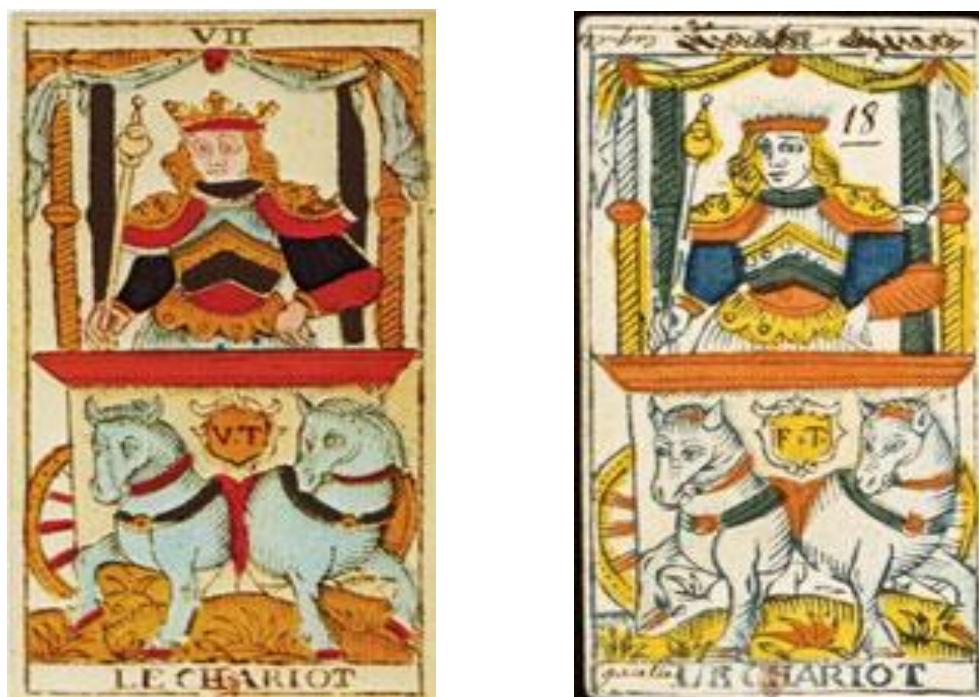


Figura 21 - Na sequência de cima para baixo, e da esquerda para a direita - O Carro em tarôs clássicos: sem letras no escudo da carruagem, Jacques Vieville (1650), e com letras IN no Jean Noblet (1650), VT no Nicolas Convert (1760), e FT no François Tourcaty (1800).

“Êxito”, “triunfo”, “conquista” e “realização”! Alguns dos termos que expressam a significância desta carta no jogo do Tarô remetem à incessante busca humana pela aquisição de algo, seja, fama, poder, dinheiro, bens materiais, prazeres sexuais, conhecimento, ou nada além, do que sua evolução espiritual. Assim, é o sétimo Arcano do jogo de cartas do Tarô, O Carro, que “[...] representa a imagem do espírito heroico e guerreiro que habita em nós. Esse espírito quando desenvolvido e bem orientado para os bons ideais, nos conduz à vitória em relação aos nossos objetivos e a um real domínio sobre a vida.” (FERRREIRA NETTO, 2016, p. 26). Ou seja, nossa força e determinação. Desse modo, observamos que:

Nosso herói já inicia sua viagem com jeito de vitorioso. Não está mais preso numa encruzilhada, com o destino sendo tramado à sua revelia. Enfim, toma as rédeas de sua vida... Mas, reparem: não há rédeas! Mesmo assim, ele tem pleno domínio dos animais e da situação e segue com autoconfiança, gosto pela aventura, flexibilidade para conciliar, coragem e disposição, além de muito prazer no empreendimento de se autodescobrir [...]. (FEITOSA, 2014, p. 124)

Sabendo ainda, que para todo este desbravamento culminado em conquistas,

O triunfo está à vista, mas não irá de mão beijada: as rodas do carro diferentes, desalinhadas em relação ao caminho, exigem do condutor muito equilíbrio externo e interno. Os cavalos, também forças divergentes, respondem ao poder mental do condutor, que sabe quando se deve valer da energia física, simbolizada pelo vermelho, ou da azul, símbolo da espiritualidade. O número 7 tem forte sentido de completude: foram 7 os dias da criação do mundo; o processo de que resulta o ouro alquímico tem

7 estágios com 7 metais, sob a influência de 7 planetas. A lista é enorme, sacramentos, chacras, mares, ventos, notas musicais etc. (IBIDEM, p. 124-125)

Carregado de significado, a simbologia do número 7 (sete) está para adiante da grafia matemática. Traz em si o poder firmado ao longo dos tempos. Seja na religião, sejam nos processos alquímicos, no Cosmos e em outras participações do número em questão. Diante disso, abrimos caminho à próxima figura do Jogo: A Justiça!

2.3.9 A Justiça

Iniciamos então, com a carta, A Justiça, o segundo ciclo dos Arcanos Maiores do Tarô, onde a trajetória do Louco, herói dessa jornada dos Arcanos do Tarô, assume um caminho de maior austeridade, chamada por Nichols (2007), de o Reino do Equilíbrio, que colocará à prova, as decisões e atitudes tomadas no primeiro ciclo. Uma vez que o trajeto dos sete primeiros arcanos do jogo trouxe ao nosso “herói”, aprendizagem, sabedoria. E, portanto, experiência para percorrer o próximo caminho a seguir. Nesse aspecto, percebemos que:

Completamos a fileira superior dos Trunfos do Tarô, que compreendem o Reino dos Deuses, província dos principais arquétipos. Agora estamos em vias de examinar a fileira do meio, o Reino do Equilíbrio, assim chamado porque se situa no meio do caminho entre o céu e a Terra. Podemos ver a fileira superior representando o Espírito: a fileira inferior representando a Natureza; e a fileira média representando o Homem, que funciona como mediador entre os deuses e os animais. De todas as criaturas terrenas o homem é a única que se mantém sistematicamente em pé, ligando o céu à Terra, que engloba e sumaria a união do espírito e da carne. É através do homem que as energias do *yin* e do *yang* serão sintetizadas e expandidas. (NICHOLS, 2007, p. 159)

Sem mais, abrindo, o segundo ciclo dos Arcanos Maiores, temos:



Figura 22 - A Justiça, Matteo Amadei Tarocchi, Tarot of Marseille 8 - La Justice
Copyright Kevin Meunier.

A Justiça coloca às claras, oitava carta. Por meio da sua balança com os pratos em equilíbrio, pesa todas as ações sobre a Terra, não havendo distinção entre as pessoas. Vestida com túnica magistral, uma mulher de face rígida e olhos fitados a sua frente, com sua mão direita ergue uma espada com a ponta para cima, que tanto corta de um lado, como do outro. Senta-se ainda em seu trono, eliminando toda injustiça e desigualdade entre os homens, representando com isso toda simbologia da imparcialidade no jogo do Tarô. Observamos que:

[...] Assim como a arte sagrada dos construtores de catedrais recusava a simetria como coisa diabólica, a carta d'A Justiça é estruturada de maneira assimétrica: o pilar da direita é mais alto que o outro, e termina em uma pequena esfera de amarelo-escuro ausente do lado esquerdo; seu colar sobe mais à direita, os pratos da balança não estão no mesmo plano horizontal, sua espada não é paralela à coluna do trono... (JODOROWSKY; COSTA, 2016, p. 187-188)

Percebemos que, *La Justice* é a imagem do arquétipo presente em várias culturas e tempos. Retratada em obras de artes, pinturas e figuras religiosas seja em palácios ou catedrais, sempre como a face da justiça, seja esta divina ou terrena. “[...] A justiça terrena de diz cega, a social se faz pela honra e a divina pelos atos cármicos; nesse arcano, a justiça é, antes de tudo, um ajustamento, a lei de causa e efeito, à qual também podemos atribuir um antigo provérbio “olho por olho, dente por dente” [...]. (NAIFF, 2017, p. 123-124).



Figura 23 - Diké, a deusa grega da Justiça.



Figura 24 - A Justiça, Catedral de Bamberg (1237).

A simbologia arquetípica da Justiça surge neste momento de abertura do segundo ciclo do jogo, como provação ao Louco, a todas as suas ações anteriores no caminho percorrido. E ainda, como forma de anunciá-lo as demais forças que encontrará logo adiante. Seguindo então, dando continuidade ao jogo, entramos na energia da 9ª (nona) carta do “Tarô de Marselha”, O Eremita.

2.3.10 O Eremita



Figura 25 - O Eremita no Tarô de Marselha. Restaurado por Camoin-Jodorowsky.

Aquele que anda sob a luz da sabedoria,

[...] que caminha com sua varinha e sua lanterna pelo mundo, levando o conhecimento e experiências adquiridos. Distribuindo sua sabedoria pelos lugares que cautelosamente ilumina, segue a sua frente uma serpente, a qual representa a vida densa e rasteira do plano físico. Conduzida pelo cajado do conhecimento, sua aparência mais envelhecida, com barba cumprida, revela um homem muito antigo, sábio. Sua veste interior é amarela, tem dentro de si a luz, porém encobre-a com um manto marrom (por fora) e azul (por dentro), revelando que sua luz é distribuída através da lanterna que é sabiamente direcionada pelo caminho da vida racional. O Eremita representa um dos aspectos do arquétipo que na terminologia Junguiana se descreveria como o Velho Sábio. (ARANHA, 2010. p. 46)

Dessa maneira é O Eremita, que simbolicamente encarna a imagem do arquétipo do Velho Sábio,⁸¹ que caminha sob a luz da sabedoria, desfazendo-se de todos os bens materiais da vida terrena, como um velho *Sadhu*,⁸² a procura do verdadeiro conhecimento.



Figura 26 - Sadhu.

Ao mesmo tempo em que o Arcano da carta 9 (nove) inspira desprendimento, é ainda um buscador incansável, ávido pela sapiência, que o leva a procura incessante do autoconhecimento através da meditação e recolhimento. E seu andar, muitas vezes, desprendido

⁸¹ NICHOLS, 2007, p. 169.

⁸² *Sadhu* – místico; monge andarilho que abdicou de sua vida familiar e social, para viver nas florestas, nas cavernas e templos da Índia. (Grifo da autora).

de bens materiais, no desconforto da incerteza e sem destino físico certo, o arrebatava a contemplar a beleza da iluminação. Como o Louco,

[...] é um andante; e o seu capuz de monge, protótipo do barrete do Louco, liga os dois como irmãos de espírito. Mas, o passo do velho viajante é mais comedido que o do jovem Louco, e ele não olha por cima do ombro. Aparentemente, já não precisa pensar no que fica para trás; assimilou as experiências do passado. Nem lhe é mister esquadrihar horizontes distantes, procurando potencialidades futuras. Parece contente com o presente imediato. Seus olhos estão bem abertos para recebê-lo – seja lá o que for. Aprendê-lo-á e lidará com ele de acordo com a sua própria iluminação. (NICHOLS, 2007, p. 169)

Caminhando assim, o “Velho Sábio”, sem rumo de absolutamente nada, parte pela estrada, sabendo que a elevação espiritual é o seu destino. Segundo Nichols (na mesma obra e página): De acordo com Jung, deixa claro que uma figura assim, personifica “o arquétipo do espírito... o significado preexistente escondido no caos da vida” [...]. Diante disso, caminhamos agora rumo A Roda da Fortuna do nosso jogo de cartas.

2.3.11 A Roda da Fortuna

A carta 10 (dez), dos Arcanos Maiores, A Roda da Fortuna, não possui em sua figura pintada nas cartas dos clássicos “Tarôs de Marselha” uma representação de atores propriamente humanas, e sim, animais estranhos com vestimentas humanas.

Nesta carta vemos dois animais de aspecto estranho dando voltas, impotentes, na Roda sempre girante da Fortuna. Os animais vestem roupas humanas. Estará tentando o Tarô dizer-nos que nós, como esses animais, estamos presos no intérmino girar predestinado da Roda da Fortuna? Ou essa carta nos oferece outras mensagens, mais cheias de esperança? (IBIDEM, p. 183)

Agora, analisando a simbólica gravura da Roda da Fortuna podemos notar que a roda em um incessante girar com os “estranhos animais,” com vestimentas humanas, reflete o ciclo da vida, que o próprio jogo de Tarô por meio da caminhada do Louco, nas 22 casas (Arcanos), nos apresenta. Trazendo a compreensão de que nada é permanente: Ora a roda abaixa, ora a roda ascende. E irremediavelmente quem está em cima desce e quem está embaixo sobe. Sendo então, o “movimento da vida!”

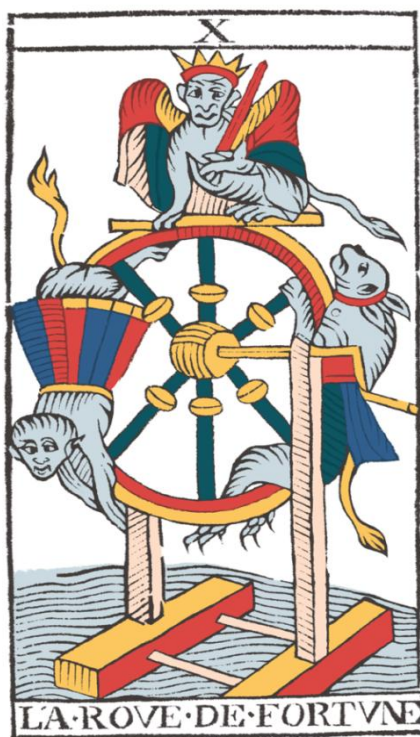


Figura 27 - La Roue de Fortune, Nicolas Cover (1760).

É certo que, para a

Roda da fortuna – há dois conceitos nessa palavra. Roda indica movimento, algo que conduz com ritmo e velocidade a alguma direção; no entanto, ela pode acionar um movimento para frente ou para trás, mas, nunca de forma simultânea, sempre alternadamente; por isso existe a duplicidade implícita. Fortuna refere-se à deusa romana que rege os ritmos do destino, desde o crescimento ao seu término, do sucesso ou fracasso, sorte ou azar; às vezes, é representada por uma cornucópia. Assim, temos uma referência de que nada se mantém no seu apogeu, tampouco na decadência. Tudo é transitório, tudo é passageiro, tudo é cíclico, nada é estável em nossa vida mundana [...]. (NAIFF, 2017, 135-136)

Observemos com esmero a figura a seguir, com atenção a cada elemento exposto:



Figura 28 - A Roda da Fortuna, Século XV (BnF, 1098).

A figura em questão retrata a pintura dos idos do século XV, onde “Fortune” é representada por uma mulher, retratada em gravura a partir de escritos da obra *A Consolação da Filosofia*,⁸³ do filósofo latino Boèce (c. 480-525). Sob a égide da representação da roda em constante movimento circular, que no caso tem seu girar empunhado pela figura feminina da “Fortuna”. Sendo assim, ainda Naiff (2017, p. 136), coloca que, A Roda da Fortuna,

[...] na qual todos se apoiam é o símbolo do tempo, do movimento inexorável da vida e do destino, uma vez que não há como deter esse ritmo lógico do universo à nossa volta – o mundo não para de girar, os dias avançam, os anos passam quer queiramos ou não. A busca da iluminação do arcano 9 encontra aqui seu grande obstáculo: o tempo e o caos [...].

Levando com isso, a roda girar e nos levar até o próximo Arcano: A Força.

2.3.12 A Força⁸⁴

O 11º (décimo primeiro) Arcano desta estrada, A Força, por onde caminha o Herói da Jornada, equivale ao meio do caminho percorrido dos 22 Arcanos maiores do baralho de cartas de Marselha, ou seja, a que está ao centro, representada pela figura da mulher, símbolo da coragem. Vestida de saia azul e manto vermelho, usado um chapéu semelhante ao chapéu do

⁸³ “A consolação da filosofia” é uma obra escrita no ano 524, pelo filósofo Boécio. Ficou conhecida como uma das últimas grandes obras ocidentais consideradas clássicas, marcando o período de transição entre o Cristianismo Medieval e o Renascimento [...]. (FAROFA FILOSÓFICA, 2018).

⁸⁴ A Força, número 11 (onze), é a primeira carta da segunda série decimal. É ela quem abre o caminho das energias inconscientes. Observamos que é a única carta entre os Arcanos maiores a mostrar essa particularidade: seu nome se inscreve na extremidade esquerda da legenda, enquanto à direita vinte traços se acumulam como uma mola que permite à energia nova adquirir seu impulso [...]. (JODOROWSKY; COSTA, 2016, p. 205).

Mago. Com o leão ao seu lado, a mão direita apoia-se em seu focinho, e com a esquerda, abre-lhe a mandíbula, aparentemente sem muito esforço, talvez simplesmente utilizando a “força” da persuasão.



Figura 29 - La Force, Phillipe Camo (Marselha, 1750).



Figura 30 - Hércules estrangulando o leão de Nemeia. Detalhe de um mosaico romano da Llíria (Espanha) 201-250 AD.

Sendo também, A Força, imagem arquetípica comparada à figura mitológica de Hércules estrangulando o leão de Nemeia. Retratado logo acima, como podemos observar no mosaico romano da Llíria (Espanha). Tão somente pelo requinte da força aplicada mais pela “habilidade” em saber dominar a situação apresentada no momento, do que pela extenuação física, sobretudo, por se tratar da “força feminina” retratada no desenho da carta 11 (onze), do “Tarô de Marselha”, trazendo à tona as primitivas forças armazenadas da psique humana. Nesse sentido, como afirma Nichols (2007, 203):

Podemos encarar essa mulher como a alma, personagem arquetipo que simboliza o lado feminino do inconsciente do herói. Na carta número um, o Mago iniciou a série do Tarô. Agora aqui, na carta número dez mais um, estamos prontos para um novo princípio e uma nova mágica – em que esta dama maga representará o papel iniciatório. Atuará como mediadora entre o ego do herói e as forças mais primitivas da sua psique.

Além disso, prossegue o autor:

A Força do Tarô não tem medo. Observando-a, talvez possamos ter alguma ideia da melhor maneira de abordar e domar o nosso leão interior. “Que é exatamente o que a dama está fazendo com as mãos?” Essa pergunta deixou perplexas gerações de comentadores do Tarô. Dizem alguns que ela está fechando a boca do leão. Dizem outros que ela a está abrindo. Talvez se tenha deixado a pintura propositadamente ambígua, pois é evidente que a dama deve executar cada ação em vários momentos, conforme as ocasiões. Há momentos em que o leão instintual precisa bocejar e esticar-se, ou emitir um alegre rugido; e outros há em que até os reis – especialmente os reis – precisam aprender a pacientar e a dominar-se. (p. 206)

Mostrando com isso, a força que cada indivíduo traz em seu cerne psíquico, intrinsecamente ligado ao poder intuitivo, que conseqüentemente diverge da força propriamente física. Levando-nos a perceber neste Arcano, a maturidade do “Herói da Jornada”, a partir do instante em que, aprende a lançar mão do desperdício da energia física em determinadas situações, em favor do que vem aprendendo ao longo da jornada.

Compreendemos ainda, que “[...] Esse arcano é o exercício de um poder feminino, irresistível em sua suavidade e sutileza, sem ter a ver com explosões de raiva e com a força bruta. É a força moral, a nobreza, a bravura.” (FERREIRA NETTO, 2016, p. 30). Após compreender o que de fato seja A Força representada no jogo, se abrem as portas ao próximo Arcano do trajeto: O Enforcado!

2.3.13 O Enforcado

Carta dúvida! Uma vez que tanto pode representar a quem se destina a leitura, situação de sacrifício, como novas maneiras de vislumbrar as nuances do mundo. Trazendo então, peculiaridades próprias da carta 12 (doze), do jogo, ela tem o aspecto de não definir e nem concluir nada. Com característica oposta ao Arcano anterior, este arquétipo mostra a total estagnação.

Depois de experimentar o influxo hilariante de energia, indicado na carta anterior, o herói deve ter ficado escandalizado e ofuscado por esta repentina inversão. Com o pé que lhe ficou livre lutou, decerto, desesperadamente, a princípio, para livrar-se, rebelando-se contra o destino. Deve ter-se sentido profundamente injustiçado, impaciente por se ver desagradado – por ser capaz, mais uma vez, de andar com a cabeça erguida e colocar os pés, com firmeza, no caminho da sua busca. Ele há de ter sofrido muito antes de atingir o grau de aceitação, de quase afável repouso aqui pintado. (NICHOLS, 2007, p. 217)



Figura 31 - Le Pendu, Phillipe Camoin. (Marselha, 1750).

Largado à própria sorte, ou simplesmente colocado em uma posição que o torna capaz de perceber sobre novo aspecto, o que está ao seu redor. Largando-se então, à própria sorte do que o destino lhe reserva, *Le Pendu*⁸⁵ está

Representado por um personagem de cabelos azuis, vestido com um casaco abotoado, o Pendurado se apresenta de cabeça para baixo, com as mãos atrás das costas, o tornozelo esquerdo preso a uma forca, enquanto a perna direita, liberada de todo entrave, permanece dobrada. Dois troncos de árvore, cujos galhos foram podados, sustentam a viga transversal na qual o Pendurado está suspenso. (PARISSE, 2020, p. 99)

Com trajes semelhantes ao Arcano do Louco, é possível perceber O Enforcado com as mãos para traz, onde não é possível saber se estão amarradas, ou meramente cruzadas nas costas. Estando em posição invertida, de cabeça para baixo, preso em único pé por uma corda, reflete ao mesmo tempo, angústia e confiança, sobre a égide do aparente “autocontrole” diante do sofrimento. Esta carta representa o outro lado deste mesmo Arcano do Enforcado,⁸⁶ que retrata paralisação perante a dor.

⁸⁵ O Pendurado (O Enforcado).

⁸⁶ Dos dois lados do personagem, vemos árvores com galhos cortados, sacrificados. Para esse nascimento material ou espiritual que se prepara, é necessário fazer uma parada. Pode ser a parada provocada por uma doença ou como aquela que consentimos livremente na meditação. Em um plano espiritual, O Enforcado deixa de se identificar com a comédia do mundo e com seu próprio teatro neurótico; oferece em sacrifício ao trabalho interior as inquietudes de seu ego. Nesse sentido, sua queda é uma ascensão. (JODOROWSKY; COSTA, 2016, p. 212).

Na imagem a seguir, fazendo ponte com o Arcano 12 (doze), do jogo do Tarô temos a pintura da Crucificação de Pedro, datado do século XV, onde a ideia do sacrifício está estampada remetendo a alusão da renúncia a um “bem maior”. Pensamento este, repleto do imaginário cristão, onde para haver “glória” é preciso haver antes, o sacrifício, o suplício da dor, como meio até mesmo da purificação.

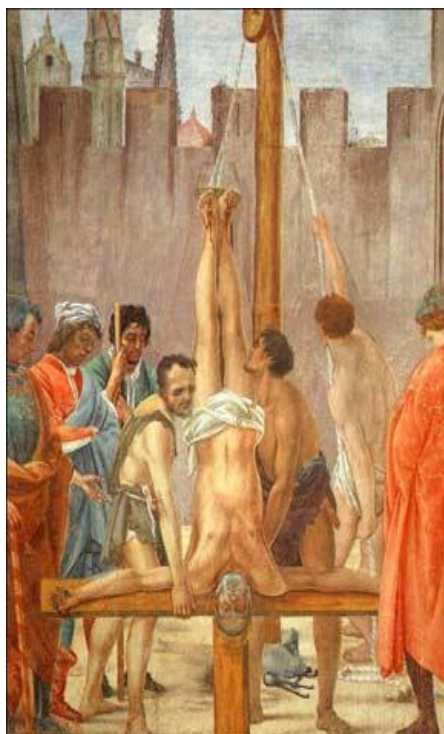


Figura 32 - Crucificação de Pedro. Afrescode Filippino Lippi (1457-1504), na Capela Brancacci, Florença, Itália.

Todavia, será que esta é a menção trazida por esta carta? Ou simplesmente o fato do herói da jornada arquetípica do Tarô, tão somente estar em uma posição de possível fuga da próxima etapa do jogo que está por vir? A tão temida, e por vezes, mal interpretada imagem arquetípica trazida pelo retrato estampado da Morte.

2.3.14 A Morte

A Morte, talvez seja a carta mais “temida”, não só por seu enunciado, como ainda pela iconografia que apresenta.



Figura 33 - La Morte, Phillipe Camoin.
(Marselha, 1750).



Figura 34 - La Mort (A Morte), Tarô
Jean Noblet (1650).

Nos baralhos de Marselha, sobretudo os mais antigos, a carta não apresenta nome. Tem de ser lida como a figura “Sem nome”. Nos séculos seguintes da criação do “Tarô de Marselha” é que alguns artistas começam a dar nome, como *La Mort*, criada por Jean Noblet, em 1650. Sua imagem arquetípica retrata do inconsciente o maior dos temores humanos, a morte. Onde a representação da “caveira ceifadora” não faz distinção de pessoas a quem ela vem ceifar. Seja rico, ou seja, pobre, a figura nos mostra que todos temos o mesmo destino. Diante do que,

[...] esse arcano, é uma conscientização, uma “pequena morte” que questiona o que tomávamos como certo e nos obriga a virar definitivamente a página. Essa transformação ocorre tanto no plano material quanto no pessoal. Desse modo o Arcano sem nome simboliza a ressurreição [...]. (PARISSE, 2020, p. 108)

A carta em questão, na trajetória do Louco, anuncia que a morte não necessariamente física (do corpo) está para ocorrer. Indica possíveis mudanças, tanto no caminho como nas escolhas do Herói da Jornada. Apresentando ao mundo outra face do tão temido Arcano 13 (treze), do jogo. E, em algumas culturas, a morte tem um sentido para além da sua imagem tenebrosa de medo e dor. Em lugares como o México, por exemplo, ela, ou melhor, *La Santa Muerte*, ou *Santa Muerte*, figura sagrada, como qualquer outra santa do calendário litúrgico da

Igreja Católica é cultuada, venerada e festejada no Dia dos Mortos.⁸⁷ Trazendo a mensagem da brevidade da vida de todos os seres vivos que neste mundo habitam.



Figura 35 - Santa Muerte.

Representando diversos “fins”, *Santa Muerte* povoa o imaginário por séculos, sendo temida por muitos, porém, necessária no ciclo que representa a vida. Assim, bem como o Arcano, Morte do Tarô. Com isso nos comprova Weber (2020):

A carta da Morte indica um fim. Muitas vezes é um fim desolador ou doloroso, mas nem sempre. Às vezes, pode indicar um início promissor. Uma das maiores verdades da carta A Morte é que ela é natural [...]. Com a passagem do tempo ou a morte física, também devem morrer todos os esforços, ambições e até relacionamentos. Em todas essas situações, porém, pode-se sustentar que nada se perde de fato – tudo simplesmente se transforma. Essa é uma verdade da carta A Morte. (p. 60)

A carta da Morte apresenta mais do que simplesmente a “não existência” de algo ou alguém. Sendo aquela que prevê encerramentos, além da morte física, como bem já vimos. É a própria imagem arquetípica dos recomeços, dos fins e novos ciclos, sejam de trabalhos, lugares, relacionamentos, dentre tantos outros incontáveis caminhos, que acabam para dar início a outros. A morte anuncia que o inevitável é certo, nos cabendo apenas refletir e aceitar. Após a dura realidade dos encerramentos, nosso herói enfim deleita-se, nos aspectos trazidos pela próxima casa do jogo, A Temperança.

⁸⁷ 02 de novembro.

2.3.15 A Temperança

A Temperança,⁸⁸ em seu simbolismo “angelical”, de todos os Arcanos é o que traz em sua essência arquetípica o sentido do equilíbrio em sua mensagem iconográfica. Juntando os opostos em um único sentido que visa a total complementaridade.



Figura 36 - Temperance.

Constituindo esta, a 14 (décima quarta) carta do jogo, em toda sua imagem mostra o sentido da dualidade, bastando olhar o seu desenho. Tanto as nuances, cores, vestimentas e objetos, todos se apresentam em paridade. Sob a luz de sua face, mãos, braços e asas de anjo, a Temperança mostra ao Louco da jornada a necessidade do “equilíbrio” ao longo do caminho. Como sendo aquela figura “angelical” que,

[...] evoca várias situações: o próprio anjo da virtude da temperança se contrabalançando ao anjo do pecado capital da ira, representando a necessidade de apaziguamento, moderação nos apetites e nas paixões; bem como a própria palavra significando calma, equilíbrio, sobriedade, comedimento, parcimônia e, principalmente, temporalidade [...]. (IBIDEM, p. 164)

⁸⁸ [...] Variações em língua portuguesa: Alquimia, Arte. Denominação em outras línguas: *Temperance* (inglês), *Tempérance* (francês), *Massigkeit* (alemão), *Temperanza* (italiano), *Templanza* (espanhol). (NAIFF, 2015, p. 164)



Figura 37 - Temperance (Rider-Waite).

A analogia trazida por este Arcano maior mostra a polaridade entre o bem e o mal (que também é presente em todas as cartas do jogo), nos levando a perceber não só seu sentido estereotipado de bondade, como ainda o seu lado de sombra, que ambos unificados decodificam a mensagem arquetípica trazida pela Temperança, salvaguardando assim, ao nosso herói, a necessidade de aprender a tramitar através do caminho do meio, onde

[...] Por sua ação, já não existem mais energias opostas, nem contrários, mas apenas complementariedades: é o segredo do equilíbrio. Temperança indica o restabelecimento da saúde, o equilíbrio mental e emocional, o controle das paixões sem repressão, mas pela sublimação. Temperança traz uma mensagem de pacificação: Encontre o centro, seu pêndulo vital deve se afastar dos extremos, passe pelo “caminho do meio”. (JODOROWISKY, 2016, p. 226)

Por meio da mensagem da Temperança o caminhante da jornada adquire maturidade para prosseguir até as próximas casas do jogo que exigirá dele (O Herói da Jornada) abertura e despojamento de todas as crenças e temores adquiridos até então, ao longo do processo de caminhada. Mostrando com isso, o próximo passo que será dado, que o levará até O Diabo.

2.3.16 O Diabo

Sim! O Diabo! Figura criada pelas convicções cristãs, associadas a tudo que se refere ao “mal” (que se opõe ao “bem”) e que está oposta ao Deus tipicamente cristão. Figura de traços medonhos, com o propósito de assustar, mas que, na leitura dos arquétipos do inconsciente, representam nossos medos, sobretudo, aqueles medos bastante obscuros, ligados a nossa sexualidade e aos desejos sexuais, que são por ventura, tidos como os mais irracionais dos desejos. Podendo assim, ser descrita sua imagem com requinte de detalhes, por Bem-Dov (2020):

A nudez aparece em muitas cartas dos Arcanos Maiores. Mas apenas a carta do Diabo, com o órgão sexual exposto bem no centro, faz referência à sexualidade. A natureza flagrantemente lasciva da carta sugere uma expressão desenfreada de desejos. Por exemplo, os dois diabinhos ou duendes, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, podem ser dois parceiros com uma ligação tempestuosa e apaixonada. Suas características animais e seus olhares para a ponta do pênis da figura principal expressam uma relação centrada no sexo e no desejo impulsivo. Ao mesmo tempo, as cordas amarradas no pescoço simbolizam dificuldade para se separarem. Em geral, a carta expressa qualquer comportamento irracional, motivado por desejos e paixões. (p. 194)

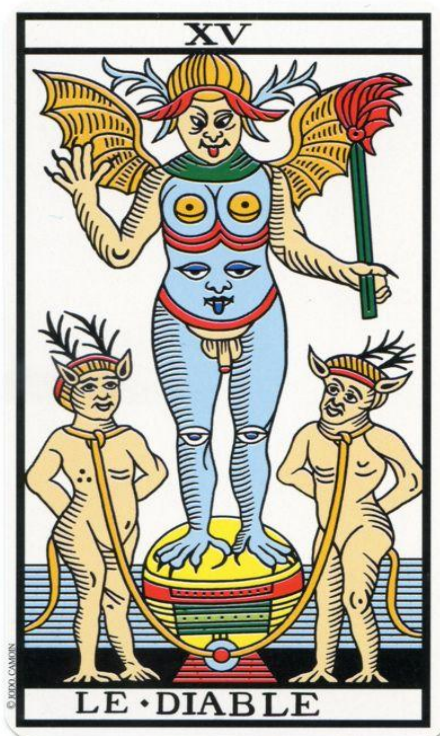


Figura 38 - Le Diable.

A carta do Diabo é uma daquelas que para grande maioria é uma das cartas temidas do jogo, não só pela sua mensagem, mas, por atizar o temeroso imaginário imposto pelo

Cristianismo (como já mencionamos em algumas linhas acima). O Diabo só reflete do inconsciente o que trazemos sejam medos, desejos, paixões. Retrata na sua figura a simbologia das coisas, por vezes, não ditas, que ficam reprimidas, convertendo-se inúmeras vezes em doenças do corpo e da mente, que têm raiz em nossos instintos e sombras recônditas. Como afirma Parisse (2020, p. 127): “Como símbolo tradicional das forças do mal, o Diabo materializa nossos instintos mais primitivos, aquela parte de sombra que dormita em cada um de nós.” Além do que: “[...] Em grego *diabolos* se traduz literalmente por “divisor” e representa um personagem que cria polêmica onde quer que apareça [...]” (IBIDEM, p. 127).

No Tarô Mitológico, a carta do Diabo é representada pelo Sátiro, o deus Pã e sua flauta mágica.

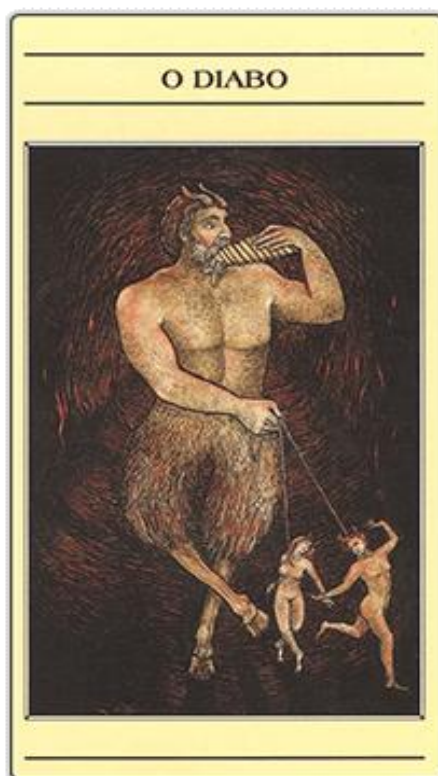


Figura 39 - O Diabo.

Portanto, a gravura que está na carta, é retratada tal como:

A carta do Diabo retrata um Sátiro, uma criatura metade homem e metade bode, dançando à música de uma siringe (flauta de sete tubos) que ele segura em sua mão esquerda. Com a mão direita, ele segura duas correntes, cada uma presa a um colar ao redor do pescoço de uma figura humana nua. As figuras – um homem e uma mulher – têm pequenos chifres como aqueles do Sátiro. Apesar de suas mãos e pernas estarem livres para dançar, eles estão presos às suas correntes de medo e de fascinação pela música. Ao redor, aparecem as paredes escuras da caverna. (SHARMAN-BURKE; GREENE, 2018, p. 83)

Notória instigação traz a figura arquetípica do Diabo, que mesmo tendo o caricato, como premissa de suas formas, é capaz de provocar até mesmo um rebuliço imaginário em quem a contempla. Ocasionalmente subjetivamente uma gama de pensamentos e sentimentos pavorosos e ao mesmo tempo curiosos, naquele que a observa. Sendo com isso, o que exatamente propõe sua representação imagética. É, portanto, uma carta ligada as paixões humanas, não importando de que ordem, critério ou vertente que se mostram.

2.3.17 A Torre ou A Casa de Deus

Continuando o jogo, O Louco em sua jornada, agora se depara com o momento em que suas certezas construídas ao longo do caminho perdem força e se desmoronam como um castelo de areia à beira mar. Ele está atrelado à força devastadora da carta 16 (dezesseis) do Tarô, A Torre ou A Casa de Deus.



Figura 40 - La Maison Dieu.

Diante do que, assim é descrita:

Simbolizada por uma torre, cujas quatro ameias são sopradas por um feixe de chamas, a Casa de Deus representa o desmoronamento de um edifício de pedra, que em sua queda carrega dois personagens. Como fogos de artifício, uma chuva de flocos multicoloridos jorra de ambos os lados da torre. (PARISSE, 2020, p. 137)

Os personagens da imagem mostram que antes da “queda” eles encontravam-se em situação de enrijecimento de postura e convicções. Carregando ainda em si mesmos, a ideia de isolamento e proteção em uma falsa crença de preservação e fuga das intempéries humana. A Torre desde outrora é comparada ao mito bíblico da Torre de Babel,⁸⁹ cuja narrativa do arquétipo da “confusão” de pensamentos e sentidos traz a necessidade de rompimento desta desordem geradora do caos, como afirma Nichols (2015), nesta colocação, sobretudo, no que diz respeito à associação entre A Casa de Deus e a bíblica história do Antigo Testamento:

Talvez a primeira associação do leitor com essa imagem tenha sido a Torre de Babel, edifício construído por Ninrode para escalar o céu. De acordo com relato bíblico, o ato ímpio de Ninrode suscitou a cólera e a vingança de Deus, acarretando a desarmonia e a confusão das línguas na Terra. A conexão entre o Tarô e a Torre de Babel é apropositada, pois se diria que os dois humanos aqui pintados incorreram na ira celeste e estão sendo lançados de uma posição de altiva segurança para outra de exposição e confusão. (p. 279).



Figura 41 – Torre de Babel – Civilização da Babilônia.

Nesse sentido, o Arcano 16 (dezesseis), do Tarô que embora presente (como já observamos) forte sentido de comparação, tanto em seu desenho como em seu sentido, com a

⁸⁹ A Torre de Babel é um dos contos mais intrigantes da história da humanidade, supostamente construída pelos homens que queriam fazer da torre tão alta para alcançar os Deuses. Entretanto os Deuses não gostaram da soberba dos homens e derrubaram a mesma. Além dessa explicação mítica, o conto serviria para esclarecer a razão de existir tantas línguas no mundo. GASPARETTO JUNIOR, Antônio. Torre de Babel. In: InfoEscola. Disponível em: **Torre de Babel - Civilização da Babilônia**. InfoEscola. Acesso em: 25 fev. 2021.

Torre de Babel, traz em sua irradiação simbólica, todo o contexto de possibilidades de desmoronamento e reconstrução de ideias, crenças e todo tipo de materialidade com a abertura de novas estradas e direcionamentos àquele que interessar o jogo. Para que assim, então, este “sortudo” olhe o céu deslumbrando o próximo Arcano da jornada, que há de ser a carta da *Estrela*.

2.3.18 A Estrela

Sorte, esta é a palavra que remete à Lâmina 17 (dezessete) do jogo, A Estrela, uma das seculares cartas de Marselha, sinalizando, como a Estrela de Belém que orientou os três Reis Magos, na narrativa bíblica do “Novo Evangelho”, segundo os quatro evangelistas (Mateus, Lucas, Marcos e João),⁹⁰ a esperança e um novo caminho, na perspectiva da chegada e encontro em um lugar que anuncia tempos de paz e alegria. Assim, estabelecemos este comparativo entre o mito da Estrela de Belém, que é o anúncio da chegada do Messias bíblico, com a imagem arquetípica (A Estrela), iconografada no jogo de Tarô.



Figura 42 – Ilustração retrata os três reis magos seguindo a estrela rumo a Belém

Além de mostrar a direção e o lugar de regozijo, *L'Étoile*⁹¹ pintada sob a representação de uma figura feminina ajoelhada, completamente despida não só de suas

⁹⁰ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. 141. ed. São Paulo - SP: Editora Ave Maria, 1959, (impressão 2001).

⁹¹ Na legenda embaixo da carta, em francês, a grafia ambígua dá margem a numerosas leituras: *Le Toille*, *Le Toule* (que seria uma variação da palavra “fonte” em occitânico), *Le Toi ille* (“a ilha do Tu”, em francês)... Este Arcano será para nós *L'Étoile*, A Estrela. Nele se vê uma mulher nua ajoelhada embaixo de um céu estrelado. Sob as estrelas, uma estrela: o ser humano em sua verdade.

vestimentas, mas igualmente de todas as intempéries apresentadas ao longo do caminho, lhe conferindo, então, certo aspecto de submissão, inocência e desprendimento expressos em seu semblante. Confere-lhe pleno enraizamento e poder sob a terra, onde se firma.



Figura 43 – A Estrela no Tarô de Marselha (1750) restaurado por Kris Hadar.

O Arcano XVII, representa o primeiro ser humano nu do Tarot, antes dos Arcanos XIX, XX e XXI. É com ela que começa a aventura do ser que atingiu a pureza, o despojamento. Além das aparências, ela não tem mais nada a esconder, só precisa encontrar um lugar sobre a terra. A atitude d'A Estrela evoca a piedade e a submissão: ajoelha-se no templo, ou diante de um rei ou rainha. Podemos, então, dizer que ela honra o lugar onde se estabelece. Seu joelho apoiado no chão pode também ser um sinal de enraizamento: ela encontrou seu lugar na terra e está em comunicação com o cosmos. (JODOROWISKY, 2016, p. 245-246)

A Estrela estabelece sua força e beleza em um lugar que aspira paz e calma. Ajoelha-se ante seu próprio poder, reverenciando a natureza e tudo que nela habita. Com os descalços pés no chão e entrosamento consigo, mostra ao Herói da Jornada, O Louco do jogo, o vislumbre das conquistas adquiridas ao longo do ciclo. Onde, firmar e soltar são ações essenciais ao crescimento.

Sendo a carta que representa a força natural no jogo do Tarô, representa ainda, a candura e liberdade estereotipadas pelo nu da personagem que traz em si uma gama de significados, como assim afirma Naiff (2017, p. 187): “[...] A nudez significa a ruptura de obrigações sociais ou a libertação de conceitos culturais que leva alguém a olhar para si mesmo,

a pureza da alma, o eu interior. [...]” Assim é a imagem do arquétipo da *Estrela*, que não só mostra a importância de se firmar, como também ensina a total necessidade de se desprender, por meio da leveza e força da energia feminina retratada. E, além disso, se liberta de toda e qualquer amarra sociocultural, castradora de pensamentos e comportamentos.

A gravura da Estrela abre caminho ao céu do jogo do Tarô, preparando o que ainda está por vir, se assim for seguida a sequência do caminho do Herói da Jornada. Trazendo ainda na força do feminino, abertura ao total poder do mistério e intuição representados e contidos na beleza e esplendor da Lua.

2.3.19 A Lua

Introspecção e intuição são palavras-chave que expressam a força arquetípica deste Arcano do jogo, A Lua.⁹²



Figura 44 – La Lune. (Camoin, 1750).



Figura 45 – La Luna. Tarô italiano de 1835 (Carlo de Dellaroca – Milão).

⁹² Simbolizando o mundo da noite e seu universo onírico, a Lua materializa os profundos turbilhões que animam todo ser humano. Esse Arcano nos faz navegar nas águas turvas que são nossas emoções. Encarna personagens lunáticos, cujo humor varia de acordo com as circunstâncias. Astro noturno, a Lua cristaliza as angústias de todo indivíduo, faz ressurgir nossos medos ancestrais, mergulha-nos nas trevas do inconsciente. Arcano de introspecção e interioridade, a Lua influi na psicologia das relações humanas e sonda os mistérios da alma (PARISSE, 2020, p. 158).

Reprodução do mistério da morada interior. Carta que traz ao jogo a força da energia psíquica, por meio de toda a profundidade das águas do inconsciente, que na verdade são:

[...] as águas represadas (sentimentos) pela Temperança foram vertidas no rio (despojamento) pela Estrela, terminando por se represarem no lago (inconsciente) ilustrado na Lua – assim, esse arcano inicia seu rico simbolismo por intermédio de um lago (símbolo de segredos, sentimentos inertes e perigosos). Nele residem experiências passadas, ideias e sentimentos esquecidos que se atolam no lamaçal profundo das águas (inconsciente). De suas profundezas, surge um lagostim (símbolo da psique imutável ou ideologias ultrapassadas), aludindo à vontade de mudar, de ser diferente, de buscar novos paradigmas. Em frente a esse cenário, encontramos dois animais (cães domesticados ou lobos ferozes?) que parecem uivar para a lua (símbolo de sentimentos instintivos), mas que também estão em posição de confronto. Desejaria o lagostim enfrentá-los? Sim, o subconsciente deseja irromper os limites para enfrentar o equilíbrio iniciado no arcano antecessor e atingir o autoconhecimento [...]. (IBIDEM, p. 193)

Nasce em sua totalidade e esplendor no anoitecer e se esconde no alvorecer do novo dia. Escondendo em suas profundezas, no recôndito de seus mistérios, as sombras renegadas da alma humana. Convidando assim, aquele que a observa a um mergulho profundo nas turvas águas do seu próprio inconsciente, na busca do “conhece-te a ti mesmo”.⁹³

Este Arcano do jogo, contém em si toda a magia da lua, aclamada por diversos povos em suas culturas. Como por exemplo, a expressividade no mito sagrado da deusa grega *Hécate*, divindade feminina representada com três cabeças, sendo cada uma delas correspondente as fases lunares (Crescente, Cheia e Minguante).⁹⁴ Sendo ainda denominada como a porteira entre os mundos e Rainha da Noite, afirmando assim, Louis (2019, p. 180).



Figura 46 – Deusa Hécate.

⁹³ FOUCAULT (1981-1982): **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. 2014.

⁹⁴ DEUSA HÉCATE. Disponível em: **Deusa Hécate**: Tudo sobre sua fascinante história e seu poder (astrocentro.com.br). Acesso em: 23 mar. 2021.

Sob suas fases estão os ciclos vitais. Nossa vida é regida pela força do satélite lunar, sejam as marés, as colheitas e até mesmo os ciclos de reprodução. Nosso calendário está atrelado semanalmente a cada uma de suas etapas. Estando então, o dia a dia da vida na Terra, sob a influência da “Dama da Noite”. Há quem diga ainda, que a força da Lua Cheia é capaz de influenciar nossos estados emocionais e o comportamento dos animais. Que a Lua Minguante não é favorável aos inícios, que ainda, a Lua Crescente faz crescer a prosperidade e abundância.

2.3.20 O Sol

Arcano de forte simbologia dentro do estudo com as cartas sejam estas, as 78 (setenta e oito) cartas do Tarô, como ainda, os demais baralhos de jogos divinatórios, como é o caso, por exemplo, do Baralho Cigano. Sendo esta carta então, quase sempre relacionada aos bons presságios nos caminhos de quem se lê a sorte. O Sol dentro do jogo traz a força e a luz como características principais. É a imagem arquetípica, que vem dissipar a noite trazida pelo Arcano (A Lua) anterior.

Contemple o Sol! A negra depressão da carta anterior dissipou-se. O lagostim ameaçador e os cães uivantes desapareceram. O Sol aparece em toda a glória, derramando bênçãos sobre duas crianças que brincam. Usa um benévolo rosto humano semelhante ao pintado nos manuscritos alquimistas, em que personifica a “áurea compreensão”. O Sol do Tarô possui características humanas inerentes com as quais o homem pode estabelecer uma relação consciente. O motivo da relação humana é ainda mais enfatizado pelas duas crianças que brincam amorosamente juntas. Saímos agora da escura complexidade da paisagem lunar inumana, impessoal, para o mundo simples da infância ensolarada, onde a vida já não é um desafio que precisa ser vencido mas uma experiência para ser desfrutada [...] (NICHOLS, 2007, p. 319)



Figura 47 – Le Soleil.

Este Arcano também pode representar a inocência exagerada, uma recusa a assumir responsabilidade, velada na figura das duas crianças. Como ainda, a vaidade exacerbada, que leva a força do egocentrismo. Sendo as duas crianças da carta, O Sol do “Tarô de Marselha”, comparadas dentro da mitologia grega, aos dois filhos *dióscuros*⁹⁵ de Zeus e Leda (esposa do Rei de Esparta), Castor e *Polideuces* (ou Pólux).⁹⁶ Comparação feita por Parisse (2020), em seu livro “Tarô de Marselha: a jornada do autoconhecimento”.

Por simbolizar a nobreza de coração e o calor humano, o Sol encarna a felicidade terrestre. Magnífico hino à vida, esse arcano materializa a amizade e a fraternidade. Aquece os vínculos que nos unem uns aos outros. Arcano das solidariedades ativas e da coesão social, o Sol é uma mão estendida, um verdadeiro convite a ajudar o próximo. Nesse sentido, os dois personagens centrais remetem ao mito de Castor e Pólux, irmãos gêmeos apelidados de “Dióscuros”, renomados por seus atos de bravura. Com frequência eram apresentados como deuses da hospitalidade, pois eram muito generosos com os outros. Tal como esses heróis da mitologia, os dois indivíduos do arcano simbolizam o amor fraternal e desinteressado. Dependendo do contexto, simbolizam ora um casal, ora crianças e, mais particularmente gêmeos. (p. 168).



Figura 48 – Os Dióscuros.

Assim são algumas das figurações que representam este arquétipo reverenciado como poderoso deus, desde a Pré-história, seguindo ao longo dos milênios nas mais diversas

⁹⁵ [...] eram deuses gêmeos cujo culto se originou em Esparta e difundiu-se por toda Grécia. Eram considerados deuses guerreiros invencíveis, capazes de dar a vitória a quem os invocava. (**Dióscuro**. Dicionário Informal).

⁹⁶ [...] A história começa com Leda, mãe dos gêmeos, e recém-casada com Tíndaro, rei de Esparta. Zeus fica fascinado com a beleza da jovem, mas, sabia que iria ser recusado por ela. Então, ele se transforma em um belo cisne e se aproxima de Leda enquanto esta tomava banho em um rio. A jovem aprecia o animal, pondo no colo e o acariciando. Alguns meses depois, Leda sente fortes dores e vê saindo de seu ventre dois ovos: do primeiro, nascem Castor e Helena, do segundo, Pólux e Clitemnestra. Em cada ovo um filho de Zeus, Helena e Pólux, imortais, enquanto os outros, filhos de Tíndaro, mortais como os outros seres humanos. Mesmo sendo filhos de pais diferentes, Castor e Pólux desenvolvem a mais bela amizade e se tornam inseparáveis, daí serem chamados *dióscuros* (filhos de Zeus). [...]. (**Os Dióscuros**. Mitologia Grega. Openbrasil.org).

sociedades e culturas. Sendo, o Sol tanto o deus pagão, como também a personificação do deus cristão. No Tarô, a carta ocupa a casa dezoito, dos Arcanos maiores. Aquela que prediz a luz e que ainda, abre espaço às nuances do começo do fim da jornada do Louco.

2.3.21 O Julgamento⁹⁷

Observando a imagem, “Juízo Final”⁹⁸ de *Michelangelo* abaixo:



Figura 49 – *Juízo Final* – *Michelangelo*.

Acerca do 20 (vigésimo) Arcano, é possível dizer que:

A imagem da carta é evidentemente inspirada na ideia cristã do Julgamento Final, originária na visão de São João, do livro do Apocalipse. Nessa visão, sete anjos tocam trombetas, anunciando catástrofes globais. Após uma série de acontecimentos extraordinários, os mortos se levantam de suas sepulturas, para passar pelo Julgamento Final e, por fim, céu e terra se unem [...]. (BEM-DOV, 2020, p. 215)

A respeito do Arcano maior, O Julgamento, do baralho de Marselha,

[...] Imagens do Julgamento Final geralmente enfatizam seu aspecto terrível e o destino daqueles condenados ao inferno, mas a carta do Julgamento parece vibrante, iluminada e otimista. Ela pode se referir à ressurreição dos mortos, mas os atributos para julgá-los (a espada e a balança) estão presentes na carta da Justiça e não nesta carta. (IBIDEM, p. 215)

⁹⁷ Segundo Bem-Dov (2020, p. 215) em seu livro “O Tarô de Marselha Revelado”: “[...] Jodorowsky pronuncia o nome dessa carta da seguinte maneira: *le juge ment*, que significa: o juiz lê. Na opinião dele, isso indica que todo julgamento é falso.”

⁹⁸ “Juízo Final” (*Michelangelo*) – “O Dia do Juízo Final” é um afresco do pintor renascentista italiano *Michelangelo Buonarroti* medindo 13,7 m x 12,2 m, pintado na parede do altar da Capela Sistina. É na visão do artista, uma representação do Juízo Final inspirada na narrativa bíblica. (Juízo Final, *Michelangelo*).

O Julgamento, a carta do jogo que traz em sua expressão a simbologia do “final dos tempos”. O Juízo Final descrito por São João (evangelista), no último livro da Bíblia, “O Apocalipse.”



Figura 50 – O Julgamento (Camoïn, 1750).

Imagem que povoa o imaginário cristão, trazendo à tona toda ideia de como será então, o caótico final dos tempos, com a ressurreição daqueles que aqui na Terra viveram e morreram, desde o início da humanidade, até os dias de hoje, para serem então julgados por todas as suas ações em vida. Sendo ainda, a imagem do Julgamento, aquela que ao mesmo tempo em que assusta, anuncia o momento de transcendência e de libertação dos véus da vida terrena. E além do que, prediz o final da jornada do Louco no Tarô, que culmina na carta seguinte, que é regida pelo arcano O Mundo, como define Naiff (2017):

[...] O Julgamento (arcano emissor) tem como sintoma principal O Mundo (arcano sucessor), que simboliza conclusão, término, expansão, revelando que as transformações ocorridas no Julgamento caminharão para a aceitação de mais uma etapa de vida, fechando outro ciclo de realizações, surgindo nova consciência e um ser repleto de experiência (20-21). [...]. (p. 209)

Logo, os Arcanos 20 (vinte) e 21 (vinte e um) do conjunto de cartas do baralho do Tarô de Marselha fecham o ciclo de vivências e realizações do Louco, que agora não mais insipiente, é um ser capaz de deleitar de uma nova consciência e em consequência apto a iniciar um novo ciclo, uma jornada de novas experiências.

2.3.22 O Mundo

O Mundo é a última carta da série que compõe os 22 (vinte e três) Arcanos Maiores do baralho de cartas do “Tarô de Marselha”, é o arcano da celebração, da alegria da conquista. Sendo este, portanto, aquele que encerra o ciclo, a trajetória do “Herói da Jornada”, que aqui o denominamos, como sendo o arcano da carta “zero”, O Louco. O Louco percorreu e finalmente chegou à culminância dessa fase. E será aqui, coroado pela conquista do ápice do trajeto, tal como um corredor chega à linha de chegada da maratona percorrida.



Figura 51 – Samuel Wanjiru (maratonista).

Tal analogia se dá tão somente pelo fato da comparação entre estas duas imagens que aqui veem apresentar na classe dos arcanos maiores, o “último”, aquele que nos fala sobre a chegada aquilo que fora almejado, o ciclo que então é findado. Para tanto, na expressão iconográfica da carta 21 (vinte e um), assim é pintada:



Figura 52 – Le Monde (Marteau, 1931).

Dentre a representação de conquistas, realizações e chegadas trazidas por meio da reprodução deste arquétipo que está na carta 21 (vinte e um) do baralho de Marselha, deste modo sistematiza Jodorowsky (2016):

Este arcano tem o número vinte e um, o mais alto valor numérico do Tarot. Ele representa a realização suprema. Descobrimos aí uma mulher que parece dançar no meio de uma coroa de folhas azul-celeste, levando na mão direita um frasco, princípio receptivo, e na esquerda um bastão, princípio ativo. Como no símbolo do Tao, o Yang sustenta o Yin e vice-versa. Uma estola azul (em cima e atrás dela) passa pela frente do seu corpo e se torna vermelha. Ainda que o personagem seja inegavelmente feminino, é a união dos princípios, o andrógino realizado que fica sugerido por esta figura. (p. 269)

Esta carta vem comungar com a sequência das demais e ao passo que representa a concretização de um projeto, ainda vem anunciar a preparação para o início de uma nova jornada, uma vez que a trajetória do “Herói”, é cíclica, logo não tem fim. Embora se defronte com a morte, O Louco segue sua estrada e se mantém em constante movimento.

Esta carta é também a sinalização de uma nova jornada prestes a começar. Talvez essa nova jornada corresponda ao fim da vida mortal do Louco e, em caso afirmativo, representa a transformação do Louco em uma nova encarnação, seja em uma vida após a morte, uma reencarnação ou uma transformação física em solo e minerais que alimentam árvores e flores. O Mundo continua girando, e assim o Louco também se mantém em movimento. (WEBER, 2020, p. 75)

Encerramos com O Mundo o ciclo dos 22 (vinte e dois) Arcanos Maiores do baralho de Marselha, apresentados um a um aqui neste trabalho. Adiante concluímos este capítulo falando acerca da relação terapêutica presente nas cartas do Tarô com as Práticas Integrativas e Complementares, que é nosso campo de atuação.

2.4 A face terapêutica das Cartas do Tarô e a relação com as PICS

O Tarô não surgiu com nenhum intento voltado às práticas terapêuticas, assim como também não foi criado sob a ideia da adivinhação, ou qualquer outra “mistificação oracular”. O Tarô nasce genuinamente lúdico.⁹⁹ Suas imagens carregadas de simbolismo continham tão somente a lógica dos jogos de entretenimento, com suas cartas detalhadamente pintadas. Trazendo histórias e, especialmente, muita imaginação de seus criadores. Retratando o poder de grandes monarcas e registros culturais e históricos das sociedades de cada época.

Foram alguns séculos para que estes baralhos passassem a trazer conotações divinatórias, com a inserção do Tarô no universo oculto, onde começam também, as primeiras *fakenews*,¹⁰⁰ sobre a origem do Tarô (como já debatemos no Capítulo 1, deste mesmo trabalho) e mais outros tantos séculos para começarem a serem percebidos como portadores de imagens arquetípicas expressas diretamente do subconsciente.

O autor Louis (2019) faz uma interessante reflexão em sua obra, “O Livro Completo do Tarô”, onde compara a importância do imaginário das brincadeiras infantis (ludicidade), com a leitura do Tarô. Onde, aspectos do inconsciente são despertados e conhecidos.

O que, então, é uma leitura de tarô senão uma excursão para dentro do mundo imaginativo da brincadeira infantil? Ao entrar no espaço de transição da leitura do tarô, nós criamos para nós mesmos um ambiente seguro onde podemos mexer com os nossos medos e ansiedades mais profundos e também com os nossos mais queridos desejos e esperança. Então retornamos ao mundo “real” para transformar os nossos sonhos em realidade. A lúdica criação de mitos que aflora enquanto lemos o tarô nos une com a imaginação mítica das gerações passadas e nos faz avançar na nossa busca por nós mesmos. (p. 316)

Por meio da imaginação simbólica e mítica do passado e do presente é possível reorganizarmos aspectos do inconsciente, que trazem com isso um equilíbrio à nossa consciência. Logo, podendo assim, nesta perspectiva serem utilizadas as cartas com o viés terapêutico, na busca da reorganização do Ser Holístico. De tal modo, sendo este então, princípio fundamental das PICS.

⁹⁹ 1.2 Do lúdico à arte divinatória (p. 42 deste mesmo trabalho).

¹⁰⁰ “Notícias falsas” (Tradução da autora).

É bom deixarmos claro que o Tarô, sendo reconhecido, dentro do universo das Práticas Integrativas e Complementares carrega o pressuposto de ser uma prática terapêutica complementar, jamais em substituição, e sim, tão somente como complemento às ciências convencionais da saúde. Como assim são determinadas todas as terapias reconhecidas como Integrativas e Complementares. Especialmente atuando dentro das PICS, as cartas servem como porta de entrada, o primeiro momento do interagente e o terapeuta. Onde o Tarô então, torna-se instrumento de elaboração de diagnóstico do Ser Integral, do que aquele indivíduo no momento necessita, para o seu bem estar, ou seja, para ter saúde.

Sabendo que, este indivíduo pode ser encaminhado à outra terapia, como: Reiki, Auriculoterapia, Massagem, Yoga, Constelação Familiar, entre outras. Ou simplesmente, ter suas questões solucionadas, apenas com a consulta terapêutica das cartas. Vale salientar que geralmente esta dinâmica é realizada com tarólogos, que além de tarólogos são ainda terapeutas. Outrossim, ainda é possível que o consulente no momento da leitura das cartas, ou após o jogo, desperte para seus processos de autoconhecimento e se “reorganize” por si só, apenas com a ajuda do Tarô, como já frisamos acima.

Uma viagem pelas cartas do Tarô, primeiro que tudo, é uma viagem às nossas próprias profundezas. O que quer que encontremos ao longo do caminho é, au fond, um aspecto do nosso mais profundo e elevado eu. Pois as cartas do Tarô, que nasceram num tempo em que o misterioso e o irracional tinham mais realidade do que hoje, trazem-nos uma ponte efetiva para a sabedoria ancestral do nosso eu mais íntimo. E uma nova sabedoria é a grande necessidade do nosso tempo – sabedoria para resolver nossos problemas pessoais e sabedoria para encontrar respostas criativas às perguntas universais que a todos nos confrontam. (NICHOLS, 2007, p. 18)

O baralho de cartas dispõe de aspectos similares que são constantemente aplicados em práticas pertinentes aos consultórios de psicólogos e psicoterapeutas, como por exemplo, as cartas terapêuticas. Sem haver diretamente uma relação explícita de tais cartas com as cartas de Tarô propriamente ditas. Uma vez que esta prática em clínicas de Psicologia permite,

[...] aos clientes um espaço de distanciamento, pois per duram no tempo, permitem que eles reflitam sobre os eventos durante a terapia, bem como transmitem as ideias de uma forma permanente, podendo ser consultadas a qualquer tempo (Davidson; Birmingham, 2001). De forma semelhante, as questões reflexivas presentes na carta convidam o cliente a um território inabitado, onde ele pode buscar resolver seus problemas e construir novas realidades. Além disso, como as competências dos clientes são acentuadas nas cartas terapêuticas, pois estas promovem uma visão não-patologizante do problema, torna-se possível propiciar mudanças por um longo período a partir desse instrumento interventivo, mudanças que podem ser testemunhadas pelos membros da família, ou outras pessoas que tenham importância na vida do cliente (Paré; Rombach, 2003). (PAIVA; RASERA, 2012, p. 198)

Salientamos que não é de nosso interesse adentrar nas esferas das práticas em

Psicologia com esta pesquisa, ou qualquer outro chão que não seja o nosso. Lembrando que buscamos responder com esta pesquisa: Como podemos analisar os discursos de tarólogos e consulentes acerca da utilização do Tarô como Prática Integrativa e Complementar e a presença extrassensorial no jogo como possível fator intuitivo?

A respeito das PICS nos aprofundamos em seu contexto logo a seguir. E a questão da extrassensorialidade como possível fator intuitivo presente no Tarô, apresentamos como resposta a voz do campo sob o que dizem os participantes (tarólogos e consulentes), no último capítulo deste trabalho.

3 AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES E A CHEGADA DO TARÔ NO BRASIL

Esta Tese como afirmamos, no final do capítulo anterior (e no transcorrer de todo o trabalho), tem parte, junto ao universo das Práticas Integrativas e Complementares. Uma vez que nesta pesquisa, o Tarô é deveras analisado, como sendo uma prática terapêutica holística. Diante disso, é essencial neste momento, uma objetiva apresentação das PICS, com pontos acerca da trajetória histórica, suas origens orientais e vitalistas, sua chegada e movimentos no ocidente, como ainda, algumas das principais racionalidades médicas vigentes. Para daí então, trazermos a chegada do Tarô no Brasil, e o seu contexto como prática terapêutica regulamentada em Lei.

Mas, antes de falarmos do Tarô como terapia holística reconhecida é necessário falar acerca das Práticas Integrativas e Complementares, uma vez que se trata de um campo que existe legalmente no território brasileiro, desde meados dos anos 2000, e que fora conquistado, por meio muitas lutas e desafios, sobretudo, quanto ao seu respaldo científico e validação como práticas em saúde, especificamente no Sistema Único de Saúde (SUS).

Lutas estas, que acontecem ainda hoje, Todavia veem sofrendo perdas e sendo sucateada, juntamente com todo o sistema público de saúde do país, pelo descaso das instâncias governamentais que estão no poder. Fazendo com que milhares de pessoas sejam prejudicadas todos os dias em seus tratamentos tanto preventivos, como ainda contra as mais diversas doenças.

Trazer a temática das Práticas Integrativas e Complementares novamente às nossas pesquisas, uma vez que já a utilizamos desde os estudos de mestrado, nos leva a perceber o quanto falarmos e trabalharmos com as PICS demonstram a vastidão de possibilidades que este campo traz, podendo estender o discurso para além dos muros da saúde, chegando à Educação e demais áreas, onde o ser holístico está. Remetendo-nos assim, dia a dia a abraçarmos a luta que é fazermos este campo e seus sujeitos (terapeutas, educadores holísticos e interagentes) serem ouvidos.

Para tanto, neste momento é necessário uma breve, porém essencial, retomada da trajetória histórica, de lutas e conquistas das Práticas Integrativas e Complementares no cenário sociocultural. E adiante, ainda neste capítulo dedicado às PICS, falaremos acerca da chegada do Tarô no solo brasileiro.

3.1 Práticas Integrativas e Complementares: A trajetória

Para adentrarmos neste tópico acerca da trajetória das PICS é imprescindível fazermos uma retomada histórica sobre as bases do conhecimento médico, como afirma Cavalcanti (2018). Logo, trazemos aqui, um breve resumo dessa retomada, para nos situarmos, sobretudo, historicamente, dentro deste percurso sob a luz de autores que se ocuparam em fazer essa busca em seus trabalhos, como Botsaris (2011), Neves (2011) e Cavalcanti (2018).

Diante disso, é importante começarmos este discurso sabendo que, as terapias alternativas têm suas raízes em remotos tempos da Pré-História, com os rituais de cura das antigas Feiticeiras e Xamãs, sacerdotes responsáveis pelos afazeres religiosos, curandeiras e curandeiros, conhecedores da eficácia das ervas para os mais diversos males do corpo e da alma dos membros de suas tribos, como mostra Botsaris (2011)¹⁰¹ ao fazer uma retomada histórica acerca dos primeiros passos das ciências médicas, mostrando o papel destas mulheres e homens.

A medicina, antes de ser ciência, é uma função social necessária dentro do contexto organizacional dos grupos culturais. Ou seja, desde que o homem vem se organizando socialmente, há necessidade de que um indivíduo, ou uma instituição, assuma a função de assistir as pessoas que perdem a saúde, auxiliando-os a lidar com a doença, a dor ou a incapacidade de alguma forma [...]. É comum, nos sistemas primitivos, que uma mesma pessoa acumule as funções de líder religioso e representante do sistema médico, confundindo essas duas funções essenciais à organização social, como é o caso dos xamãs, dos pajés das nossas tribos indígenas, dos druidas das civilizações antigas da Europa, e dos curandeiros e feiticeiros das tribos africanas e da Oceania [...]. (p. 64)

Cavalcanti (2018) citando Neves (2011) afirma que:

Essa relação da figura de líder religioso e curandeiro, nas sociedades pré-históricas, datando do Paleolítico, período correspondente ao agrupamento humano do tipo caçador-coletor (antes de 10000 a.C.), a atividade do homem como xamã e da mulher como conhecedora do uso de vegetais estava ligada a terapêuticas baseadas em certa noção mágica do envolvimento dos indivíduos com a natureza e em determinados entendimentos dessas relações. (p. 50)

Assim, podemos perceber com esta colocação acima, a força e sabedoria ancestral pré-histórica, que carregam as terapias naturais. Sendo estas partes do arcabouço contemporâneo das Práticas Integrativas e Complementares, que aqui trazemos a este debate no intuito da compreensão não somente de sua eficácia terapêutica, como ainda de sua importância histórica.

¹⁰¹ BOTSARIS, Alexandros. A ciência médica – um modelo obsoleto? In: PELIZZOLI, Marcelo (Org.). **Saúde em novo paradigma. Alternativas ao modelo da doença**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011, p. 63-108.

E a autora, complementa o pensamento afirmando que:

Podemos compreender que foi a partir dessa época que o homem começa a relacionar vida, doença e morte dependentes de uma ação sobrenatural. E já que esta ação divinatória, capaz de dar a vida e tirá-la no momento que lhe aprazer, também por alguma razão poderá recobrar a saúde daquele que padece com a doença, por meio de intervenções daqueles responsáveis em ligar o mundo dos homens ao mundo das divindades, que no caso aqui apresentado seriam os xamãs. (p. 50 e 51)

Com isso, chegamos à Idade Antiga, onde surge a figura do profissional que é preparado para cuidar da saúde de seu povo. Tendo geralmente, suas atividades ligadas a uma divindade específica, como por exemplo, no Antigo Egito, a cura era atribuída ao deus *Imhotep*. Na Grécia, atribuíam os feitos a figuras divinas como, *Asclépio* (que em Roma recebe o nome de *Esculápio*), *Apolo* e *Quírión*, entre outros. Ainda na Grécia Antiga, surgem as primeiras práticas voltadas a energia vital por *Hipócrates* e seus seguidores. E não podemos nos esquecer de citar os nomes de Pitágoras, Aristóteles e Platão.

A Idade Média coloca o Teocentrismo¹⁰² como regente de todas as estruturas sociais da época, sejam política, educação, religiosa e até mesmo questões que envolviam a saúde, fazendo com que toda e quaisquer possíveis descobertas científicas ficassem nos recônditos do inacessível, para que a Igreja não tivesse conhecimento e com isso, ordenasse que “pescoços rolassem” e “fogueiras inquisitórias” acendessem e assim, continuassem a arder contra todas aquelas e aqueles que se opusessem ao sistema vigente, e assim, seguiu acesa e queimando até por volta do século XVIII.

Já no Renascimento, no séc. XVII, ocorrem eventos que se enquadram no que passou a chamar de “Revolução Científica”. Com Leonardo Da Vinci, Andreas Vesalius (pai da anatomia moderna), inicia o pensamento do “dividir para entender” o ser humano. Ideia logo mais creditada a René Descartes (Cartesianismo). Ao que concerne ao Iluminismo, diante do que, a sociedade urbana aprimorou-se com a “Revolução Industrial”. As cidades cresceram e também os meios de coletividade.

Nesse cenário, as noções de saúde e doença são influenciadas pelas transformações sociais e pelas inovações científicas. Época esta, onde começam a estabelecer diversas formas de classificação de doenças. Doença e saúde são conceitos que passam a serem vistos como variantes opostas das mesmas condições biológicas dos indivíduos. Idade Moderna, período onde os avanços científicos não foram suficientes para anular noções míticas de saúde e doença. O distanciamento entre elite e povo fez com que houvesse desconfiança das práticas de cunho

¹⁰² Doutrina que coloca o Deus (cristão), como centro de tudo.

científico, e os mais pobres preferissem a terapêutica popular. Essa atitude perdurou até o séc. XX, quando as práticas científicas em saúde ganharam foro oficial definitivo e os métodos de cura popular passaram a ser considerados ilegais. Sem esquecer que neste período, considerado de grandes avanços para a humanidade, determinados grupos excluídos pela Igreja, como judeus, protestantes, iluministas, homossexuais e mulheres que dominavam a arte da cura, através de plantas e mantras (denominadas como bruxas e feiticeiras) eram foram fortemente perseguidos, torturados e na grande maioria das vezes queimados vivos.

E sobremaneira estas mulheres “[...] que pelo simples fato de se expressarem foram massacradas por um patriarcado religioso que não admitiam que mulheres que tinham uma relação sagrada com a natureza fizessem uso de seus conhecimentos para curar pessoas.” (CAVALCANTI, 2018, p. 52). Com isso, muito sangue derramado em troca de satisfazer o capricho, sobretudo, da Igreja católica, que por séculos aliada ao Estado, não se conformava com a verdade escancarada aos olhos de que estas mulheres na verdade eram munidas de uma sabedoria milenar, trazida dos antigos Xamãs e Sacerdotes da Antiguidade, a respeito da saúde e doença humana, que até então, escapava da manipulação das autoridades (Igreja e Estado). Sendo então, mais fácil exterminá-las na fogueira, do que abrirem-se a estes conhecimentos.

Diante de todo caos implantado os conhecimentos produzidos no período da Idade Moderna teve um alto preço a pagar, sabendo que:

Como obtenção de lucro do sistema capitalista, a medicina passa a ser máquina de produzir conhecimento sobre todas as formas de doenças. Criando assim, meios cada vez mais invasivos e de fragmentação do corpo humano, para que sempre chegassem à finalidade principal que era conhecer e não curar. (IBIDEM, p. 58)

Tanto quanto a fragmentação do saber médico, a sociedade também se fragmentou entre os que detinham o poder do conhecimento científico (logo o capital) bem como os que padeciam de doenças, muitas vezes incuráveis, crônicas, que nem mesmo todo o saber médico da época conseguia dar respostas. Os métodos utilizados de alto custo financeiro eram invasivos, frios, cortantes, com fármacos que traziam a estes pacientes grandes efeitos colaterais. E além disso, afastavam o paciente de seu processo de cura, fazendo com que a tão aclamada Medicina Moderna entrasse em crise.

Começa então a busca por métodos menos invasivos e mais baratos, para tratar as doenças. Na verdade, uma retomada das antigas terapias naturais, que buscavam ver o homem em sua completude, com a essência das Milenares Medicinas Orientais: Chinesa e Ayurvédica. Partindo do princípio holístico, estas terapias chegam ao Ocidente, não só como forma do

cuidado com a saúde e cura das doenças, mas dentro de um contexto que se opunha a ganância capitalista, e as investidas repressoras das igrejas cristãs, por exemplo.

Tais terapias comungam com os ideais então vigentes, do movimento sociocultural da Contracultura (GUERRIERO, 2006). Movimento que já brevemente começamos a falar no início do primeiro capítulo desta Tese e que nos meados do século XX, torna-se de certa maneira, ponto de partida a estas terapias alternativas a oposição a tudo que era parte da sociedade capitalista, como a religião, o sistema financeiro, a medicina convencional, e outras instâncias e modos sociais.

Abriu com isso, um leque de práticas vindas, sobretudo, do Oriente. Trazendo então, o foco na saúde do indivíduo de maneira a não o ver mais dentro de uma ótica cartesiana, fragmentada, mostrando a esse indivíduo que a saúde advém, de um equilíbrio entre todos os seus “corpos” ou dimensões, estando para além da ausência de doença. Sabendo com isso, que o bem-estar está não somente entre suas dimensões física, sensorial, emocional, mental e espiritual,¹⁰³ como também no acolhimento e integração dentro do meio social o qual está inserido. Então, é definido o conceito ampliado de saúde, definido pela própria Organização Mundial de Saúde (OMS).

Para tanto, estas terapias são regidas pelo princípio vitalista, que é um componente intrínseco e norteador destas práticas. Denominado assim por Hipócrates de Princípio Vital e depois, resgatado pelas correntes vitalistas que fundamentam a Homeopatia (século XIX), como Força Vital; de *Prāna*, pela Medicina Ayurvédica, e de *Chi* ou *Qui*, pela Medicina Tradicional Chinesa (MTC).

De acordo com Cavalcanti (2018) “[...] princípio vital, tão presente desde as definições cunhadas por Hipócrates e seus seguidores e retomada com a homeopatia do alemão Samuel Hahnemann, no alvorecer do século XIX.” E ainda sabendo que “[...] o mesmo princípio vital está presente nas culturas tradicionais milenares do oriente [...]” (p. 81). Logo, a retomada do Vitalismo, essencial às Medicinas Vitalistas.

3.1.1 Medicinas Vitalistas

Ainda segundo a mesma autora: “Para estas racionalidades médicas vitalistas, a doença surge a partir de uma quebra da harmonia com o macrocosmo, o universo, onde todos estão inseridos. [...]” E, além disso “[...] para recobrar a saúde é preciso que haja uma reorganização desse balanço cósmico. Integralizando, sem cortes e fragmentações. O homem sendo olhado de

¹⁰³ ROHR, 2013.

maneira holística em todas as dimensões que o constituem.” (p. 80). Não como uma máquina, constituído por peças, partes de engrenagens, como tenta assim enquadrar o modelo Tecnicista cartesiano, que expropria o indivíduo de sua integralidade consigo mesmo e com o meio em que vive.

A base das medicinas vitalistas é o princípio a força vital presente não só no ser humano, mas em todos os seres vivos de todos os reinos da natureza. Ou seja, é a força que une e iguala tudo o que respira no planeta Terra. Sendo então, a união, a harmonia do todo, o grande macrocosmo. Como ainda afirma Luz (2012), as Medicinas Vitalistas são, portanto “[...] cosmologias que integram homem e natureza numa perspectiva de macro e micro universos e que postulam a integralidade do sujeito humano como constituída de aspectos psicobiológicos, sociais e espirituais [...]” (p. 168).

Sendo, portanto, estas medicinas voltadas a trabalhar o indivíduo em sua forma integral, dentro dos aspectos que envolvem seus corpos, suas dimensões (física, sensorial, emocional, mental e espiritual), como já conhecemos anteriormente. E na visão cosmológica destas medicinas vitalistas, a doença nada mais é do que o desequilíbrio destas dimensões, que constituem o Ser. Logo “[...] para recobrar a saúde é preciso que haja uma reorganização desse balanço cósmico. Integralizando, sem cortes e fragmentações. O homem sendo olhado de maneira holística em todas as dimensões que o constituem.” (CAVALCANTI, 2018, p. 80).

Na visão integral do vitalismo, como já sabemos, sua principal prerrogativa é a Força Vital, que constitui todos os seres. E assim, esta força é trabalhada de todas as formas possíveis. Desde exercícios respiratórios, alimentação, as terapias que desobstruem e estimulam um melhor fluxo desta energia vital por todo o corpo.

[...] algumas racionalidades médicas vitalistas e suas práticas (homeopatia, medicina tradicional chinesa, medicina ayurvédica, pelo menos) estruturam-se e agem em termos de uma conceituação positiva de saúde. Proporcionam técnicas, saberes e ações especificamente promotoras da saúde e, por vezes, integram com elas cuidados terapêuticos, estimulando potenciais de cura autóctones e fortalecendo a saúde. Isso é permitido, por exemplo, pelo uso de noções como a de “princípio vital” (homeopatia), sopro ou energia vital (*chi*, dos chineses; *prana*, dos indianos), que interligam a pessoa interna e externamente, e de técnicas a elas relacionadas. (TESSER, 2009, p. 1737)

Além disso, é trabalhada a conscientização não só voltada na busca do cuidado do indivíduo consigo mesmo, como ainda, com o meio “biossocial” em que vive. Falar a respeito das Medicinas Vitalistas nos remete (como na citação de Tesser (2009) acima, a retomada das milenares e tradicionais medicinas, Chinesa e Ayurvédica, dentro de suas cosmologias de ensinamentos e práticas voltadas ao bem-estar do homem. Como nos leva aos princípios da Homeopatia (século XIX), que resgata as discussões sobre o princípio vital de Hipócrates e seus

seguidores, como referimos no tópico anterior, abrindo caminhos a um estudo comparativo entre algumas das principais Racionalidades Médicas existentes, sob o olhar de renomados especialistas da área de fundamentação e desenvolvimento das Práticas Integrativas e Complementares, sobretudo, aqui no Brasil.

3.1.2 Racionalidades Médicas

Para adentrarmos neste tópico é importante sabermos que a categoria Racionalidade Médica foi criada por meio de um projeto de pesquisa realizado pela Prof.^a Dr.^a Madel Luz em 1991, no sentido de estudar sistemas médicos complexos, para que estes “sistemas médicos complexos” estivessem dentro dos padrões de classificação. Nesse sentido, o de serem considerados como uma racionalidade médica, era necessário que, obedecessem aos critérios de seis dimensões ideal-típicas estruturais estabelecidas: Cosmologia; Doutrina Médica; Morfologia; Dinâmica Vital (Fisiologia); Sistema Diagnóstico; Sistema Terapêutico (LUZ e BARROS, 2012), e assim fossem de fato, comprovadas e asseguradas como tipos disponíveis de sistemas médicos.

Tais dimensões, de acordo com o projeto de pesquisa da Madel Luz, foram à base de comparação entre as principais medicinas pesquisadas. Sendo estas, portanto, apresentadas no quadro a seguir:

RACIONALIDADES MÉDICAS	COSMOLOGIA	DOCTRINA MÉDICA	MORFOLOGIA	FISIOLOGIA OU DINÂMICA VITAL	SISTEMA DIAGNÓSTICO	SISTEMA TERAPÊUTICO
MEDICINA OCIDENTAL CONTEMPORÂNEA	Física Newtoniana (Clássica) implícita	Teoria(s) da causalidade da doença e seu combate	Morfologia dos sistemas (macro e micro) orgânicos	Fisiopatologia e fisiologia dos sistemas	Semiologia anamnese, exame físico e exames complementares	Medicamentos, cirurgia, prevenção
MEDICINA HOMEOPÁTICA	Cosmologia Ocidental Tradicional: (Alquímica) e Clássica (Newtoniana) implícita	Teoria da energia ou força vital e seus desequilíbrios nos sujeitos individuais	Organismo material (sistemas) força (ou energia) vital animadora	Fisiologia energética (implícita); Fisiologia dos sistemas; Fisiologia do medicamento e adoecimento	Semiologia anamnese do desequilíbrio individual. Diagnóstico do remédio e da enfermidade individuais. Diagnóstico clínico.	Medicamento. Higiene (física e mental)
MEDICINA TRADICIONAL CHINESA	Cosmogonia Chinesa (geração do microcosmo a partir do macrocosmo)	Teorias do “Yin-Yang” e das “cinco fases (ou elementos)” e seu equilíbrio (harmonia) nos sujeitos individuais	Teoria dos “canais” meridianos e dos pontos de acupuntura (“corpo sutil”). Teoria dos órgãos e das vísceras (“corpo orgânico”)	Fisiologia dos “sopros vitais”(Qi) Fisiologia dos órgãos; Dinâmica Yin-Yang no organismo e com o meio ambiente.	Semiologia anamnese do desequilíbrio Yin-Yang. Diagnóstico do desequilíbrio dos sujeitos.	Higiene. Exercícios: (artes, meditação, etc.) Dietética: fitoterapia, massagens, acupuntura e Moxabustão
MEDICINA AYURVÉDICA	Cosmologia Indiana (Geração do microcosmo a partir do macrocosmo)	Teoria dos cinco elementos e das constituições humorais (“Tridosha”) nos sujeitos individuais.	Teoria dos vários corpos (“denso” e “sutil”) Teoria da constituição dos tecidos vitais, dos órgãos e dos sentidos.	Fisiologia “energética” (circulação do Prana e das demais energias nos “corpos”). Equilíbrio do “Tridosha”.	Semiologia: anamnese do desequilíbrio do “Tridosha”. Sistema de observação “dos oito pontos”. Diagnóstico do desequilíbrio dos sujeitos.	Dietética: Técnicas de eliminação e purificação. Exercícios: (Yoga, meditação, etc.). Massagens: Fitoterapia; medicamentos.

Figura 53 – Quadro comparativo Racionalidades Médicas (LUZ, 2011).

Não é de nosso interesse aqui, nesta Tese, nos aprofundarmos neste subtópico a respeito das Racionalidades médicas, uma vez que já trazemos este tema em pauta, no livro: “A Espiritualidade nas Práticas Integrativas: analisando discursos de participantes”, (2018). Diante disso, buscamos aqui, neste momento da pesquisa, tão somente, de maneira sucinta, falar e comparar algumas das principais medicinas acessíveis ao tratamento e prevenção de doenças. Já que é essencial nos voltarmos às inúmeras terapias, especialmente integradas às medicinas vitalistas que se ocupam com o cuidado e o bem-estar do Ser.

3.2 Das Terapias Alternativas Orientais, ao Movimento da Contracultura até às Práticas Integrativas e Complementares

As Terapias Alternativas chegam ao contexto histórico social do Ocidente em meados do século XX, sob o advento da Contracultura e os Novos Movimentos Religiosos (NMR's), que segundo Guerriero (2006):

[...] foi na década de 1960 que aconteceu o grande descontentamento de massa em relação aos valores comuns da cultura e da sociedade. A quebra da legitimidade das instituições religiosas tradicionais, particularmente entre os jovens, iniciou-se nos

Estados Unidos, mas logo se expandiu para outros países ocidentais. Nesse período, as pessoas e amplos setores da sociedade começaram a desacreditar das velhas promessas revolucionárias da modernidade [...]. (p. 56)

Diante disso,

[...] é imprescindível a compreensão do contexto histórico social em que estas práticas despontam. E sua relação com as tradições religiosas orientais antigas, que reaparecem numa perspectiva dos Novos Movimentos Religiosos em contestação, sobretudo, às religiões cristãs. Propondo um tipo de religiosidade, uma consciência religiosa liberta das imposições das instituições religiosas católicas e protestantes. Onde o indivíduo teria a liberdade de exercer a sua religiosidade de acordo com o que quisesse acreditar. (CAVALCANTI, 2018, p. 84)

Como podemos perceber, foi dentro de uma conjectura de contestação aos velhos padrões religiosos e sociais, que despontaram aqui no Ocidente as terapias alternativas. Sendo grande parte destas práticas originárias das Medicinas Vitalistas, especialmente das Medicinas Tradicionais, Chinesa e Indiana. Além do que, estando estas práticas voltadas ao princípio holístico de integração, estão continuamente em busca de uma consciência mais aberta e amplificada, com o ser (indivíduo) e o todo (natureza e sociedade) à sua volta na busca pela saúde e bem-estar.

Estas terapias de cunho vitalista receberam ataques e perseguições. Seus praticantes eram acusados de charlatanismo. Ao longo dos anos, para se firmarem quanto à “certeza científica” acerca da prevenção e cura de inúmeras doenças do corpo (inclusive as crônicas) e da mente (embora já tendo sido inúmeras vezes comprovadas por testes científicos), lutaram e continuam buscando firmarem-se cada vez mais, com teoria e prática. Visto que:

As terapias naturais a princípio eram designadas, como alternativas. Logo, o termo alternativo remete a ideia de algo que é oposto, que surge como outra possibilidade, outra maneira. Que é avesso. Não havendo credibilidade da sua eficácia, sobretudo por parte da ciência. (IBIDEM, p. 35)

Sendo assim, formularam então “[...] um alinhamento das práticas alternativas à “Medicina oficial”, as quais deverão buscar se fundamentarem cientificamente para que tenham seu espaço entre as racionalidades médicas [...]” (IBIDEM, p. 89). E diante disso, passam então, estas Terapias alternativas a serem denominadas de Práticas Integrativas e Complementares.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Após inúmeros embates e debates entre os “especialistas” da área médica em conferências e convenções, o termo, “alternativa” foi substituído por complementar. E passam assim, a serem chamadas tais terapias, de Práticas Integrativas e Complementares. Ou seja, estas práticas integram e complementam e não substituem os tratamentos da medicina convencional.

O crescimento das práticas alternativas criou tensões no campo da saúde alopática, gerando insegurança em perder a hegemonia, tanto de detenção do conhecimento, como dos ganhos econômicos. De acordo com Otani e Barros (2008), e como forma de abrandar e agregar tais práticas ao sistema convencional médico, os Estados Unidos e Reino Unido na década de 80 criaram a denominação Medicina Complementar, que significa “complemento”, que vem a suceder o elementar, havendo assim a possibilidade de associação entre os modelos, com o uso de conjunções como: “e...e” em detrimento as conjunções alternativas “ou...ou”... No Brasil estas práticas vão sendo inseridas conforme o Sistema Único de Saúde (SUS) é implantado após a Constituição de 1988, e vem sendo incorporadas progressivamente na cultura brasileira e na legislação a concepção de que saúde é direito de todos e dever do Estado. (IBIDEM, p. 35)

E embora haja políticas públicas e leis, principalmente aqui no Brasil, como a Lei de inclusão das Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS), sancionada em 3 de maio de 2006,¹⁰⁵ que asseguram tais terapias. Mas, as terapias integrativas são perseguidas e padecem para sustentarem sua legitimidade dentro de uma sociedade política cartesiana, onde o lucro e a ganância sempre falam mais alto.

Todo esse nosso discurso acerca das PICS e sua trajetória, desde a origem e lutas até se firmarem dentro de um “modelo terapêutico” de atenção à saúde, tem o intuito aqui, neste trabalho, de trazer à cena o campo no qual o Tarô está sendo investigado. Ou seja, o seu uso como recurso utilizado em terapia, sobremaneira, como Prática Integrativa e Complementar.

Embora, como sabemos, estas cartas simbólicas nascem como pinturas artísticas, seguindo num contexto lúdico. Perpassam pelo viés místico do Ocultismo, e se expandem ao universo terapêutico, sem jamais deixar de conter todas as suas características: artísticas, lúdicas, místicas e terapêuticas, ao longo de mais de seiscentos anos. De tal forma, as cartas do Tarô há vários séculos percorrem o mundo, criando raízes e histórias por cada lugar que passa. Inserindo-se na cultura e costumes de cada país e perpetuando sua simbologia, através do tempo.

Portanto, nesta Tese: “O Tarô como Prática Integrativa e A Extrassensorialidade no Jogo: Analisando discursos de tarólogos e consulentes”, é mais do que imprescindível trazer à tona um pouco da chegada e percurso destes baralhos em terras brasileiras. Onde o Tarô se firma primeiramente como arte ocultista da adivinhação. E segue, ao longo das décadas, consolidando-se como prática terapêutica em consultórios de psicólogos, psicanalistas e espaços holísticos (que no caso, é o nosso campo de estudo).

¹⁰⁵ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

3.3 A chegada do Tarô no Brasil

É possível afirmar que poucas referências foram encontradas a respeito da chegada do Tarô aqui no Brasil. Poucos autores trazem este levantamento. Diante disso, a autora Kelma Amabile Mazziero de Souza traz em seu artigo “Do Tarô Europeu Medieval ao Tarô no Brasil Contemporâneo: Simbologia e Espiritualidade através da Evolução Imagética”, apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial, em agosto de 2016, um pouco de como as cartas chegaram a solo brasileiro, como podemos observar: “No Brasil o Tarô chegou no século XX, aproximadamente em 1920, porém, ficou conhecido do público a partir de uma publicação da “Revista Planeta”, da década de 70 já com temática esotérica, ausente de referências culturais para os brasileiros” (SOUZA, 2016, p. 4).

Diante do que, Souza (2016) prossegue afirmando que o Tarô de fato, começa a crescer e ganhar popularidade, somente a partir da década de 90, aqui no nosso país. Logo ninguém melhor para afirmar a constatação da autora acima, e ainda contar um pouco mais, acerca da trajetória do Tarô em nossas terras, do que um dos principais autores de livros e cursos sobre Tarô, Nei Naiff. Que traz em sua obra: “Tarô, Ocultismo e Modernidade”, (2002), datas e fatos interessantes sobre as cartas aqui no Brasil.

Segundo Naiff (2002), existe uma curiosidade na chegada do Tarô em nosso país:

No Brasil houve uma curiosidade, tipicamente nossa, é claro; as cartas do tarô foram divulgadas por meio de revistas e brindes e não por livros, pesquisas, ordens ou fraternidades, como nos outros países, foi disseminado mais pela curiosidade espiritual, própria do brasileiro, do que por seus estudos simbólicos. Surgiu, primeiramente, através da Editora Pensamento, em 1949, com o lançamento do livro Tarô Adivinatório, resumo feito pelo próprio editor das obras de Papus, Lévi, Bourgeat e Etteilla, acompanhado de um conjunto de 78 cartas, parecidas com as cartas e Papus, sem grandes repercussões ou eloquências. Foi recebido como um livro diferente e curioso de cartomancia. Na época o brasileiro preferia, ou só conhecia, o jogo de adivinhação com o baralho comum e as cartas de Mlle Leonrmand, contudo, é evidente que os brasileiros não só reverenciavam o tarô até o começo da década de 70, pois não houve nenhuma outra obra editada sobre o assunto ou outros tipos de cartas de tarô, até então. (p. 322)

Contudo, como toda boa narrativa história, sempre existem algumas contradições entre autores. Aqui nesta busca histórica do Tarô no Brasil, não seria diferente. Como por exemplo, de acordo com Souza (2016), o Tarô chega a nossas terras na década de 20 do século passado (ao que tudo indica, juntamente com a chegada das primeiras escolas esotéricas). Já, para Naiff (2002), o primeiro contato das cartas de Tarô acontece precisamente em 1949. Antes disso, segundo o autor, só havia por aqui os baralhos de cartomantes, e seus jogos de adivinhação,

através de cartas comuns de jogos e as conhecidas cartas do baralho francês de *Lenormand*.¹⁰⁶



Figura 54 – Revista Planeta, nº 19, p. 66. Março de 1974. Ed. Três, São Paulo.

Contudo, ambos concordam que de fato, o Tarô só começa a despertar o interesse tanto de estudiosos, como também, de não estudiosos do Ocultismo, a partir da década de 70, com o surgimento da “Revista Planeta” da Editora Três, como prossegue Naiff (2002, p. 323):

A partir de setembro de 1972, com o surgimento da “Revista Planeta”, Editora Três, (graças de Deus, três é o número da criação!), o brasileiro foi tomado pela febre do ocultismo, percebendo-se um interesse latente, mesmo naqueles que não tinham contato com nenhuma fraternidade, tais como a Rosa-Cruz, Maçonaria, Martinista, Gnose e Círculo Esotérico do Pensamento existentes na época [...].

Mas, de fato, o “boom” do Tarô no Brasil, aconteceu no final da década de 70, e vai adentrando os anos 80.

A partir deste período, 78/83, até 89, foi como uma febre, um vírus, que tomava conta a cada ano e cada vez mais com o maior número de adeptos, principalmente depois das primeiras feiras esotéricas realizadas no Brasil entre 1980 e 1985 nas principais capitais, com os primeiros cursos de tarô abertos ao público em geral entre o Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte, o tarô eclodiu na velocidade da luz: forte, vibrante, inquietante, misterioso... e fascinante! [...]. (IBIDEM, p. 326)

¹⁰⁶ Madame Lenormand.

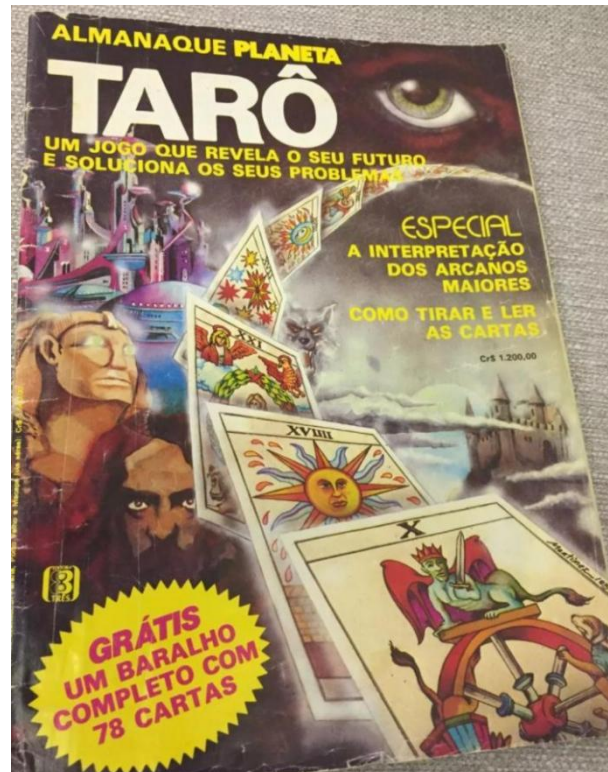


Figura 55 – Revista Planeta, 1989.

Fato histórico comprovado também por Tavares (1999, p. 98):

A partir da segunda metade dos anos 80, o tarot - assim como a astrologia -conquistou uma posição de destaque, em relação às demais práticas esotéricas e alternativas em geral. Ao longo dos anos 90, ele vem perdendo essa posição, embora continue a ser um referencial importante - um lugar de passagem obrigatório - para o adepto do “mundo alternativo”.

Essa constatação coloca o Tarô como destaque dentre as inúmeras práticas esotéricas e alternativas daquela época. Ou seja, para aqueles que desejavam adentrar no universo esotérico e de terapias alternativas era imprescindível o conhecimento das cartas. Que muitas vezes antecedia o conhecimento e domínio das demais artes místicas e alternativas, pertencente ao universo das terapias naturais.

Diante do que, nos abre possibilidades de perceber que o Tarô, desde a década de 80, aqui no Brasil, já despontava como prática alternativa. E nos resguarda, portanto, acerca da seriedade em estudá-lo nesta Tese, como Prática Integrativa e Complementar. Consistindo de tal modo, como ferramenta terapêutica, tanto de cura, como ainda de abertura e encaminhamento a outras práticas integrativas. Voltemos, então, à história das cartas aqui no Brasil, com Naiff (2002), pontuando na citação a seguir, datas e fatos importantes da chegada até a emancipação do Tarô, no final do século XX:

Considero marcante para a história do tarô no Brasil as seguintes datas: 1949 (primeiro livro e cartas de tarô); 1974 (introdução dos símbolos tradicionais através do tarô de Marselha); 1978 (importação e tradução dos livros); 1983/88 (divulgação pública de palestras, cursos, consultas e inúmeras feiras esotéricas pululando por todas as cidades). Contudo podemos afirmar que a grande explosão “geográfica” dos símbolos do tarô em nosso território (ou poderíamos dizer: emancipação do tarô no Brasil), se evidenciou, efetivamente, no começo da década de 1990. (p. 328)

Sendo estes, os principais fatos que envolvem a chegada e trajetória do Tarô no Brasil, com início lá nas primeiras décadas do século passado, como cartas “místicas” vindas em revistas, e que se estendem na atualidade, onde temos grandes e renomados tarólogos, pesquisadores e escritores da área, que ultrapassam os portões trancafiados do Ocultismo. Dando ênfase ao comprovar que além da leitura oracular de imagens e símbolos, as cartas são importantes instrumentos utilizados para fins terapêuticos, na busca do sujeito pelo autoconhecimento.

Após as últimas décadas do século XX, o Tarô continua a crescer e se expandir em nossas terras. Adentrando o novo milênio com grande número de tarólogos e estudiosos brasileiros. Diversos encontros passam a acontecer, desde palestras, congressos, simpósios e cursos acerca do Tarô, tanto a nível nacional, como também internacional. Dentre estes encontros, podemos destacar o Encontro da Nova Consciência, que acontece anualmente no período carnavalesco, há mais de trinta anos, na cidade de Campina Grande que fica localizada no Estado da Paraíba. Onde são debatidos em palestras, temas que envolvem desde os cuidados com o meio ambiente, até os diversos tipos de espiritualidades e suas práticas.



Figura 56 – Palestra realizada em 2008, no **17º Encontro da Nova Consciência**, em Campina Grande (PB).

E dentro deste arcabouço místico espiritualista encontramos tarólogos de diversas partes do país e do mundo, que a cada Encontro da Nova Consciência, palestram sobre o Tarô, e abrem consultas a quem assim desejar. Como por exemplo, neste ano devido ao contexto da Pandemia do Novo Coronavírus, todas as palestras do Encontro aconteceram de forma on-line¹⁰⁷, e totalmente gratuita.



Figura 57 – Ong Nova Consciência – Carnaval do Tarô (2021).

Diante disso, não nos esqueçamos de mencionar, aqui neste trabalho, que o Tarô em nosso país, é reconhecido como profissão, de acordo com o Código Brasileiro de Ocupações (CBO). Embora não seja de conhecimento de muitas pessoas, o Tarô como profissão é ainda desconhecido por muitos tarólogos e cartomantes em nosso país.

3.4 O Tarô no caminho da Legitimação

3.4.1 O Tarô é reconhecido como ofício, pelo Ministério do Trabalho

Como já começamos a falar, acima, o Tarô é legalmente uma profissão, enquadrada pelo Ministério do Trabalho. Todavia, trocando em miúdos, o que isso implica na arte secular da tiragem de cartas? Podemos afirmar com veemência que existiu (existe), uma luta com relação ao reconhecimento do Tarô como prática profissional. Uma vez que, ao longo da história

¹⁰⁷ Excepcionalmente neste ano de 2021, devido a Pandemia do Novo Coronavírus, e em respeito às medidas de segurança, para que não houvesse aglomerações, o evento da Nova Consciência (Campina Grande-PB), que sempre é realizado no período carnavalesco, aconteceu de forma on-line, via plataforma do Youtube.

do Tarô é notório, de como as cartas de certa maneira sempre foram (e ainda são), vistas por grande parte da sociedade, com certo desdém, sobretudo, por se tratar de uma prática “ocultista”. Ou seja, tratada com pouca, ou quase nenhuma relevância. E como instrumento repudiado pelas religiões cristãs, como algo até mesmo “demoníaco”.

Mesmo a História mostrando que, quando o Tarô surge lá no século XV, na Europa, não havia restrição da Igreja, quanto ao seu uso lúdico. Daí então, podemos compreender que essa rejeição aparece, quando o Tarô começa a ser utilizado como arte de prever o futuro (já que, para Igreja todo e qualquer meio de sortilégio, nunca teve aceitação). E ainda, por ter sido integrada como ferramenta de estudo esotérico.

Diante disso, o Tarô vem passando por significativas transformações de paradigmas quanto ao seu uso, ao longo das últimas décadas, passando a ser tanto instrumento divinatório, como ainda tendo suas cartas voltadas aos estudos ocultistas. Além disso, como imprescindível meio utilizado enquanto terapia de autoconhecimento nos consultórios de psicólogos, psicanalistas e de terapeutas holísticos. Por isso, hoje, aqui no nosso país, podemos constatar que existe um código, junto ao Ministério do Trabalho, garantindo a prática do Tarô como ofício. Permitindo assim, que tarólogos e cartomantes tenham a sua arte da leitura e interpretação das cartas reconhecidas e protegidas, asseguradas em regulamento.

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho (Código Família 5168 – Esotéricos e Paranormais), constitui assim: 5168-05 – Esotérico (Analista kirlan, Cartomante, Cristalomante, Frenólogo, Leitor de oráculos, Quiromante, Quirólogo, Radioestesista, Rumenal, Tarólogo, Vidente), e 5168-10 – Paranormal (Parapsicólogo). Código instituído e firmado em 22 de outubro de 2002. Sendo então, todos estes profissionais que: “Orientam pessoas e organizações, elegem momentos e locais por meio de oráculos ou de dons de paranormalidade. Podem ministrar cursos.” (CBO/ MINISTÉRIO DO TRABALHO, 2002).¹⁰⁸

Sob Condições Gerais de Exercício, segundo a CBO (2002):

Atuam em diversas áreas, tais como serviços pessoais e atividades empresariais e associativas. Trabalham por conta própria, na maioria das vezes com autonomia, organizando-se de forma individual ou em equipe, em casos de feiras, palestras, cursos e entrevistas. Trabalham em ambientes fechados, a céu aberto ou em veículos e seus horários de trabalho são irregulares. As atividades podem ser realizadas junto ao consulente ou à distância.

No que diz respeito à Formação e Experiência do Profissional, verificamos que:

¹⁰⁸ Ver: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 28 set. 2021.

Para o exercício da ocupação de esotérico requer-se ensino médio completo e cursos de especialização de até duzentas horas-aula. A prática superior a cinco anos conduz ao exercício pleno das atividades. Na ocupação de paranormais, requer-se o dom da percepção extrassensorial que é desenvolvido ao longo dos anos. (IBIDEM, 2002)

Como Atividades, assim estão elencadas, de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (2002):

A - ORIENTAR PESSOAS, ENTIDADES E A SOCIEDADE:

- A.1 - Interpretar oráculos
- A.2 - Identificar harmonias e desarmonias
- A.3 - Identificar pontos de fragilidade e fortalezas
- A.4 - Examinar campo vibracional de consulentes e ambientes
- A.5 - Identificar vocações e potenciais
- A.6 - Informar os resultados dos estudos em linguagem acessível ao consulente
- A.7 - Aconselhar as pessoas
- A.8 - Indicar alternativas
- A.9 - Promover o auto conhecimento
- A.10 - Selecionar pessoas ou entidades para perfis específicos
- A.11 - Orientar a coletividade por meio da mídia.

B - INTERPRETAR ORÁCULOS, SÍMBOLOS, CICLOS E PADRÕES DE ENERGIA:

- B.1 - Interrelacionar os símbolos
- B.2 - Interpretar fatores energéticos e vibracionais
- B.3 - Examinar padrão de energia dos chakras
- B.4 - Decodificar a linguagem simbólica
- B.5 - Traduzir símbolos, figuras e cores dos oráculos
- B.6 - Ler símbolos por meio de lâminas (tarô, cartomancia e baralho cigano)
- B.7 - Ler símbolos por meio dos búzios
- B.8 - Ler símbolos por meio das runas
- B.9 - Ler símbolos por meio da borra do café
- B.10 - Interpretar com a ajuda de instrumentos a energia psicofísica.

C - ELEGER MOMENTOS E LOCAIS PRECISOS PARA DETERMINADOS OBJETIVOS:

- C.1 - Eleger momentos precisos utilizando a percepção extra sensorial
- C.2 - Eleger momentos precisos por meio do oráculo
- C.3 - Eleger momentos precisos por meio do campo áurico e ambiental
- C.4 - Eleger momentos precisos por meio da visão e da audição
- C.5 - Eleger momentos precisos por meio da hiperlógica (intuição)
- C.6 - Eleger momentos precisos por meio da percepção sensorial
- C.7 - Eleger momentos precisos por meio de sinais quirológicos
- C.8 - Eleger momentos precisos por meio de instrumentos radiônicos
- C.9 - Determinar áreas para empreendimentos.

D - CAPTAR MANIFESTAÇÕES EXTRASSENSORIAIS:

- D.1 - Captar fatos por meio da percepção extra sensorial

- D.2 - Captar a vibração do cliente para orientá-lo
- D.3 - Sentir a energia irradiada pelas pessoas
- D.4 - Ver a energia física e extra física dos seres e ambientes
- D.5 - Aplicar a energia extra física para o equilíbrio energético
- D.6 - Captar por meio de instrumentos a energia psicofísica
- D.7 - Tirar foto kirlian.

E - ESTUDAR TENDÊNCIAS:

- E.1 - Observar padrão vibracional
- E.2 - Fazer leitura corporal
- E.3 - Identificar tendências
- E.4 - Analisar tendências
- E.5 - Antecipar situações
- E.6 - Associar informações a eventos
- E.7 - Apresentar conclusões.

F - PESQUISAR AS FORÇAS CÓSMICAS , TELÚRICAS E BIOENERGÉTICAS:

- F.1 - Pesquisar centros de energia do corpo humano
- F.2 - Pesquisar a relação entre o corpo, mente e espírito
- F.3 - Pesquisar a energia dos quatro elementos da natureza (água, terra, fogo e ar)
- F.4 - Pesquisar o quinto elemento da natureza (éter)
- F.5 - Pesquisar a energia contida nos alimentos e elementos orgânicos
- F.6 - Reconhecer a influência dos ambientes nas pessoas
- F.7 - Interagir com seres espirituais
- F.8 - Doutrinar seres espirituais
- F.9 - Pesquisar leis de causa e efeito
- F.10 - Pesquisar a relação do homem com o universo
- F.11 - Pesquisar padrões energéticos dos minerais, vegetais, animais e dos seres humanos.

G - INVESTIGAR O PASSADO:

- G.2 - Investigar fatos passados para orientar o presente e o futuro
- G.3 - Identificar por meio dos oráculos a formação de estruturas psíquicas, hereditárias e energéticas
- G.4 - Estabelecer elos entre fatos presentes e passados
- G.5 - Detectar datas prováveis de eventos ocorridos
- G.6 - Investigar placas energéticas residuais
- G.7 - Examinar resíduos energéticos
- G.8 - Identificar por meio de configurações quirológicas a formação de estruturas psicológicas
- G.9 - Examinar as linhas das mãos, sinais e formas físicas
- G.10 - Estudar ciências antigas e herméticas.

H - COMUNICAR-SE COM CLIENTES:

- H.1 - Interagir com o cliente
- H.2 - Identificar arquétipos
- H.3 - Interpretar arquétipos
- H.4 - Esclarecer as dúvidas ao cliente
- H.5 - Explicar o significado dos símbolos ao cliente
- H.6 - Traduzir as revelações ao cliente.

Z - DEMONSTRAR COMPETÊNCIAS PESSOAIS:

- Z.1 - Demonstrar capacidade de transmitir conhecimento
- Z.2 - Manter equilíbrio
- Z.3 - Cultivar ética
- Z.4 - Demonstrar capacidade de análise e síntese
- Z.5 - Demonstrar coerência
- Z.6 - Demonstrar habilidade na interação com o público
- Z.7 - Desenvolver cultura geral
- Z.8 - Demonstrar empatia
- Z.9 - Demonstrar senso crítico
- Z.10 - Comunicar-se fluentemente (ser comunicativo)
- Z.11 - Manter-se discreto
- Z.12 - Manter-se imparcial
- Z.13 - Respeitar o livre arbítrio do cliente
- Z.14 - Demonstrar paciência.

Quanto aos Recursos de Trabalho podem ser utilizados:

Calculadora. Sala de atendimento. Telefone, fax, correio eletrônico e mídia em geral. Impressos padrão e gráficos. Máquina Kirlian. Gravador. Oráculos. Aplicativos de computador. Lupa e instrumentos radioestésicos e radiônicos. Computador e impressora. (CBO, 2002)

Como é possível observarmos exercer o ofício de tarólogo está para além do ato de “abrir as cartas”. Tornar-se profissional devidamente reconhecido requer adaptações e estar dentro das exigências estabelecidas pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho, como bem vimos estabelecidas acima.

É imprescindível enfatizarmos aqui, o trecho (já citado), que tange acerca da Formação e Experiência do Profissional, segundo a CBO, e que está determinada como parte essencial à formação e experiência adquirida com a prática do jogo das cartas: “[...] Na ocupação de paranormais requer-se o dom da percepção extrassensorial que é desenvolvido ao longo dos anos.” E, na seção D (Atividades), ver página 135, são atribuições estabelecidas ao “paranormal” que lê as cartas.

De tal maneira a Percepção Extrassensorial como exigência determinada pela CBO ao tarólogo profissional nos chama a atenção uma vez que é parte de estudo desta Tese. Portanto, ao que já está previsto há vários anos em Código do Ministério do Trabalho, acerca da extrassensorialidade, viemos então, observar em campo junto aos tarólogos e consulentes, para respondermos a nossa pesquisa.

É pertinente levarmos em conta se a lei do Sistema único de Saúde, o SUS, que rege e regulamenta as Práticas Integrativas e Complementares, aqui no Brasil, assegura ou não o jogo de Tarô como terapia integrativa.

3.4.2 O Jogo de Tarô ainda não é reconhecido como Prática Integrativa e Complementar dentro do SUS

Já que o Tarô como possibilidade de ferramenta das terapias holísticas é parte importante desta nossa pesquisa, não podemos deixar de aqui trazer as Portarias do Ministério da Saúde de nº. 97, de 03 de maio de 2006, e nº 1600, de 17 de julho de 2006, que regulamentam o exercício de algumas práticas integrativas pelo SUS.

[...] A partir do que, estas terapias surgem como experiências realizadas na rede pública de alguns estados e municípios brasileiros sendo estas pertencentes ao “[...] âmbito da Medicina Tradicional Chinesa-Acupuntura, da Homeopatia, da Fitoterapia, da Medicina Antroposófica e do Termalismo-Crenoterapia.” (PNPIC, 2006, p. 4, Apud CAVALCANTI, 2018, p. 101)

Como afirma Cavalcanti (2018), há pouco tempo foram institucionalizadas pela nova Portaria de n. 849, de 27 de março de 2017, (juntamente com as Portarias estabelecidas em 2006), novas práticas disponibilizadas e asseguradas para utilização de toda a população.

Considerando que as diversas categorias profissionais de saúde no país reconhecem as práticas integrativas e complementares como abordagem de cuidado e que Estados, Distrito Federal e Municípios já tem instituídas em sua rede de saúde as práticas a serem incluídas, resolve: Art. 1º Inclui na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), instituída pela Portaria nº 971/GM/MS, de 3 de maio de 2006, publicada no Diário Oficial da União nº 84, de 4 de maio de 2006, Seção 1, pág. 20, as seguintes práticas: Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga apresentadas no anexo a esta Portaria. Art. 2º Define que as práticas citadas nesta Portaria atendem as diretrizes da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Art. 3º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Estas práticas foram reconhecidas e asseguradas pelo SUS, outras dez terapias holísticas, de acordo com a Portaria de nº. 702, de 21 de março de 2018 também foram incluídas, como podemos observar:

Art. 1º Ficam incluídas, na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC, as seguintes práticas: aromaterapia, apiterapia, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, medicina antroposófica/antroposofia aplicada à saúde, ozonioterapia, terapia de florais e termalismo social/crenoterapia apresentadas nos termos do Anexo A. Art. 2º As práticas citadas neste Anexo atenderão às diretrizes da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS.

Podemos observar que até então, não existe ainda, nenhuma Portaria do Ministério da Saúde regulamentando o Tarô como Prática Integrativa e Complementar, dentro do Sistema

Único de Saúde (SUS) brasileiro. Mas, mesmo assim, constatamos que o baralho de cartas é utilizado nos mais diversos consultórios holísticos espalhados pelo Brasil, e até mesmo em outros países. Sejam estes baralhos: o clássico “Tarô de Marselha”, os transculturais tarôs que narram à saga de grandes deuses mitológicos, ou até mesmo os mais modernos e surrealistas, como o Tarô de Osho.

As cartas acompanham o atendimento de muitos terapeutas integrativos durante as consultas, sejam como ferramentas de diagnósticos a possíveis desequilíbrios do Ser, ou até mesmo como complemento a outras terapias. Como por exemplo, nas prescrições de Sistemas Florais, como no caso, os Florais do Dr. Bach¹⁰⁹ (sem nos adentrarmos muito), ainda de outros sistemas de flores,¹¹⁰ como: Floral Saint Germain, Floral do Amazonas, Floral Florsol, Floral da Califórnia e outros.

O Tarô ao longo dos séculos de tempos em tempos é ressignificado, sem jamais perder sua essência simbólica arquetípica, representada em cada Arcano do jogo. Sendo as suas cartas representadas em diversas facetas: lúdica, divinatória, esotérica, hermenêutica, e instrumento de autoconhecimento. E hoje, com esta pesquisa que nasce no campo das Ciências das Religiões, buscamos mostrar o Tarô com atuação na área das PICS e seu aspecto intuitivo nas tiragens das cartas, também como instrumento de expressão de crenças, sejam estas religiosas ou não, daqueles que com os baralhos trabalham e aqueles que buscam como consulta.

3.5 O Tarô como Prática Integrativa e a Extrassensorialidade no jogo dentro do campo das Ciências das Religiões

Podemos iniciar este tópico falando acerca da extrassensorialidade no instante do jogo de Tarô, como podendo ser o elemento intuição, o “*insight*” de quem lê as cartas. Compreendendo que a intuição é parte da dimensão mental do Ser, como afirma Rohr (2013) em sua obra, “Educação e Espiritualidade”, onde, este autor afirma ser ainda a intuição “porta de entrada da espiritualidade.” “[...] O *órganon* do qual dispomos para entrar em “contato” com

¹⁰⁹ Os Florais de Bach consistem em substâncias naturais extraídas de flores, com exceção de uma (Rock Water) que é feita com água natural pura, de fonte com propriedades curativas; são remédios líquidos naturais e altamente diluídos, constituindo-se de 38 essências preparadas com a finalidade e propriedades terapêuticas, que se destinam ao equilíbrio dos problemas emocionais, harmonizando a pessoa no meio em que vive. São apresentados sob a forma de um conjunto de 38 frascos contendo as essências concentradas. Para preparar o medicamento, deve-se retirar 2 gotas da essência concentrada e misturar com 23 ml de água mineral. Em geral, acrescenta-se 7 ml de álcool de cereais ou conhaque, para conservação da água. O ideal é preparar o remédio usando frasco de vidro escuro (âmbar) de 30 ml, com conta-gotas. A dosagem usual é de 4 gotas desse preparo, pingadas diretamente na boca, 4 ou mais vezes ao dia (JESUS, 2005, p. 34).

¹¹⁰ Mesma definição de composição e preparo que é determinado pelo Sistema Florais de Bach.

a realidade espiritual é a nossa intuição [...]” (p. 34). A intuição perpassa o sentido do aspecto mental, ligando através de pensamentos, sentimentos e sensações (que na maioria das vezes, não sabemos de onde vem), a um possível nível transcendental de compreensão do que vemos.

Diante destas colocações, em consonância com este “embaralhado de cartas”, observamos o que nos apresentam os sujeitos da pesquisa, os tarólogos, que além dos aspectos técnicos e intuitivos trazem suas crenças, sendo estas religiosas ou não. E, além disso, buscamos o que dizem os consulentes sobre o que compreenderam acerca do que lhes foi falado durante o jogo de cartas. Buscamos estas falas, em diálogo com as Ciências das Religiões, dentro da linha da Espiritualidade e Saúde, que é o nosso campo de estudo.

Entendemos que por meio da fala dos sujeitos podemos captar o sutil aspecto da dimensão espiritual, que é parte constituinte deste “Ser Integral”, o ser que caminha em busca do equilíbrio entre todas as suas dimensões: física, sensorial, emocional, mental e espiritual,¹¹¹ e permeia a construção do sistema de crenças e fé dos indivíduos envolvidos. Sendo a Espiritualidade fator componente das PICS, torna-se imprescindível nossa compreensão a respeito desta, como ainda, da distinção entre os termos: Espiritualidade e Fé, aqui neste estudo.

Com este raciocínio a espiritualidade faz uso de um composto para obtenção da cura, que é a fé. Que a ciência há algum tempo vem comprovando curas e as lhes atribuindo. Embora, fé e espiritualidade não sejam conceitos sinônimos, podemos compreender que fé é a expressão de uma determinada forma de crença. Independente de sistemas religiosos ou de denominações deístas. E que espiritualidade [...] um termo complexo formado a partir do vocábulo “espírito”, a tradução portuguesa do latim *spiritus*. Este, por sua vez, é a tradução do grego *pneûma* que, segundo nossa visão, lhe dá o seu significado mais antigo [...].¹² É portanto, algo inerente aos conceitos criados, que perpassa qualquer tipo de crença religiosa ou não. Sendo uma das dimensões constituintes do ser. Portanto, para adentrar no conceito de espiritualidade, é imprescindível que haja esse entendimento de que fé é uma das inúmeras formas que o indivíduo tem de expressar a sua espiritualidade. Fé seria, portanto, somente uma “verdade” que alguém acredita. (CAVALCANTI, 2018, p. 33-34)

Sabemos que a Espiritualidade como parte integrante do Ser Pluridimensional,¹¹² trabalha dentro da proposta das “Terapias Holísticas”, que também são denominadas no contexto de estudo das racionalidades médicas como Práticas Integrativas e Complementares. E que, por sua vez, são recursos terapêuticos que podem vir a ser aplicados não em substituição, mas em complementação aos tratamentos médicos alopáticos.

¹¹¹ ROHR, 2011.

¹¹² Sabemos que, estes conceitos de pluridimensionalidade trazem como prerrogativa de seus fundamentos nas Medicinas tradicionais: Chinesa e Ayurvédica, o ser holístico. Que é constituído por partes, ou melhor: por vários corpos. Do denso corpo físico, aos corpos mais sutis. Que precisam estar em total integralidade para que haja saúde. Havendo desequilíbrio entre os corpos, constitui-se o estado de doença [...]. (CAVALCANTI, 2018, p. 107).

As práticas holísticas têm base sobremaneira, nas Medicinas tradicionais milenares, Chinesa e Ayurvédica, que junto com a Homeopatia são denominadas de Medicinas Vitalistas, que atribuem a composição do ser a um princípio essencial à vida, que é o princípio vital. “[...] Componente que constitui todos os seres vivos, responsável pela integração do corpo com as emoções e com os processos da mente, e da espiritualidade” (IBIDEM, p. 24).

O homem é visto de maneira integralizada, com todas as suas dimensões, como parte do cosmos, sendo assim, o homem (micro) e o Universo (macro). Com isso ampliamos nossa compreensão de que não é possível haver saúde, bem-estar se não houver uma correspondência harmoniosa entre as partes que assim compõem o ser e o integram com o todo universal.

Conforme já dissemos, as PICS aliam conceitos holísticos de integração do homem com todas as suas dimensões (o Ser Integral). Sendo então, possível encontrar repostas às mais diversas questões relacionadas à reorganização do equilíbrio do ser, na busca da saúde, do bem-estar, como nos mostra Santa Rosa Junior acerca do Tarô utilizado como prática terapêutica:

Hoje em dia, alguns psicanalistas utilizam o tarô em sua atividade profissional como um instrumento auxiliar na identificação de padrões de comportamento que devem ser abandonados por seus clientes ou de traços de personalidade que podem ser desenvolvidos para ajudar na superação de bloqueios e traumas psicológicos. Essa forma de tratamento tem como base a teoria junguiana dos arquétipos e sua noção de inconsciente coletivo. De acordo com Nichols (2007, p. 16), Jung “reconheceu de pronto [...] que o Tarô tinha sua origem e antecipação em padrões profundos do inconsciente coletivo, com acesso a potenciais de maior percepção a disposição desses padrões”. Em outras palavras, todas as experiências humanas estariam – para o discípulo de Freud - de certa forma condensadas nos arcanos do tarô e através deles poderíamos atender a psique do homem. (SANTA ROSA JUNIOR, 2010, p. 2)

Este estudo nos aponta a possibilidade da utilização do Tarô como prática terapêutica dentro do campo científico, sob a luz dos principais conceitos de Jung: As representações de Arquétipos, que habitam o Inconsciente Coletivo, abrindo caminhos, um instrumento capaz de representar padrões, como meio de compreensão de possíveis aspectos de adoecimento, desestabilizadores da organização multidimensional do ser. Padrões que, quando trazidos à consciência e trabalhados em terapias podem vir a proporcionar a saúde e o bem-estar.

A possibilidade de uso do Tarô dentro das PICS nos permite observar o instante em que se abrem as cartas, na leitura e interpretação da simbologia arquetípica contida nos Arcanos, como sendo a essência da terapia com as cartas. Já que, a partir desta leitura e interpretação, as mensagens dentro da holística são transformadas em diagnóstico e conselhos ao consultante/interagente, que busca uma melhor qualidade de vida. Uma vez que, ao falarmos em diagnóstico, nos referimos na possível descoberta do que está incomodando, adoecendo, seja físico, mental ou emocionalmente este indivíduo.

Esta pesquisa trouxe como método, a Análise do Discurso. Onde foi possível mergulharmos nas falas dos sujeitos participantes, desvendando o que carrega cada discurso, observado e analisado em conjunto com os demais capítulos desta Tese.

4 A VOZ DAS CARTAS

Sabemos então, que o Tarô aqui neste trabalho, carrega o cunho de possível ferramenta terapêutica, sobretudo, de diagnóstico do Ser Integral, utilizada também nas Práticas Integrativas e Complementares. Neste capítulo trazemos o campo de pesquisa para ser ouvido, estaremos sobremaneira, dialogando com a Extrassensorialidade, que é parte, como bem já deixamos elucidado, do nosso objeto de estudo.

Vimos, no capítulo anterior, que a Percepção Extrassensorial é uma das atividades atribuídas ao profissional do Tarô. E que, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), este profissional só a adquire de fato ao longo do tempo, pelo exercício da prática de tiragem e leitura das cartas.¹¹³ Mesmo sabendo que o Tarô tenha entre suas inúmeras especificidades determinadas pela CBO, a Percepção Extrassensorial.

Para nós, aqui nesta Tese, ficou bastante claro o elemento extrassensorio, através do campo de pesquisa, por meio das observações do momento em que se dá então, a tiragem, unida as vozes dos sujeitos, com suas narrativas e compreensões acerca do jogo de cartas. Seguindo, antes de nos jogarmos nos diálogos trazidos do campo, é importante clarificarmos aqui a discussão que iniciamos no primeiro capítulo deste trabalho, onde afirmamos que: o Tarô é composto por duas importantíssimas dimensões, no campo social. Sendo estas: a Dimensão Racional e a Dimensão Transcendente, como afirma a antropóloga Fátima Tavares (1999).

Sendo que a Dimensão Racional compreende a técnica de jogo, que pode ser passada e ensinada a outros. Já, a Dimensão Transcendente está relacionada com o aspecto “intuitivo” do jogo, no instante da leitura das cartas. Transcorremos pelas colocações de Jung, acerca da Sincronicidade, que prontamente relacionamos ao que cabe sobre intuição dos tarólogos, durante as tiragens do jogo, uma vez que:

[...] O tônus do inconsciente como que se eleva, criando facilmente um declive em que o inconsciente pode fluir para a consciência. A consciência cai, então, sob a influência de impulsos e de conteúdos instintivos inconscientes. Geralmente estes últimos são complexos cuja base última é o arquétipo, isto é, o *instinctual pattern*. Além destes, o inconsciente contém igualmente *percepções subliminares* (bem como imagens esquecidas da memória que não podem ser reproduzidas no momento, ou mesmo nunca). [...]. (JUNG, 2012, p. 24)

Como vimos na colocação acima, Jung explana como se dá o processo de “nascimento,” na consciência dos arquétipos. E estes por sua vez, como já bem definimos nos

¹¹³ Conferir p. 134, “Formação e Experiência do Profissional”. E página 135, Seção D, do Código -5168-10 – Paranormal (Parapsicólogo), da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho: - CAPTAR MANIFESTAÇÕES EXTRASSENSORIAIS.

capítulos anteriores deste trabalho, são apresentados à luz da nossa percepção por meio de imagens, símbolos e todo tipo de representatividade arquetípica. Logo a intuição, que aqui queremos saber, se liga a estas percepções, por vezes ainda no recôndito da inconsciência. E assim, buscada e acessada, é trazida à compreensão dos nossos sentidos. Este então, é o caminho que aqui podemos também traçar e delinear, acerca da intuição dos tarólogos, que é acessada durante as tiragens do jogo de Tarô, que além de instrumento lúdico, divinatório e de autoconhecimento, pode vir a ser utilizado como terapia dentro das PICS.

4.1 Campo, Coleta e Análise dos Discursos

4.1.1 Parte I, do campo: *O campo “virtual”*

A primeira parte da nossa pesquisa, as Entrevistas Semiestruturadas com os três tarólogos aconteceram de maneira remota, por meio de aplicativo de conversa de aparelho celular (*Wathsapp*), e troca de *e-mails*. As perguntas foram enviadas pela pesquisadora, e em seguida devolvidas pelos sujeitos através dos mesmos recursos tecnológicos.

4.1.2 Parte II, do Campo: *Descrições dos locais dos Jogos de Tarô e os Sujeitos: Tarólogos e Consulentes*

Ao contrário da primeira parte do campo, onde as entrevistas semiestruturadas com os tarólogos aconteceram de maneira virtual para a abertura de cartas, com cada um dos tarólogos da pesquisa aconteceu presencialmente respeitando todas as exigências impostas pelas normas de segurança decretadas¹¹⁴ em combate ao Novo Coronavírus, como por exemplo, todos os participantes, tarólogos, consulentes e pesquisadora, devidamente vacinados, com pelo menos as duas doses da vacina. Ainda assim, utilizando máscaras e álcool gel. Só então, os tarólogos retiraram as máscaras, no momento da abertura das cartas.

Em relação aos locais de cada jogo, cada qual aconteceu em um determinado lugar. O jogo da Taróloga Mônica aconteceu em sua residência, que também é seu local de atendimento, tanto presencial, como ainda virtual. A Taróloga possui uma sala reservada e preparada para estes atendimentos com as cartas, e outras terapias. Uma vez que, este sujeito além de taróloga, ainda é terapeuta holística, de diversas práticas.

¹¹⁴ Não esquecendo que todo o campo desta Tese, aconteceu durante a “histórica” Pandemia do Novo Coronavírus.

Já o encontro e jogo com a Taróloga Patrícia aconteceu na casa da pesquisadora deste trabalho. Em local improvisado, no quintal de sua residência, com toda uma ambientação própria a este momento. Com mesa, toalha (trazida pela própria taróloga), e também algumas pedras terapêuticas de uso da pesquisadora, mas, que no momento do jogo, serviram unicamente para segurarem a toalha, já que naquela noite ventada muito.

Todavia, o encontro com o Tarólogo Marlon deu-se em sua casa, em quarto deveras ambientado e preparado para as leituras, com imagens, pedras, velas, incensos e outros objetos ritualísticos. Uma vez que este espaço também é local, onde ocorrem alguns rituais de Bruxaria e Hoodoo.¹¹⁵ Ressaltando que o mesmo é iniciado e graduado nestas práticas.

Como é possível observar, os locais onde aconteceram as aberturas das cartas, foram todos locais residenciais. Onde, além de residência é espaço de trabalho terapêutico, seja dos tarólogos, ou da própria pesquisadora desta Tese. Já, os Consulentes foram escolhidos para esta pesquisa, alguns previamente convidados pela pesquisadora deste trabalho e outros já estavam agendados como consulta terapêutica pelos tarólogos. Contudo, igualmente foram convidados a participarem desta pesquisa.

Salientamos que todos os sujeitos participantes deste trabalho (tarólogos e consulentes) assinaram o TLCE (Termo de Livre Consentimento Esclarecido), como ainda toda esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Proporcionando assim, maior rigor e confiabilidade a esta Tese. Uma vez que este nosso trabalho é intrinsecamente envolvido com seres humanos.

4.1.3 Instrumentos de Coletas de Dados: *Entrevistas Semiestruturadas e Observação Participante em Campo*

Além das Entrevistas Semiestruturadas que utilizamos como instrumento de coleta de dados, juntos aos sujeitos envolvidos na pesquisa (tarólogos e consulentes), empregamos a Observação Participante. Que de acordo com Angrosino (2009):

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida. (p. 34)

¹¹⁵ “*Hudu* ou *Hodu* (em francês: *hoodoo*) é uma magia popular afro-americana praticada nas Américas, criada nos Estados Unidos (africanos na América do Norte), que se desenvolveu a partir do sincretismo de diversas culturas e tradições e magia, sendo que as principais correntes vem dos grimórios medievais; da sabedoria dos índios sobre ervas, do Xamanismo e do *vodu* Haitiano. [...]” (Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hudu>. Acesso em: 11 de jan. de 2022.

A Observação Participante foi o segundo instrumento de investigação que escolhemos para utilizar no campo junto aos participantes. Uma vez que, observar o campo requer muitas vezes, além de um simples olhar, exigindo do pesquisador que ora mantenha uma postura de imparcialidade, de certo distanciamento, e que ora adentre e se permita ser “afetada” pelo que no campo acontece.

Já que, a pesquisadora que aqui escreve além de acadêmica, é taróloga. E, portanto, observar a leitura de cada jogo, em alguns instantes era quase impossível não se deixar envolver pelas sensações e interpretações da simbologia arquetípica de cada Arcano representado nas cartas que ali eram expostas; além de sentir as sensações físicas (tremores e arrepios) e emocionais (alegria e satisfação), proporcionada a cada consulta em cada campo. E como mostra Jeanne Favret-Saada (1990, 2005, p. 161), em sua experiência de campo com a feitiçaria no Bocage francês:¹¹⁶

[...] Se não tivesse sido assim afetada, se não tivesse assistido a tantos episódios informais de feitiçaria, teria dado aos rituais uma importância central: primeiro, porque sendo etnógrafa, sou levada a privilegiar a análise do simbolismo; segundo, porque os relatos típicos de feitiçaria lhes dão um lugar essencial [...]. (Tradução Paula Siqueira. Cadernos de campo, nº 13, 2005, p. 161).

Ser “afetada” pela pesquisa, e sobretudo, pelo campo, abriu significativas oportunidades de observar e sentir toda a força da abertura das cartas, em cada um dos seis momentos, com os tarólogos e os consulentes nos locais determinados da pesquisa. Tendo então, cada qual sua distinção, e ao mesmo tempo, com suas semelhanças, que se convergem no instante em que ocorre a “magia” da Percepção Extrassensorial.

4.1.4 Análise do Discurso

É preciso expor aqui, que decidir incluir ou não, suas próprias experiências, dentro de um campo rico e envolvente de inúmeros significados para a pesquisadora não foi tarefa fácil, como já abordamos no tópico anterior acerca da Observação Participante dentro das tiragens das cartas. E que, seria deveras incompreensível não permitir que hora em determinados instantes, as sensações e experiências da pesquisadora não adentrassem nas linhas destas

¹¹⁶ “Meu trabalho sobre a feitiçaria no Bocage francês levou-me a reconsiderar a noção de afeto, e a pressentir o interesse que haveria em trabalhá-la: primeiro, para apreender uma dimensão central do trabalho de campo (a modalidade de ser afetado); depois, para fazer uma antropologia das terapias (tanto “selvagens” exóticas, como “científicas” ocidentais); e finalmente, para repensar a antropologia.” (FAVRET-SAADA, 1990. (Tradução Paula Siqueira). Cadernos de campo, nº 13, 2005, p. 155).

análises, como também aconteceu sob seu olhar durante toda a observação e envolvimento com o campo, por meio de suas sensações e emoções.

Ainda assim, ganham neste trabalho, o aporte essencial da Análise do Discurso, como método, já que “[...] a análise do discurso traz uma melhor compreensão, através dos elementos presentes na fala dos sujeitos.” (CAVALCANTI, 2018, p. 30). Trazendo com isso, a possibilidade de diálogo com tudo o que vem sendo debatido ao longo desta Tese. Sobre a Análise do Discurso como método que permite a apreciação da fala de cada sujeito desta pesquisa, é possível afirmar que:

Para a análise do discurso, é essa concepção de sujeito – que vai perdendo a polaridade centrada ora no eu ora no tu e se enriquecendo com uma relação dinâmica entre identidade e alteridade – que vai ocupar o centro de suas preocupações atuais. Para ela, o centro da relação não está nem no eu nem no tu, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. [...]. (BRANDÃO, 2012, p. 76)

Esta relação dialógica presente nas falas dos sujeitos desta pesquisa ocorre no exato momento em que existe a percepção do significado das cartas abertas no jogo de Tarô. Tanto para o sujeito/tarólogo que faz a “leitura” das imagens arquetípicas dos arcanos ali presentes, como pela maneira que o sujeito/consulente então compreende o que lhe foi dito.

Assim, após o jogo, transforma esta sua compreensão em possíveis caminhos de mudança e/ou melhoria em sua vida. Seja dentro da perspectiva terapêutica holística das Práticas Integrativas e Complementares, ou simplesmente dentro dos conselhos pragmático ou divinatório do jogo. Revelados tanto nas falas, como nas posturas em campo, que acabam refletindo os pensamentos encobertos, que não foram verbalizados. “O Dito e o Não Dito”, que segundo Orlandi (2020, p. 83): “Entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move. É preciso dar visibilidade a esse espaço através da análise baseada nos conceitos discursivos em seus procedimentos de análise. [...]”

Diante do que, amplificando o que apresentaram Brandão e Orlandi em suas colocações, Pêcheux (2015) fala acerca do discurso e sua passividade de mudança, ou melhor, de sua necessidade de reestruturação, ante o seu contexto histórico-social:

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja

afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o outro, objeto da identificação. (p. 56)

Neste diálogo, entre autores que comungam de ideias sobre a Análise do Discurso não existe discurso do “eu” que não seja afetado, que não seja passível de mudança ante o discurso do “outro” e a realidade sócio-histórica a qual ambos estão inseridos. Todo discurso é passível de mudança, por efeito do tempo e do espaço, mesmo quando não verbalizado. O “Não Dito”, as posturas e interações do sujeito com o campo em que acontece a pesquisa, tem igual força ao “Dito” das colocações faladas.

Diante do que, a Análise do Discurso como percurso metodológico, neste trabalho, nos manteve em atenção às peculiaridades observadas e apreendidas em campo. Trazendo-nos um olhar analítico junto aos interlocutores (tarólogos e consulentes), capaz de apreender as respostas que buscamos dar, aos objetivos desta pesquisa.

Prosseguindo então as análises, salientamos que apresentamos a seguir, as perguntas e as respostas transcritas na íntegra, das entrevistas com cada Tarólogo e seus Consulentes. Por isso, colocamos a partir de então, as análises por blocos, com cada pergunta que foi realizada, e as respostas de cada sujeito. Que estão em diálogo com os demais capítulos e referenciais teóricos deste trabalho.

4.2 As Entrevistas com os Tarólogos e as Análises de seus discursos

A pesquisadora inicia este momento das análises das entrevistas com os sujeitos envolvidos nesta Tese, estando acometida da *Covid-19*. Especificamente com a variante deste vírus, a *Ômicron*. Contudo, deixando aqui em registro neste trabalho, que graças à Ciência (que para mim é a Espiritualidade em ação neste plano), que nos proporcionou as primeiras doses das vacinas, contra este vírus, é que posso mesmo com alguns sintomas da doença, dar continuidade a este trabalho.

Prosseguindo, apresentaremos as perguntas e respostas, (totalmente na íntegra) das entrevistas semiestruturadas, que ocorreram remotamente e após as aberturas dos jogos de cartas em campo, com os três tarólogos (sujeitos da pesquisa). Apresentados sob as denominadas identificações: Taróloga Mônica, Taróloga Patrícia e Tarólogo Marlon.

Cada pergunta está disposta com as respostas de cada tarólogo, acompanhadas logo em seguida, das análises dos discursos destes sujeitos.

1 – Há quanto tempo você atua como tarólogo (a)? Conte-nos como foi iniciado (a).

Taróloga Mônica:¹¹⁷

“Desde muito pequena eu sempre fui muito interessada por essas coisas mais de alquimia, esotérica, autoconhecimento coisas do tipo. Então assim, a parte não é bem “zap”, mas com 15 anos por ali, eu já lia, já me interessava por tarô. Então assim, sou autodidata uma livre pensadora. Mas depois de adulto sim. Fiz alguns cursos, a exemplo do Tarô Egípcio para o Egípcio, o Tarô de Marselha, o Tarô Mitológico, Tarô de Osho. Fiz alguns cursos sim, mas a maioria dos cursos é autodidata mesmo. Eu me aprofundo tanto nos diferentes tipos de tarô, como assuntos que acho pertinentes, a exemplo de ciclos de vida, jornada do Herói¹¹⁸. A exemplo de ética, cosmoética, filosofia, antroposofia, a neurociência, física quântica, estudo de comportamento humano,... O que mais?! Leis universais, princípios também. Enfim: tudo que eu vou estudando acaba, acaba se formando uma teia, se cruzando. E no estudo do tarô, não é diferente, né? É cada olhar que eu faço para uma das lâminas, uma das imagens, um dos arcanos que também são arquétipos. Eu vou visualizando desde formas pelo estudo da geometria Sagrada, desde cores pelo estudo da cromoterapia desde vibração, né?! Pelo estudo de energia, estudo do inconsciente, o estudo sistêmico de entrar no campo mórfico. É, enfim...”

Taróloga Patrícia:¹¹⁹

“Iniciei meus estudos em 2012 e atuo desde 2015. Não houve um processo iniciático. Eu apenas me senti segura o suficiente para começar a atender e cobrar por isto.”

Tarólogo Marlon:¹²⁰

“Atuo a mais ou menos uns 9 anos. Comecei por conta da minha prática religiosa, que lida com vários tipos de oráculos e o Tarô foi um dos escolhidos por mim para atuar.”

Como podemos perceber, nas respostas dos três entrevistados, é que não houve ritualísticas específicas voltadas a uma iniciação no trabalho com o Tarô. A Taróloga Mônica demonstra interesse pelas cartas, desde a infância, apresentando a sua iniciação com a leitura oracular, de maneira autodidata. Já, a Taróloga Patrícia, tem seu início por meio de cursos e deixa claro que não houve um “processo iniciático.” Para tanto, o Tarólogo Marlon, afirma ter iniciado seu processo, devido a sua “prática religiosa.” Porém, em nenhum momento de sua fala (embora esteja inserida sua prática com o meio religioso, o qual atua), não deixa claro a existência de rituais de iniciação.

Com isso, podemos citar novamente Tavares (1999, p. 121), que está no primeiro capítulo desta Tese:

¹¹⁷ Taróloga Mônica concedeu a entrevista por meio de respostas gravadas (aplicativo de conversa do celular).

¹¹⁸ CAMPBELL, Joseph (1904-1987). O poder do mito / Joseph Campbell, com Bill Moyers; (Org.), por Betty Sue Flowers; (Tradução de Carlos Felipe Moisés). São Paulo - SP: Palas Athena, 1990. Disponível em: http://gepai.yolasite.com/resources/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf. Acesso em: 23 mai. 2022.

¹¹⁹ Taróloga Patrícia concedeu entrevista por meio de respostas escritas (troca de emails).

¹²⁰ Tarólogo Marlon concedeu entrevista por meio de respostas escritas (aplicativo de conversa do celular).

O tarólogo enfatiza o caráter mágico do jogo de tarot, embora rejeite a postura adotada pelas cartomantes. Valoriza, sobremaneira, a dimensão intelectual de sua iniciação, como forma de legitimação de seu "saber", um saber que, a partir de sua vertente "psicologizante", almeja um reconhecimento científico. (Cap. 1, p. 50).

Diante do que, termos a clareza para este início das análises dos discursos dos sujeitos, de que para ser tarólogo, para ler as cartas do jogo de Tarô, as quais nos debruçamos sobre toda esta pesquisa, não se faz necessária nenhuma espécie de ritual de iniciação. A não ser por escolha talvez “religiosa”, de alguns tarólogos. Logo, podemos perceber aqui, que não foi o caso de nenhum dos três tarólogos escolhidos. Levando-nos então a perceber, um foco na “dimensão intelectual”, no “saber científico”, como afirma a própria Fátima Tavares. Onde a autora enfatiza, tal postura como certa oposição adotada pelas cartomantes, que no contexto que Tavares (1999) apresenta, está em oposição ao saber intelectual e científico das cartas.

2 – Você já fez curso ou cursos de Tarô? Caso sim, qual ou quais, e há quanto tempo?

Taróloga Mônica:

“É, a questão número 2 eu acabei respondendo um pouco na questão anterior.”

Taróloga Patrícia:

“Fiz cursos na Chapada Diamantina (2012), pela plataforma Personare (2015), com as professoras Kelma Mazziero (2015 até hoje) e Ivana Mihanivich (2015), além de participar de encontros de tarólogos organizados por Nei Naiff. No mais, minha formação é por leituras de diversos livros e a própria prática.”

Tarólogo Marlon:

“Fiz um minicurso on-line em 2014.”

Todos têm formações por meio de cursos específicos em Jogos de Tarô. Além de seus estudos individuais, seja por livros ou pela própria experiência adquirida ao longo do tempo e da prática com as cartas. Com isso, percebemos então, a prioridade até aqui demonstrada por todos estes tarólogos da pesquisa, da constante busca por um “reconhecimento científico.”

3 – Qual o Tarô (s) ou baralho (s) específico (s) que utiliza nas consultas?

Taróloga Mônica:

“Eu utilizo o Tarô de Marselha, e utilizo o Tarô Mitológico, e utilizo o Egípcio. Utilizo o tarô de Osho são quatro tipos de tarô que conforme a energia da pessoa, do tema, do

momento... É... Faço escolhas intuitivas! Existe uma questão técnica, mas existe uma coisa intuitiva também. Tem baralhos que eles são mais para questões físicas, materiais. Tem baralhos que são mais para questões emocionais. Tem baralhos e cartas que são mais sutis, para as questões mais espirituais de significado existencial de maturidade evolutiva, enfim...”

Taróloga Patrícia:

“Tarot de Marselha, clássico.”

Tarólogo Marlon:

“Utilizo o tarô baseado no Gilded e o baralho cigano Lenormand.”

Dos três tarólogos da pesquisa, dois afirmam utilizar o clássico baralho do “Tarô de Marselha”, o qual teve foco neste trabalho, por se tratar de um dos mais conhecidos e de estrutura amplamente difundida ao longo dos séculos. Servindo como base a muitos dos baralhos hoje existentes, desde os Clássicos, aos Transculturais e até mesmo como base para alguns Surrealistas. Portanto, como deixamos claro no início desta Tese:

É imprescindível abrimos este parágrafo, deixando claro que, não é foco desta pesquisa, realizar estudo comparado dos diversos tipos de baralhos de cartas de Tarô existentes, embora utilizamos, principalmente, figuras que retratam diversos tipos históricos e culturais de jogos de cartas. Logo, daremos ênfase ao Tarô de Marselha, e suas 22 lâminas dos Arcanos Maiores, tanto por sua popularidade, como ainda, por sua simbologia. (Cap. 1, p. 22)

Todavia, como observamos em campo, é rico ver e ter contato com a simbologia de diversos tipos de baralhos. Mostrando com isso, que a escolha do *deck*¹²¹ é algo bem individual ao trabalho de cada tarólogo. Seja por ligação a alguma crença, a identificação com os símbolos, ou simplesmente por gostar, ter apreço por aquelas cartas em específico. Sabendo, com isso, que a escolha do tipo de baralho, por cada tarólogo/sujeito desta pesquisa, em momento algum interferiu na construção e leitura dos jogos que em campo foram observados.

4 – Caso tenha participado de algum curso (ou cursos), você utiliza a técnica, ou técnicas, aprendidas no momento em que trabalha com as cartas?

Taróloga Mônica:

“Não só nos cursos, como nas cartas, como nos livros, como nos estudos como

¹²¹ O *deck* de Tarô é o conjunto das 78 (setenta e oito) cartas, composto pelos 22 Arcanos Maiores e os 56 Arcanos Menores do Tarô. Ou seja, é o baralho de Tarô (Grifo da autora).

autodidata. Existem as colocações clássicas do tarô, que acaba sendo inspiração, a exemplo da Cruz Céltica, das Mandalas Astrológicas, do Tabuleiro. Tiragens tradicionais de uma lâmina só, de três lâminas. Essas são bem conhecidas, e em quase todos os estudos e livros apresentam. Mas a partir daí existem formas de utilizar o tarô que a pessoa com a prática vai construindo conforme o tema, a necessidade e o tempo disponível.”

Taróloga Patrícia:

“Com certeza. Os métodos são aspectos “sine qua non” para uma leitura eficiente e assertiva.”

Tarólogo Marlon:

“Não utilizo a técnica especificamente, porém o entendimento que foi passado no curso, foi de grande auxílio para a continuidade do trabalho com o tarô.”

Os três tarólogos, como já podemos ver possuem formações específicas, sobretudo, nas tiragens de cartas. E sabem exatamente da importância de terem se qualificado para exercer este ofício. Mesmo embora alguns acreditem veemente em suas intuições e inspirações. E ainda, mesmo não utilizando a técnica em si aprendida nos cursos, como afirma o Tarólogo Marlon. Todos compreendem e defendem a necessidade dos estudos na área.

5 – Qual a duração em média de um jogo de Tarô?

Taróloga Mônica:

“Como todo o atendimento terapêutico, holístico, o tarô também, ele se enquadra dentro do tempo de uma hora. É óbvio que quando, ele vai participar é como uma ferramenta de outro tipo de atendimento, a gente pode fazer uma colocação utilizando um número menor de cartas para questões mais específicas, e isso pode ter uma durabilidade menor de tempo, mas quando o atendimento é tarô em média uma hora.”

Taróloga Patrícia:

“As consultas presenciais duram entre 35 e 60 minutos, não mais que isto. Já as gravações variam entre 20 e 35 minutos.”

Tarólogo Marlon:

“Depende do método utilizado ou a finalidade da consulta no momento.”

É praticamente um consenso em relação à duração do jogo de Tarô, que é em média o tempo de 60 minutos. Podendo obviamente exceder ou o tempo ser menor, de acordo com o desenrolar do jogo. Sabendo que o método utilizado pelo tarólogo também influencia o quesito “tempo de jogo”. Como explica a Taróloga Mônica:

“[...] a gente pode fazer uma colocação utilizando um número menor de cartas para questões mais específicas, e isso pode ter uma durabilidade menor de tempo, mas quando o atendimento é tarô em média uma hora.”

6 – Sente o aspecto intuitivo presente no jogo? Ou o seu trabalho com o Tarô é puramente técnico?

Taróloga Mônica:

“Os dois! Eu percebo os dois. Têm uma coisa técnica. Eu sou muito técnica. Eu sou muito de metodologia, de organizar questões, protocolos, formulários, linhas. E isso é uma coisa bem técnica. E também tem o lado de abertura de sensibilidade. Recebo muitas vezes insights. Percebo que a intuição fica aflorada, e vejo que é bem interessante que isso acontece para algumas pessoas e para outras não. Para algumas pessoas que não, não se abrem a esse clima intuitivo, trabalho bem técnico. Em outras pessoas quando se abrem, um portal de uma sensibilidade maior, a intuição ela se referêcia por algumas questões arquetípicas. Mas ela, ela flui de uma forma mais sensível, uma forma mais não lógica.”

Taróloga Patrícia:

“Depende do que entendemos como intuitivo. Porém, eu considero 90% técnica, conhecimento e inteligência e 10% de sensibilidade para traduzir de forma que permita a/o cliente entender o máximo da análise feita com as cartas.”

Tarólogo Marlon:

“Sim, o aspecto intuitivo é de grande ajuda para mim quando estou trabalhando com o tarô, embora exista o conhecimento técnico quanto aos simbolismos presentes nas cartas.”

A pergunta foi então provocativa dentro do contexto do nosso objeto de estudo que é: “[...] como podemos compreender se de fato existe a presença extrassensorial no momento da abertura das cartas do Tarô, utilizado como recurso terapêutico de diagnóstico do Ser nas Práticas Integrativas e Complementares?” (Cap. 1, p. 30).

Sabendo que levantamos a hipótese da Presença Extrassensorial, neste trabalho, que carrega o pressuposto da ligação com o aspecto da “intuição” dos tarólogos, no instante da leitura da simbologia dos Arcanos das cartas do Tarô, como já debatemos nos capítulos anteriores. E com isso, dentro do campo observamos que para cada tarólogo investigado, o fator “intuição” é de importância no instante do jogo. Embora cada qual apresente entendimentos diferentes do que seja a intuição neste momento. Como por exemplo, temos a resposta da Taróloga Patrícia acerca de sua compreensão sobre o que seja então a intuição na tiragem das cartas:

“Depende do que entendemos como intuitivo. Porém, eu considero 90% técnica, conhecimento e inteligência e 10% de sensibilidade para traduzir de forma que

permita a/o cliente entender o máximo da análise feita com as cartas.”. Aqui observamos o que já debatemos no capítulo 1 desta Tese, com Rohr (2013), que afirma que a intuição é parte da Dimensão Mental, que junto com as outras dimensões: Física, Sensorial E Emocional, constituem o Ser.

A Taróloga Patrícia apresenta uma visão mais técnica do que seja a intuição no jogo do Tarô em relação às respostas de seus outros colegas de ofício. Na concepção desta taróloga, a “intuição” teria um papel, de certa maneira, pequeno em relação à importância, à parte de conhecimentos da simbologia das e da técnica para realização das tiragens das cartas.

Atribuindo apenas 10% ao que chamaria de “sensibilidade”, para passar ao consulente a análise da leitura das cartas, ao invés de chamar de intuição. Já, os outros dois tarólogos compreendem a intuição como fator de igual valor com a parte técnica (conhecimentos e tiragens) da simbologia das cartas. Para ambos, intuição e técnica são imprescindíveis neste momento. Embora cada qual tenha expressado esse entendimento de formas peculiares.

Não esquecendo ainda que:

[...] o Tarô é composto por duas importantíssimas dimensões, sobretudo, no campo social. Sendo estas: a Dimensão Racional e a Dimensão Transcendente, como afirma a antropóloga Tavares (1999). Uma vez que a Dimensão Racional compreende a técnica de jogo, que pode ser passada e ensinada a outros. Já a Dimensão Transcendente está relacionada com o aspecto “intuitivo” do jogo, no instante da leitura das cartas.

Entendemos que a “intuição” para os três entrevistados é compreendida de maneira distinta. Mas, concordam que tal fator é essencial em maior ou menor grau, na leitura das cartas do Tarô.

7 – Na abertura das cartas, você pede a “ajuda” de alguma “entidade espiritual”? Ou é exclusivamente você que faz a leitura?

Taróloga Mônica:

“Não só para colocar tarô, mas todas as ferramentas que trabalho desde morfologia do sangue vivo, iridologia, que é uma coisa bem técnica. Florais, Reiki, Cromoterapia... Escuta, acolhimento, em tudo eu procuro, não é estar ligada a uma entidade. Eu chamaria assim: Entrar em conexão com o melhor de mim! Então sair, sair de uma estrutura mais densa. Sair desse lugar mais infantil, de criança ferida, sabe?! Acordar e ativar o adulto sábio, a sabedoria em mim, E assim: É uma conexão que me liga com o melhor que existe dentro e fora de mim.”

Taróloga Patrícia:

“Exclusivamente eu. Não faço nenhum tipo de ritualização ou conexão com o mundo espiritual, na verdade, não tenho crença no sobrenatural de nenhuma perspectiva

religiosa ou não religiosa. Penso na situação/pergunta e abro as cartas no método que achar mais adequado para o tema tratado.”

Tarólogo Marlon:

“Sim, aprendi a sempre fazer uma oração mental mesmo, solicitando ajuda dos guias espirituais, que no meu caso especificamente está relacionado à deusa Hécate.”

Esta é uma questão que parece ser “trivial”, com relação à crença em entidades por parte daqueles que abrem as cartas. Desde quando o Tarô começa a ser utilizado como divinatório, lá pelos idos dos séculos XVIII e XIX, tem sua figura associada a divindades e entidades espirituais, com as cartomantes, e quando ganha passagem no campo do Ocultismo, junto às escolas esotéricas.¹²²

Embora saibamos que muitos tarólogos e cartomantes ainda hoje têm essa forte tendência em relacionar os jogos de cartas com a presença e inspiração de seres sobrenaturais. Onde, muitos se preparam para a leitura com rituais próprios a cada entidade que acredita. Desde velas, pedras, imagens, copos com água, incenso, flores, perfumes, entre outros elementos.

Entretanto, quando fomos a campo, percebemos que estas crenças, para alguns são fortes, como no caso do Tarólogo Marlon, que afirma orar à deusa Hécate antes de começar seus trabalhos com as cartas:

“[...] aprendi a sempre fazer uma oração mental mesmo, solicitando ajuda dos guias espirituais, que no meu caso especificamente está relacionado à deusa Hécate.”

Já, a Taróloga Mônica define sua ligação “como o melhor que existe nela.” “Ativar a sabedoria que existe nela”:

“[...] Eu chamaria assim: Entrar em conexão com o melhor de mim! Então sair, sair de uma estrutura mais densa. Sair desse lugar mais infantil, de criança ferida, sabe?! Acordar e ativar o adulto sábio, a sabedoria em mim, E assim: É uma conexão que me liga com o melhor que existe dentro e fora de mim.”

Não fazendo, portanto, ligação a um deus ou a outro ser espiritual. Mas, a sua própria força. Em contrapartida, a Taróloga Patrícia, expõe veemente que é exclusivamente ela:

“Exclusivamente eu. Não faço nenhum tipo de ritualização ou conexão com o mundo espiritual, na verdade, não tenho crença no sobrenatural de nenhuma perspectiva religiosa ou não religiosa. Penso na situação/pergunta e abro as cartas no método que achar mais adequado para o tema tratado.”

¹²² Ver Capítulo 1: **Do lúdico à arte divinatória.**

A Taróloga Mônica coloca em voga o pressuposto de que, para trabalhar com as cartas do Tarô não é necessário ter qualquer tipo de crença, ou estar fazendo qualquer tipo de ritual e evocação divina. E sim, ter tão somente, a base necessária de conhecimento da simbologia e a técnica das tiragens do jogo.

Diante disso, podemos compreender então, que o fator Percepção Extrassensorial presente nas cartas (é parte do nosso objeto de estudo nesta pesquisa), não é elemento e nem está ligado a qualquer “crença espiritual”. Contudo, tal fator não deixa ou deixará de existir, caso o tarólogo ou cartomante, que professa uma fé, afirma ter a inspiração e intercessão do mundo sobrenatural no instante em que lê as cartas.

8 – Você tem alguma sensação física, como: tremores, arrepios, suor, palpitações, e etc., no instante da leitura?

Taróloga Mônica:

“Às vezes sim, às vezes não! Às vezes sinto arrepios, às vezes sinto emoção, me emociono, em algumas situações, Em outras sinto calores, em outras visualizo cores e isso para mim tem um significado bem especial. Tem um treinamento de visualização de aura. E aí consigo perceber os tons coloridos que permeiam o estado daquela pessoa. Isso também serve como um sinal orientador para conduzir a leitura, sendo a melhor decodificadora possível, suportável e assertiva com o objetivo e a intenção de colaborar para que aquela pessoa assuma a sua vida.”

Taróloga Patrícia:

“Não. Apenas a adrenalina de estar sendo fonte de confiança e esperança para as pessoas e o natural medo de errar a interpretação.”

Tarólogo Marlon:

“Sempre tenho arrepios durante as minhas consultas, o que aprendi a relacionar com a veracidade do que está sendo falado durante o jogo.”

De certa forma, todos afirmam sentir algum tipo de sensação física no instante do jogo de Tarô. Mas, cada qual apresenta o seu entendimento próprio destes “arroubos” físicos no exercício da leitura. Para a Taróloga Mônica, tais sensações também a acompanham igualmente quando trabalha com outros tipos de terapias, como a leitura de aura, por exemplo. Fazendo com que a terapeuta então, associe tais sensações como:

“[...] um sinal orientador para conduzir a leitura, [...]”. Ou seja, como algo positivo e de que seu trabalho está sendo bastante assertivo quanto a sua eficácia terapêutica “[...] com o objetivo e a intenção de colaborar para que aquela pessoa assuma a sua vida.”

Segundo a Taróloga Patrícia, estas sensações são definidas, puramente como respostas fisiológicas, descargas de adrenalina, em decorrência do jogo, que a mesma relaciona com a emoção do medo, que surge com o pensamento de errar a interpretação do jogo.

Já o Tarólogo Marlon relaciona as sensações físicas como os “arrepios”, com a confirmação de que o que está sendo falado, interpretado por ele, é verdadeiro. Cada qual, como já dissemos, apresenta uma definição distinta destas sensações, que no fim, traz certo tipo de confiança ao tarólogo, ao perceber que está realizando uma boa interpretação simbólica dos Arcanos na abertura do jogo. Seja pela sua intuição, seja pelo seu conhecimento técnico adquirido com os estudos das cartas, ou até mesmo, pela união destes dois fatores: “intuição + conhecimento”.

9 – Ao ver as cartas que são tiradas pelo consulente, você faz alguma conexão mental entre os símbolos dos Arcanos Maiores, com dados que lhe vem à cabeça naquele exato instante do jogo?

Taróloga Mônica:

“Sim, a imagem do arquétipo simbolizado por cada Arcano, principalmente os Arcanos Maiores porque são esses que utilizo que é de uma linha mais espiritual, né? Porque os Arcanos Menores, eles trazem questões mais materiais. Então desenvolvi o estudo e um tipo de compreensão e de leitura baseado nesses Arquétipos Maiores, os Arcanos Maiores. E cada vez que a imagem chega junto com o tema que está sendo analisado, pesquisado, junto com o campo mórfico da pessoa, junto com o instante, coisas se cruzam, coisas se cruzam... Em algumas leituras eu estou bem técnica, em outras leituras, eu estou bem intuitiva e a maioria das leituras tem um misto de intuição e técnica.”

Taróloga Patrícia:

“Não. O que faço é estar sensivelmente aberta, para captar subtextos do discurso da/o cliente e conseguir fazer uma análise assertiva o máximo que for possível.”

Tarólogo Marlon:

“Sim, os símbolos são extremamente importantes durante a leitura, eles me ajudam no entendimento do contexto dentro do que é explicado pela consulente, norteiam a resposta da pergunta.”

Para tanto, é o momento em que o tarólogo se atém ao discurso narrado pelo consulente, quando este faz a pergunta (ou perguntas) ao jogo e conta um pouco de sua história (vida), ao profissional do jogo de Tarô. Instante em que o tarólogo une o que traz o consulente (perguntas, indagações), o seu conhecimento técnico da simbologia dos Arcanos e tiragens do jogo e a sua intuição acerca de tudo o que está sendo desenrolado, revelado pelas cartas.

“[...] E cada vez que a imagem chega junto com o tema que está sendo analisado, pesquisado, junto com o campo mórfico da pessoa, junto com o instante, coisas se cruzam, coisas se cruzam... Em algumas leituras eu estou bem técnica, em outras leituras, eu estou bem intuitiva e a maioria das leituras tem um misto de intuição e técnica.” (Taróloga Mônica).

10 – Você trabalha dentro de uma perspectiva terapêutica, ou divinatória com as cartas? Caso seja terapêutica, qual abordagem utilizada?

Taróloga Mônica:

“Trabalho numa linha mais terapêutica. A questão adivinatória é algo que eu respeito imensamente. Porém procuro evitar esse tipo de conhecimento, porque acredito muito na capacidade, no direcionamento de um trabalho que sirva como inspiração do outro assumir a responsabilidade pela sua própria vida. Conhecer os aspectos inconscientes para que diante de informações, faça suas próprias escolhas. E abordagem eu vejo isso como algo mais específico dos profissionais de Psicologia, né? Qual tua abordagem? Enquanto estudiosa de autoconhecimento, a ideia é compartilhar saberes para que a gente e as pessoas se conheçam mais.”

Taróloga Patrícia:

“Nem uma nem outra. Devido aos notáveis limites que todo oráculo possui e a falta de especialização nos termos que o uso terapêutico deste oráculo pede, eu me limito a fazer uma análise da situação que a pessoa está vivenciando e faço o aconselhamento para que ela possa tomar as decisões que melhor convir aos seus objetivos particulares e íntimos.”

Tarólogo Marlon:

“Trabalho com ambas as perspectivas. Dentro da abordagem terapêutica, viso buscar entender o consulente e lhe mostrar o autoconhecimento proporcionado pelas cartas, para trabalhar o autoequilíbrio e mostrar uma perspectiva sobre como lidar com determinado processo pelo qual esteja envolvido.”

Cada um dos três tarólogos apresentou uma visão distinta acerca do que foi perguntado. A Taróloga Mônica já inicia sua resposta afirmando que trabalha dentro da perspectiva terapêutica, deixando claro em sua fala que respeita “a questão divinatória”, porém, evita “este tipo de conhecimento”.

A Taróloga Patrícia fala que não trabalha com “nem uma, nem outra”. Acredita nos limites que cada oráculo tem. Logo, entendemos na sua fala, que para o uso das cartas do Tarô, como prática terapêutica seria, portanto, deveras limitado. E entendemos que igualmente remete este pensamento da “limitação” para a lógica divinatória do Tarô.

A Taróloga Patrícia prefere trabalhar dentro de uma perspectiva de análise e aconselhamento com as cartas. Para que o seu consulente tome a decisão mais cabível aos seus “objetivos particulares e íntimos”. Em contrapartida, o Tarólogo Marlon afirma atuar nas duas

vertentes: terapêutica e divinatória com as cartas. Enfatizando que:

“[...] Dentro da abordagem terapêutica, visto buscar entender o consulente e lhe mostrar o autoconhecimento proporcionado pelas cartas, para trabalhar o autoequilíbrio e mostrar uma perspectiva sobre como lidar com determinado processo pelo qual esteja envolvido.”

Nosso campo é o das Ciências das Religiões, com respaldo na linha da Espiritualidade e Saúde, que aqui vem adentrar no universo das Práticas Integrativas e Complementares. E como já debatemos em capítulos anteriores:

[...] é bom deixarmos claro que o Tarô, sendo reconhecido, dentro do universo das Práticas Integrativas e Complementares carrega o pressuposto de ser uma “prática terapêutica complementar”, jamais em substituição, e sim, tão somente como “complemento” às ciências convencionais da saúde. Como assim são determinadas todas as terapias reconhecidas como “Integrativas e Complementares”. (Cap. 2, p. 113)

Como vimos, nenhum dos tarólogos que disseram trabalhar com as cartas como terapia arriscou enquadrar sua prática em um tipo específico de “abordagem terapêutica”. Levando-nos a entender que o Tarô quanto ferramenta de uso terapêutico é tema que precisa ser bastante discutido. Embora tenha boa aceitação pela classe dos tarólogos, ainda precisa ser revisto e pensado. Uma vez que, embrear nesta seara requer total responsabilidade, tal qual a responsabilidade ao lidar com as cartas para uso oracular.

Para que o jogo de Tarô como terapia tenha base e caráter científico, com eficácia comprovada junto aos consulentes/interagentes, é de suma importância que os tarólogos/terapeutas que se dispõem a utilizarem as cartas como instrumento holístico em seus espaços (consultórios) tenham a responsabilidade do aprimoramento constante do seu conhecimento e desenvolvimento da sua técnica com o Tarô como prática integrativa e complementar.

11 – Se trabalhar com o jogo voltado à prática terapêutica, você analisa que o Tarô pode ser utilizado como recurso às Práticas Integrativas e Complementares (PICS)?

Taróloga Mônica:

“Eu entendo que cada Prática Integrativa está incluída, ela está contida em três grandes grupos: Existem práticas de acolhimento, existem práticas de intervenção, e existem práticas de esclarecimento. Práticas de acolhimento é uma escuta. Prática de acolhimento é você receber uma pessoa em crise e acolher, simplesmente acolher, humanamente acolher. Existem diversas formas de fazer isso. Muitas vezes só a presença e o silêncio, é uma linda, uma linda ferramenta de acolhimento. É as práticas de intervenção, de reequilíbrio, de harmonização são tantas práticas, a exemplo do Reiki, Cromoterapia, Constelação, Yoga, Alimentação Saudável, Fitoterapia, que vai

reorganizar algo que precisa de uma intervenção para voltar a sua funcionalidade. Ou uma intervenção para ver uma manutenção, ou uma expansão, melhoramento ainda maior. E o terceiro grupo que são as práticas de esclarecimentos são ferramentas que você adiciona informações pertinentes ao funcionamento humano, que esclarece uma pessoa acolhida no processo preventivo de manter uma boa saúde, precisa passar por esse grupo do esclarecimento e muitas vezes, é nesse lugar que a pessoa assume a responsabilidade, retoma a responsabilidade para cuidar de si outra vez. Não entrega esse poder nas mãos de outros profissionais só quando há necessidade. E acaba muitas vezes, se tornando o terapeuta de si mesmo, de familiares, amigos. E outras vezes descobrem no esclarecimento através de cursos, palestras e informações, orientações, um jeito, um caminho de vida, feliz e bacana de viver. O tarô a meu ver está dentro, está contido nesse lugar do esclarecimento. Porque traz informações para que elas sejam processadas, digeridas, recebidas e direcionadas conforme a maturidade de quem as recebe. Tarô é colocado nesse formato de trazer informações esclarecedoras para a pessoa se apropriar de si mesmo, se responsabilizar por si mesmo, assumir o preço das suas escolhas, decisões. Assim, vejo como uma Prática Integrativa! Diferentemente disso não. Não vejo como Prática Integrativa. Vejo com outra coisa.”

Taróloga Patrícia:

“Acredito que sim, porém, como categoria profissional, ainda é preciso amadurecer o uso, pesquisa e ensino da tarologia contemporânea. A informalidade e desinformação da sociedade ainda são agravantes para a solidificação do uso do maço de Marselha em ambientes como a PICS. Sigamos adiante nesse propósito!”

Tarólogo Marlon:

“Sim, e são de grande auxílio para o terapeuta. Sigo muito uma abordagem ensinada pelo autor e tarólogo Nei Naiff, que visa exatamente demonstrar como podemos trabalhar com as cartas de um ponto de vista terapêutico e assim auxiliar o interagente durante as consultas terapêuticas, exatamente pelo autoconhecimento que pode ser proporcionado.”

Todos os tarólogos participantes da pesquisa concordaram com a utilização do Tarô como recurso das Práticas Integrativas e Complementares, embora para a Taróloga Patrícia, mesmo concordando com o Tarô como ferramenta das PICS, para esta profissional existem algumas importantes ressalvas a serem consideradas, como a “informalidade” e “desinformação” do uso das cartas na área das terapias integrativas, que interpretamos como sendo a falta de formação e conhecimento simbólico e técnico do jogo de Tarô, por parte de alguns terapeutas holísticos que atendem com as cartas, que acreditam precisar tão somente do viés intuitivo ao atender seus interagentes.

De acordo com a Taróloga Mônica:

“[...] O tarô a meu ver está dentro, está contido nesse lugar do esclarecimento. Porque traz informações para que elas sejam processadas, digeridas, recebidas e direcionadas conforme a maturidade de quem as recebe. Tarô é colocado nesse formato de trazer informações esclarecedoras para a pessoa se apropriar de si mesmo, se responsabilizar por si mesmo, assumir o preço das suas escolhas, decisões. Assim, vejo como uma Prática Integrativa!”

Diante dessa fala, a taróloga mostra que o Tarô pode sim, ser determinado como uma Prática Integrativa, uma vez que segundo a mesma o Tarô “está contido nesse lugar do esclarecimento”. Trazendo informações ao interagente, que as recebe de acordo com a sua maturidade, podendo então, com o que lhe foi dito no jogo das cartas, se “apropriar”, se “responsabilizar” por si mesmo. Assumindo suas “escolhas” e “decisões” de vida.

Já, para o Tarólogo Marlon, tal como a Taróloga Mônica, ele além de tarólogo é também terapeuta holístico e afirma que:

“Sim, e são de grande auxílio para o terapeuta. Sigo muito uma abordagem ensinada pelo autor e tarólogo Nei Naiff, que visa exatamente demonstrar como podemos trabalhar com as cartas de um ponto de vista terapêutico e assim auxiliar o interagente durante as consultas terapêuticas, exatamente pelo autoconhecimento que pode ser proporcionado.”

O tarólogo aqui entrevistado acredita que uso do Tarô como prática integrativa proporciona o autoconhecimento. Assim, fazemos ponte com o que foi colocado na entrevista da Taróloga Mônica, que fala da apropriação e responsabilidade sobre si mesma, que o Tarô quanto Prática Integrativa e Complementar traz à vida daquele que o busca. A responsabilidade sobre si mesmo, a busca do autoconhecimento, para uma melhor qualidade de vida são princípios constituintes das PICS, como já vimos anteriormente:

Estas práticas têm base sobremaneira nas medicinas tradicionais milenares, Chinesa e Ayurvédica. Junto com a Homeopatia são denominadas de medicinas vitalistas, que atribuem a composição do ser a um princípio essencial à vida, que é o princípio vital. “[...] componente que constitui todos os seres vivos, responsável pela integração do corpo com as emoções e com os processos da mente, e da espiritualidade.” (IBIDEM, p. 24). O homem é visto de maneira integralizada, com todas as suas dimensões: física, sensorial, mental, emocional e espiritual,¹²³ como parte do cosmos, sendo assim, o homem (micro) e o Universo (macro). Com isso ampliamos nossa compreensão de que não é possível haver saúde, bem estar se não houver uma correspondência harmoniosa entre as partes que assim compõem o ser e o integram com o todo universal. Conforme já dissemos, as PICS aliam conceitos holísticos de integração do homem com todas as suas dimensões (o Ser Integral). Sendo, então possível encontrar repostas às mais diversas questões relacionadas à reorganização do equilíbrio do ser, na busca da saúde, do bem estar, [...]. (Cap. 1, p. 37)

4.2.1 O que dizem os Tarólogos e as Análises de seus discursos, após as aberturas das cartas

Após cada jogo foi direcionada a seguinte pergunta a cada um dos tarólogos:

- O que você pensa ou sente no instante em que desvira as cartas, e faz uma pausa antes de começar a falar sobre as cartas tiradas no jogo?

¹²³ ROHR, 2011.

Taróloga Mônica:

“Eu sinto, um “Namastê! O que é isso: o Deus que habita em mim. Eu procuro sentir esse mesmo Deus. Esse mesmo eu sou. Essa conexão que eu acredito: da Fonte da Vida! Ela habita em mim. E eu procuro me conectar com este Ser. Com esse eu sou! Com essa fonte de vida no outro. E procuro entrar em unidade, e sentir com profundo amor. Eu e a pessoa, a gente se mistura. E diante da grandeza da vida, a gente está ali: como irmãos espirituais, um ajudando o outro. E o que eu penso em tudo o que eu estudei, de cada arquétipo! Cada arquétipo tem várias facetas e significa muitas coisas. Então eu deixo que o meu pensamento, vá pescar o que a minha intuição aponta de um dos aspectos daquele arquétipo para responder, e orientar, e decodificar naquele momento, para aquela pergunta. Penso também na casa que a carta se encontra, e faço o cruzamento do significado do arcano, da carta com o arcano da casa. Com a experiência da casa, a casa é a região, é a posição onde a carta se encontra num tabuleiro. Então assim, fruto de estudo, esses cruzamentos ajudam muito. Há uma riqueza de informações sobre a pergunta ou a orientação solicitada.”



Figura 58 – Taróloga Mônica

Taróloga Patrícia:

“Quando desviro a carta o faço dentro de uma posição estratégica que está indagando algo específico ao Arcano. Nesse momento eu começo a buscar o sentido semântico entre as imagens e o lugar que elas ocupam na tiragem. Então, antes de começar a falar eu primeiro busco entender a conexão lógica entre o que a imagem representa e como ela se contextualiza dentro da casa de jogo. Este é sempre um momento tenso pra mim, pois, nesse momento eu preciso confiar que minha memória e raciocínio lógico não falharão e eu vou conseguir transmitir a mensagem da forma mais completa possível de forma que reverbere e faça sentido a quem a ouve.”



Figura 59 – Taróloga Patrícia

Tarólogo Marlon:

“Eu sinto quando eu tenho o consulente. Essa situação ela começa para mim antes de eu sentar na mesa. Eu sinto quando a pessoa está ansiosa. Eu sinto quando ela não está bem. Eu sinto quando eu começo a conversar com a pessoa. E aí a gente vai marcar a leitura. Eu já começo a sentir, alguns, algumas situações relacionadas a essa pessoa. Então é: se está bem, se não está. Se geralmente de forma, geralmente no campo emocional ou mental é assim o que eu sinto. Mas se a pessoa está bem, se não está. Se está chateada, se está magoada, se está exausta. Eu sinto essas coisas, né? Então, quando a pessoa chega para a minha consulta, né? Para a minha leitura. Eu já tenho uma boa base do que eu sinto. E aí, eu confirmo com essa pessoa. Digo para a pessoa que eu me senti. Tive determinadas sensações e a pessoa vai me confirmar se isso é verídico ou não. Se ela, se ela identifica isso ou não. E a maioria das vezes, eu vou colocar assim, vou dizer assim, para não soar soberbo: a maioria das vezes eu consigo sentir de fato, o estado emocional e mental da pessoa, antes dela chegar. Então, quando eu sinto que eu disponho as cartas, primeiro que no momento em que eu estou embaralhando, né? Que eu começo a conversar com a pessoa e começo a embaralhar as cartas. Eu naquele momento eu vou fazer minha oração, né? E pedindo às divindades que eu sirvo. As divindades que eu, que eu cultuo. Eu vou pedindo para elas, e para elas me orientarem, me darem sabedoria dentro da leitura. Então nesse momento eu já vou mentalizar, nessa oração essa prece para coisa. Para que eu possa fazer a leitura. E quando eu desviro as cartas, no momento que eu estou desvirando as cartas, o meu entendimento da carta, porque existe a parte simbólica, né? Que eu estudei também muito, tenho muito tempo de estudo. Mas está sempre aprendendo, né? Eu já consigo captar algumas coisas da parte simbólica, da parte simbólica, né? Então eu vou desvirando as partes, a parte simbólica vou ver nas cartas, né? Pela simbologia delas. E quando eu começo, quando eu desviro todas elas, e faço a pausa para analisar. Então nesse momento a análise que eu faço eu faço uma análise intuitiva e uma análise também racional da coisa (vou dizer assim), acontecendo. Primeiro eu vejo os símbolos, vejo os naipes. Eu vejo se tem arcano maior, se não tem. Isso influencia no meu entendimento da leitura, né? Então se eu tenho mais um naipe de paus eu entendo que é uma situação que é uma situação em que pode haver raiva que pode haver discussão ou que dependendo da situação pode ser no âmbito espiritual. Então eu vejo muito disso quando eu faço essa pausa, né? Quando eu tenho esse olhar para a situação das cartas. E em seguida, nesse momento que eu estou olhando eu estou sentindo também as coisas. Então muitas vezes eu no momento que eu desviro

as cartas que eu estou olhando, eu consigo captar, vem algumas imagens, surgem algumas imagens na minha cabeça. De determinadas situações relacionadas àquela leitura. Então surgiram imagens de como a pessoa está, ou de alguma outra pessoa ou lugar. Enfim, isso acontece no momento em que eu estou fazendo essa análise. Antes de falar do jogo e tudo mais. Então, isso é a minha leitura, ela envolve muito disso, muito do intuitivo. Existe obviamente o conhecimento teórico, né? E simbólico das cartas que não é desprezado obviamente. Mas o intuitivo ele também fala muito e eu escuto muito a minha intuição para a leitura. Eu escuto muito, o que é que a minha intuição está falando, o que é que eu estou conseguindo captar disso. E eu atribuo muito disso à minha oração e conexão com as divindades que eu cultuo. Eu sei que existe a minha intuição. Mas eu também atribuo muito isso a eles, de coisas que eu preciso falar para o consulente, e que é o momento que ele está precisando escutar aquilo. Então eu absorvo muito do que a minha intuição está falando, sabe? E em muitos momentos quando eu estou observando as cartas, já vai vindo palavras e situações na minha cabeça em que eu vou analisando eu vou guardando a informação para repassar para o consulente.”



Figura 60 – Tarólogo Marlon

De maneiras distintas, cada tarólogo relata por meio de suas experiências com o jogo de Tarô, como se dá o que acontece e o que sentem após a abertura das cartas. Podemos observar que para cada qual não é só a experiência trazida pelo jogo, com cada consulente e seus conhecimentos teóricos adquiridos com seus estudos sobre a simbologia arquetípica dos Arcanos, são de grande influência, suas crenças, sobretudo, para um destes, religiosa.

Prontamente, para uma melhor análise elencamos alguns trechos das falas dos tarólogos entrevistados acerca do que aqui foi perguntado. Uma vez que compreendemos a importância para este momento da pesquisa, saber a respeito do instante da “virada das cartas”: a revelação do Arcano de cada carta e a posição (casa) específica que ocupa no jogo.

“[...] E o que eu penso em tudo o que eu estudei, de cada arquétipo! Cada arquétipo tem várias facetas e significa muitas coisas. Então eu deixo que o meu pensamento,

vá pescar o que a minha intuição aponta de um dos aspectos daquele arquétipo para responder, e orientar, e decodificar naquele momento, para aquela pergunta. Penso também na casa que a carta se encontra, e faço o cruzamento do significado do arcano, da carta com o arcano da casa. Com a experiência da casa, a casa é a região, é a posição onde a carta se encontra num tabuleiro. Então assim, fruto de estudo, esses cruzamentos ajudam muito. Há uma riqueza de informações sobre a pergunta ou a orientação solicitada.” (Taróloga Mônica).

“[...] Então, antes de começar a falar eu primeiro busco entender a conexão lógica entre o que a imagem representa e como ela se contextualiza dentro da casa de jogo. Este é sempre um momento tenso pra mim, pois, nesse momento eu preciso confiar que minha memória e raciocínio lógico não falharão e eu vou conseguir transmitir a mensagem da forma mais completa possível de forma que reverbere e faça sentido a quem a ouve.” (Taróloga Patrícia).

“[...] Então eu vejo muito disso quando eu faço essa pausa, né? Quando eu tenho esse olhar para a situação das cartas. E em seguida, nesse momento que eu estou olhando eu estou sentindo também as coisas. Então muitas vezes eu no momento que eu desviro as cartas que eu estou olhando, eu consigo captar, vem algumas imagens, surgem algumas imagens na minha cabeça. De determinadas situações relacionadas àquela leitura. Então surgiram imagens de como a pessoa está, ou de alguma outra pessoa ou lugar. Enfim, isso acontece no momento em que eu estou fazendo essa análise. Antes de falar do jogo e tudo mais. Então, isso é a minha leitura, ela envolve muito disso, muito do intuitivo. Existe obviamente o conhecimento teórico, né? E simbólico das cartas que não é desprezado obviamente. Mas o intuitivo ele também fala muito e eu escuto muito a minha intuição para a leitura. Eu escuto muito, o que é que a minha intuição está falando, o que é que eu estou conseguindo captar disso. E eu atribuo muito disso à minha oração e conexão com as divindades que eu cultuo. Eu sei que existe a minha intuição. Mas eu também atribuo muito isso a eles, de coisas que eu preciso falar para o consulente, e que é o momento que ele está precisando escutar aquilo. Então eu absorvo muito do que a minha intuição está falando, sabe? E em muitos momentos quando eu estou observando as cartas, já vai vindo palavras e situações na minha cabeça em que eu vou analisando eu vou guardando a informação para repassar para o consulente.” (Tarólogo Marlon).

Nos interessa saber da “pausa” para a leitura e o acesso às informações advindas dos seus processos cognitivos (com a reunião de todo o seu conhecimento, estudo sobre a simbologia de cada Arcano, aliada às técnicas de tiragens das cartas), como ainda a sua intuição, que aqui, para nós, corresponde ao que ainda viemos averiguar (comprovar) com esta Tese, que é a Percepção Extrassensorial presente no jogo de cartas do Tarô.

4.2.2 O que dizem os Consulentes após o jogo de Tarô e as Análises de seus discursos

Tal qual com os tarólogos colocamos aqui, a pergunta que foi realizada e a resposta de cada consulente. Seguindo com a análise de seus discursos.

- Para você, como consulente, qual foi a sua percepção acerca do que foi falado pela taróloga a respeito das cartas que foram tiradas no jogo?

Consulente Renata (Taróloga Mônica):

“A percepção que eu tenho no momento do atendimento é uma certa dificuldade de eu me concentrar. Mas com a conduta dela, da terapeuta, a taróloga na condução dela no centramento, eu começo a chegar à consulta. E percebo que eu consigo dissipar vamos dizer assim, essa inquietação, meio excitação por estar, né? Passando pelo momento do atendimento. E esses atendimentos, eles me deixam de certa maneira um pouco não é eufórica, mas eles me deixam excitada. E eu fico alegre, eu fico naquela expectativa, naquela ansiedade. Então, a conduta dela me traz para o centro. Me faz pensar um pouco no que eu busco no momento do atendimento. Quais são as questões que me fazem querer esse atendimento, né? É uma coisa que eu não tenha parado para pensar tanto. Eu sabia que eu teria o atendimento de tarô, mas eu não sabia o que eu ia colocar nesse atendimento, né? Nessa hora me vem muito claro, qual é o meu intuito nesse atendimento. Com essa conduta dela, eu consigo sentir vamos dizer dessa maneira, que a minha necessidade maior é fazer questionamentos em relação, por exemplo, a questão do trabalho como, como eu coloquei, né? Minha questão, a questão do trabalho e a questão da saúde”.

“Quando eu fiz o corte das cartas e a carta que apareceu foi a carta do Louco. E eu comecei a colocá-las, dispô-las na mesa, e ela começou a falar sobre a questão do que essa carta traz para mim, no meu do meu momento atual, e sem racionalizar, né? Sem levar para a mente. Eu percebi que na hora que ela começou a falar sobre isso, tudo o que ela falava, fazia um sentido para mim, mas que eu não tinha, como posso falar? Eu não tinha... como se ela estivesse lendo algo que eu sabia, mas que eu não tinha ainda trazido para o meu lado mental ao meu lado racional, né? É algo que eu estou vivendo de fato, mas que eu não tinha, como posso falar concretizado na minha mente que eu estava passando por essa fase, uma fase de abertura de viver um dia de cada vez, né? Como ela falou com abertura com disponibilidade. E de fato, eu estou vivenciando isso e tudo aquilo que ela falou. Mas não eu, não havia compreendido isso mentalmente. Como se eu estivesse vivendo sem estar nesta questão de: “Ah eu estou agora mentalmente pensando que estou vivendo um dia de cada vez”. Não é simplesmente o viver.”

“Após isso, né? E que eu fiz a distribuição das cartas na mesa, e aí ela pediu para que eu me concentrasse, né? Numa questão que me inquietasse. E pediu para que eu trouxesse, né? Essa concentração para essas questões, que foram do trabalho. Eu me lembro que toda vez que ela pedia para eu trazer essa questão para, para que eu pudesse me concentrar nela eu sentia uma... como posso dizer: É como se eu entrasse dentro do campo daquela pergunta que eu queria a resposta. Foi uma coisa muito interessante, porque é como se abrisse, algo se abrisse e eu conseguisse captar uma energia, ou ter uma percepção de tudo aquilo que estava envolvido, ou relacionado com a pergunta que eu queria fazer. Uma sensação bem interessante em todas as perguntas que eu fiz, eu percebi que eu entrei nesse lugar de captação dessa energia, ou desse campo. É como se eu fosse transportada para esse lugar para que dali eu pudesse fazer a escolha da carta que eu achava o que eu entendia que era a carta que traria uma resposta para mim. Com relação à pergunta que eu tinha em mente, não é? E como foi assertivo, como foi... Como posso falar? Todas as respostas foram respostas que eu já sabia, não é? E foram respostas muito assertivas, muito eficazes. Porque eu já sabia até quando não tinha a resposta. Eu já sabia que aquela resposta era suficiente. Era só ir até aquele determinado lugar, aquele determinado ponto. Foi como relembrar algo que eu já havia. Que eu havia esquecido, né? Inclusive eu falei no atendimento, que eu agradeci a ela, por ela me lembrar o que eu tinha esquecido, né? É como se ela trouxesse à tona... coisas de mim mesma que eu havia esquecido, e que aquele atendimento fez ressurgir. Trouxe à tona, trouxe de volta como um lembrete.”

Consulente Tereza (Taróloga Mônica):

“Minha percepção é que a fala dela foi muito cuidadosa, no sentido de que fizesse sentido e clareza para mim. A decodificação da mensagem teve muita sintonia e coerência com os questionamentos.”

Consulente Fernando (Taróloga Patrícia):

“Eu percebi que as cartas estavam mostrando exatamente, o momento que estou passando.”

Consulente Larissa (Taróloga Patrícia):

“Então eu fui a consulente, vamos dizer a consulente da seção, da tirada de cartas. E posso dizer, que essa experiência é uma experiência muito marcante para mim que valorizo o momento da tiragem de cartas, que considero ser esse um momento muito especial, tanto para o consulente, como também para a própria taróloga que está ali na função de decifrar desenhos, imagens, mensagens e impressões. E também é algo que diz respeito às sutilezas da sua sensibilidade, vamos dizer assim. Então eu posso dizer que essa experiência é uma experiência muito especial, haja vista que não é a primeira vez que eu faço uma tiragem de cartas enquanto consulente. E enquanto consulente, inclusive há poucas semanas eu tive a oportunidade de fazer uma tiragem de cartas e o mais incrível dessa segunda tiragem que é a que estou falando no momento, é que elas se fazem entender dentro de um conjunto. Quando na verdade um jogo fala de um outro jogo, né? E essa experiência, essa segunda experiência veio marcar e reafirmar a potência que existe dentro da sensibilidade e da intuição e de tantos outros fatores que agora me fogem, a forma de conceituar isso. Mas somente de sentir e ver na experiência o quanto essas oportunidades estão carregadas dessas conexões e fazendo com que a gente possa refletir sobre a potência que existe por trás dessas cartas. E por trás da pessoa que está como consulente. E por trás das mãos que jogam as cartas, né? Então o que eu quero dizer com isso, é que essa segunda experiência ela veio como uma forma de confirmação. Ela apareceu como uma confirmação. Eu falo isso porque uma segunda tiragem de cartas é o jogo apareceu da mesma forma como ele apareceu com uma tiragem de cartas que eu fiz há poucas semanas atrás. Então o que apareceu de forma muito forte, porque ele veio confirmar a uma agência própria. Eu posso dizer assim, uma agência própria das cartas da força que essa mensagem tem, e da força que essa mensagem encontra para se comunicar através dessas imagens que aparecem nas cartas. Então, eu posso dizer que essa experiência foi uma experiência muito forte para mim e tem tudo a ver com o presente da minha vida. Não tem nada a ver com questões futuras. E acredito nessas experiências com o Tarô, que o futuro vai depender muito das ações, que o consulente ou a consulente vá tomar para si e para a sua vida. E assim tendo condição de coordenar o seu próprio destino, nesse sentido. Mas fato é que as cartas elas trazem potentes mensagens e fortes reviravoltas no nosso modo de pensar, a nossa forma de falar sobre as coisas e também trazendo para gente é algo muito profundo de coisas do nosso inconsciente, de coisas que a gente não pode ver mais que as cartas podem apresentar. Então é um pouco disso dessa experiência.”

“Sobre o ato em si da tiragem de cartas eu posso falar que a taróloga não interfere em nada sobre as escolhas das cartas. A escolha das cartas diz muito respeito à própria intuição da consulente, de escolher suas próprias cartas. Vamos dizer escolher seu próprio destino, a própria mensagem que vai se apresentar. Então quanto à taróloga A, que foi a taróloga que fez a tiragem de cartas e eu percebi uma forma muito concentrada dela em fazer a leitura. Ao início do jogo ela que embaralha as cartas, não permitindo que o consulente toque nas cartas no sentido de embaralhar e pegar. Naquele ato já percebi que existe uma boa forma dela mesma enquanto taróloga tratar

da energia do jogo que vai ser aberto, como também ao início do jogo ela fala o meu nome. Naquele momento eu senti que ela está ali se concentrando na pessoa, a quem ela vai dedicar essa leitura. Então existe um momento de concentração, um momento de firmeza mesmo no pensamento, no sentido de concentrar aquele momento e direcionar aquele momento da melhor forma. E depois de escolhida as cartas pela consulente, que no caso era eu. Essas cartas são dispostas à mesa, e ela pede um tempo para se concentrar na imagem que ela está vendo nas cartas. E no percurso que ela vai tomar para poder falar sobre o que ela está vendo nessas cartas. Algo que eu gostei muito também na tiragem das cartas, e na forma como ela leu, e que ao final também ela fala sobre um conselho que as cartas vêm dar. Então, aquele conselho não só as cartas falam, mas também eu percebo que ela extrai de dentro dela, uma força no que diz respeito a trazer para aquela pessoa uma orientação e um discernimento melhor. E uma possibilidade de a pessoa refletir mais sobre o que foi visto naquele jogo. Então esses fatores: a concentração, a calma, e a feitura do percurso que ela fez para a leitura e o conselho ao final. Eu percebo que tenha sido um caminho muito proveitoso. É de um estudo que ela vem fazendo ao longo dos anos. Se dedicando a isso, que eu considero uma grande arte que é de observar imagens. Falar sobre elas e construir vidas através dessas mensagens. Então é isso.”

Consulente Mara (Tarólogo Marlon):

“Não é a primeira vez que faço leitura, e assim como nas demais vezes eu fico impressionada com a assertividade das cartas. É como ver a manifestação do meu pensamento, porque eu penso na questão que quero que seja verificada e o tarô mostra exatamente o que era meu pensamento, mostra um direcionamento, que muitas vezes estava ali o tempo todo, mas que foi preciso ser mostrado pra que eu pudesse enxergar de verdade. Ainda vem os conselhos que fazem todo sentido com a situação. Pra mim é impossível não acreditar e não seguir o que está ali, sendo que foi tão preciso, tão assertivo. E eu sempre vi o tarô como um instrumento de comunicação com meus guias, minhas divindades e meu Eu superior.”

Consulente Edivânia (Tarólogo Marlon):

“A minha percepção foi muito limpa e direta em tudo que eu estou vivenciando na vida pessoal. E o meu sentimento de alívio e ajuda espiritual, onde me dá um direcionamento nas minhas decisões.”

Ao ouvir estes sujeitos, entendemos o que é percebido “do outro lado da mesa” do jogo de cartas: O que observam, captam e expressam estes participantes acerca do objeto que pesquisamos. Mesmo estando estes sujeitos do outro lado da tela de um computador, ou de um smartphone, como no caso da Consulente Tereza, da Taróloga Mônica, que teve seu jogo aberto de forma remota. E que mesmo assim, observamos, em nenhum instante foi diferente dos jogos que aconteceram no campo presencial.



Uma artesã faz sua arte em uma manta de tricô, vamos “tricotando”, tecendo fio a fio a análise dos discursos dos consulentes desta pesquisa. Extraindo ainda, o que de mais sensível ao nosso objeto, encontramos em suas falas.

“Quando eu fiz o corte das cartas e a carta que apareceu foi a carta do Louco. E eu comecei a colocá-las, dispô-las na mesa, e ela começou a falar sobre a questão do que essa carta traz para mim, no meu do meu momento atual, e sem racionalizar, né? Sem levar para a mente. Eu percebi que na hora que ela começou a falar sobre isso, tudo o que ela falava, fazia um sentido para mim, mas que eu não tinha, como posso falar? Eu não tinha... como se ela estivesse lendo algo que eu sabia, mas que eu não tinha ainda trazido para o meu lado mental ao meu lado racional, né? É algo que eu estou vivendo de fato, mas que eu não tinha, como posso falar concretizado na minha mente que eu estava passando por essa fase, uma fase de abertura de viver um dia de cada vez, né? [...]”

“[...] E que eu fiz a distribuição das cartas na mesa, e aí ela pediu para que eu me concentrasse, né? Numa questão que me inquietasse. E pediu para que eu trouxesse, né? Essa concentração para essas questões, que foram do trabalho. Eu me lembro que toda vez que ela pedia para eu trazer essa questão para, para que eu pudesse me concentrar nela eu sentia uma... como posso dizer: É como se eu entrasse dentro do campo daquela pergunta que eu queria a resposta. [...]” (Consulente Renata -Taróloga Mônica).”

“[...] Então eu posso dizer que essa experiência é uma experiência muito especial, haja vista que não é a primeira vez que eu faço uma tiragem de cartas enquanto consulente. E enquanto consulente, inclusive há poucas semanas eu tive a oportunidade de fazer uma tiragem de cartas e o mais incrível dessa segunda tiragem que é a que estou falando no momento, é que elas se fazem entender dentro de um conjunto. Quando na verdade um jogo fala de um outro jogo, né? E essa experiência, essa segunda experiência veio marcar e reafirmar a potência que existe dentro da sensibilidade e da intuição e de tantos outros fatores que agora me fogem, a forma de conceituar isso. Mas somente de sentir e ver na experiência o quanto essas oportunidades estão carregadas dessas conexões e fazendo com que a gente possa refletir sobre a potência que existe por trás dessas cartas. [...]” (Consulente Larissa - Taróloga Patrícia).

Aqui, a consulente faz uma relação com outro momento de leitura do baralho de Tarô, que segundo a entrevistada, havia acontecido (coincidentemente), há poucas semanas antes do jogo. E de acordo com sua compreensão das cartas tiradas e das palavras dos tarólogos ditas em cada, para este sujeito da nossa pesquisa, fizeram-lhe total sentido e conexão. E para ela, dentro da sua experiência “um jogo fala de outro jogo”. Levando-nos à compreensão de que a Percepção Extrassensorial presente no jogo de Tarô, que aqui pesquisamos, pode se manifestar com igual simbologia e sentido de interpretação a um mesmo consulente, mesmo sendo com tarólogos, lugares e dias distintos.

“[...] Então, eu posso dizer que essa experiência foi uma experiência muito forte para mim e tem tudo a ver com o presente da minha vida. Não tem nada a ver com questões futuras. E acredito nessas experiências com o Tarô, que o futuro vai depender muito das ações, que o consulente ou a consulente vá tomar para si e para a sua vida. E assim tendo condição de coordenar o seu próprio destino, nesse sentido. Mas fato é que as cartas elas trazem potentes mensagens e fortes reviravoltas no nosso modo de pensar, a nossa forma de falar sobre as coisas e também trazendo para gente é algo muito profundo de coisas do nosso inconsciente, de coisas que a gente não pode ver mais que as cartas podem apresentar. Então é um pouco disso dessa experiência.” (Consulente Larissa - Taróloga Patrícia).

Cada consulente traz sua concepção acerca do momento em que acontece a leitura das imagens arquetípicas representadas em figuras simbólicas nas cartas. Relatam o que perceberam nas ações dos tarólogos em abrir e dispor as lâminas em suas falas, e interpretações sobre cada Arcano e suas disposições no jogo, como podemos ver em suas falas: “*Eu percebi que as cartas estavam mostrando exatamente, o momento que estou passando.*” (Consulente Fernando - Taróloga Patrícia).

Narram ainda, o que sentiram no instante em que estão frente a frente com o profissional do Tarô.

“[...] Foi uma coisa muito interessante, porque é como se abrisse, algo se abrisse e eu conseguisse captar uma energia, ou ter uma percepção de tudo aquilo que estava envolvido, ou relacionado com a pergunta que eu queria fazer. Uma sensação bem interessante em todas as perguntas que eu fiz, eu percebi que eu entrei nesse lugar de captação dessa energia, ou desse campo. É como se eu fosse transportada para esse lugar para que dali eu pudesse fazer a escolha da carta que eu achava o que eu entendia que era a carta que traria uma resposta para mim. [...]” (Consulente Renata - Taróloga Mônica).

Os seis consulentes participantes da pesquisa concordaram que as cartas tiradas no jogo, e a interpretação realizada por cada tarólogo fizeram sentido às perguntas que cada qual fizera na abertura de cada jogo. “*[...] A decodificação da mensagem teve muita sintonia e coerência com os questionamentos.*” (Consulente Tereza - Taróloga Mônica). E ainda,

“Não é a primeira vez que faço leitura, e assim como nas demais vezes eu fico impressionada com a assertividade das cartas. É como ver a manifestação do meu pensamento, porque eu penso na questão que quero que seja verificada e o tarô mostra exatamente o que era meu pensamento, mostra um direcionamento, que muitas vezes estava ali o tempo todo, mas que foi preciso ser mostrado pra que eu pudesse enxergar de verdade. [...]” (Consulente Mara - Tarólogo Marlon).

Não apresentaram, portanto, nas entrevistas após o campo, qualquer palavra ou atitude que representasse discordância ou dúvida acerca do que lhes foi dito a partir das interpretações das cartas.

“[...] E posso dizer, que essa experiência é uma experiência muito marcante para mim que valorizo o momento da tiragem de cartas, que considero ser esse um momento muito especial, tanto para o consulente, como também para a própria taróloga que está ali na função de decifrar desenhos, imagens, mensagens e impressões. E também é algo que diz respeito às sutilezas da sua sensibilidade, vamos dizer assim. [...]” (Consulente Larissa - Taróloga Patrícia).

Alguns dos consulentes narraram com detalhes suas experiências com este momento. Outros já foram mais comedidos nas palavras durante a entrevista. Entretanto, entendemos por meio da análise dos relatos, que todos apresentaram percepções e atribuem significados de compreensão parecidos aos momentos com os tarólogos e as interpretações e os conselhos de cada jogo.

“A minha percepção foi muito limpa e direta em tudo que eu estou vivenciando na vida pessoal. E o meu sentimento de alívio e ajuda espiritual, onde me dá um direcionamento nas minhas decisões.” (Consulente Edivânia - Tarólogo Marlon).

4.3 Fechando as Cartas

“Jogo encerrado! Finalmente podemos fechar as cartas!” Realizamos, então, uma trajetória de nove Entrevistas Semiestruturadas, com três tarólogos profissionais e seis consulentes, que se dispuseram gentilmente a participarem desta pesquisa com o baralho de cartas do Tarô. Os jogos realizados em campo foram de forma presencial ou *online*, seguiram-se de uma criteriosa Observação Participante, sob meu olhar como pesquisadora deste objeto. Passando logo em seguida, pelo crivo da Análise dos Discursos das falas de cada um dos sujeitos participantes deste trabalho.

Entre aberturas e embaralhados de cartas foi possível observar cada carta desvirada sobre a mesa, com seus Arcanos revelados e interpretados dentro de um esquema de jogo próprio e organizado, por seus leitores, os tarólogos. Sendo assim, assistidos por seus expectadores, os consulentes.

Em cada carta que era aberta formas simbólicas materializavam possíveis respostas trazidas à luz da consciência daqueles que ali buscavam se conhecer (*Gnôthi seautón*,

“Conhece-te a ti mesmo”¹²⁴). Trazendo com isso, a perspectiva que ainda aqui buscamos: o baralho de cartas do Tarô como ferramenta de autoconhecimento e, portanto, passível de utilização como recurso dentro das Práticas Integrativas e Complementares (PICS).

Neste arcabouço de imagens arquetípicas, em suas muitas vertentes de uso, contadas pelo passado, acontecendo no presente e abrindo caminhos de possibilidades para o futuro, vamos chegando finalmente às vias de concluir esta Tese.



Figura 62 – Cartas Fechadas

¹²⁴ FOUCAULT, (1981-1982): **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. 2014.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve o objetivo de investigar através de uma Análise do Discurso, a fala de tarólogos e consulentes acerca da utilização do Tarô como Prática Integrativa e Complementar e a presença extrassensorial no jogo como possível fator intuitivo.

Com os objetivos estabelecidos, em consonância com o “embaralhado de cartas”, observamos o que nos apresentam os sujeitos da pesquisa, os tarólogos e consulentes. Estes sujeitos revelam suas crenças, religiosas ou não, suas ideias e pensamentos, na abertura do jogo. É de interesse para o campo de Ciências das Religiões as falas dos tarólogos, ou seja, sua compreensão a respeito do jogo e a fala dos consulentes, com suas expectativas de respostas diagnósticas.

Assim, apresentamos a controversa origem do Tarô, sua trajetória histórica e simbólica, com início lá nos idos do século XV, entre os nobres da corte do Norte da Itália. Refizemos o percurso do Tarô, desde a sua forma lúdica dos jogos de cartas, até a sua configuração esotérica dentro das escolas iniciáticas,¹²⁵ representado por grandes nomes, como: Gebelin, Etteila, entre outros.

Realizamos, neste mesmo capítulo, um contraponto entre Cartomancia e Tarologia, sob o viés de grandes teóricos do magnífico universo do jogo de cartas. Além do que, levantamos um histórico sobre o clássico “Tarô de Marselha” (uma vez que se trata do baralho mais difundido e utilizado ao longo dos últimos séculos. Deste modo, sendo este, o baralho que escolhemos para nos aprofundarmos nesta pesquisa).

Fizemos ainda, um levantamento bibliográfico da relação dos conceitos de Arquétipo e Inconsciente Coletivo, de Carl G. Jung, com os 22 (vinte e dois) Arcanos Maiores do Tarô. E ainda, seguimos apresentando por meio de uma Jornada Arquetípica cada um dos 22 (vinte e dois) Arcanos Maiores deste fabuloso baralho de cartas. Logo, encerramos este capítulo falando a respeito da face terapêutica das cartas do Tarô e a relação com as PICS, em consonância com o capítulo seguinte.

Contextualizamos e apresentamos a trajetória das Práticas Integrativas e Complementares no cenário da Saúde no Brasil, trazendo o Tarô enquanto ferramenta holística. Além do que, falamos sobre as Medicinas vitalistas e das Racionalidades médicas, no intuito de uma melhor compreensão sobre as PICS, onde contamos o percurso das Terapias alternativas orientais ao Movimento da contracultura, até as Práticas Integrativas e Complementares.

Não deixamos de contar a história da chegada do Tarô no Brasil, e o seu

¹²⁵ Escolas de iniciação esotérica de caráter fechado (TAVARES, 1999).

reconhecimento como ofício, pelo Ministério do Trabalho, desde o ano de 2002, na descrição do exercício profissional da atividade do tarólogo, de acordo com o “Código 5168-10 - Paranormal (Parapsicólogo)”, da “Classificação Brasileira de Ocupações” (CBO).

Entrevistamos e observamos, dentro de uma perspectiva qualitativa, um grupo de três tarólogos em seus locais de atendimento (e seis consulentes), na cidade de João Pessoa, que utilizam (ou não) Tarô, como Prática Integrativa e Complementar. E apresentamos os dados e análises dos discursos destes sujeitos. Onde, por meio de suas falas e das observações em campo, consideramos ainda, o fator da Extrassensorialidade, no momento do jogo de cartas, por meio da metodologia da Análise do Discurso. Assim, nos aprofundamos nas falas em campo, compreendendo “o dito e o não dito” destes personagens, em meio a reflexões com grandes autores da área e ainda com os demais capítulos desta Tese.

Diante de todo esse caminho percorrido, concluímos que, à Percepção extrassensorial (fator intangível¹²⁶), está presente de fato, desde a abertura, até o fechamento das cartas, no jogo de Tarô. E esse elemento está definido como a intuição (como foi discutido, desde o primeiro capítulo desta Tese, com base em alguns teóricos, sobretudo, enquanto fator intrínseco às dimensões que constituem o Ser.¹²⁷). A intuição esteve presente em cada jogo que foi aberto durante a pesquisa, comprovamos através dos discursos dos tarólogos e consulentes, nas entrevistas e pela observação participante durante as aberturas, sendo estas, presenciais ou remotas.

Cada um dos três tarólogos da pesquisa, como já debatemos nas análises dos discursos das entrevistas e as observantes participantes em campo apresentam concepções distintas e ao mesmo tempo, bastante semelhantes acerca do que compreendem sobre a intuição no instante em que abrem as cartas de Tarô. Distinguem-se pela questão do papel da intuição na leitura do jogo, ao que concerne à técnica de leitura da simbologia arquetípica de cada carta, que em sua maioria é aprendida por meio do estudo simbólico dos Arcanos e das disposições das lâminas durante o jogo.

Para uns (embora tenham estudado, participado de cursos sobre as técnicas de leitura do Tarô), a intuição ainda se sobrepõe à técnica, ou seja, a intuição é mais relevante do que as horas de estudo das gravuras e seus significados dentro do jogo. Sendo para estes, até mesmo, a intuição, faculdade adquirida por intermédio de forças espirituais. Todavia, para outros, a intuição é caracterizada como acessório puramente mental (sem qualquer intervenção do sobrenatural) e particular ao leitor do jogo, o tarólogo. E, é adquirida por meio de sua dedicação

¹²⁶ Intocável (Grifo da autora).

¹²⁷ Ver Introdução.

e às imprescindíveis horas de estudo.

Nesse aspecto, o estudo é ponto de semelhança entre estes tarólogos da pesquisa. Logo, a intuição, com distintos entendimentos, é sim, fator presente nas leituras do baralho de Tarô e ainda, podendo ser compreendida e denominada nesse jogo, como sendo a Percepção extrassensorial presente na abertura das cartas. Parte da hipótese desta nossa pesquisa.

No que diz respeito ao campo das Práticas Integrativas e Complementares, a utilização do Tarô enquanto instrumento terapêutico (mesmo que ele já seja ferramenta de trabalho de muitos tarólogos, sobretudo, os que além de tarólogos também são terapeutas holísticos), ainda precisa de um caminho de análises e comprovações a ser percorrido. É necessário que o Tarô, como instrumento terapêutico das PICS, comece de fato a ser trazido para o campo das discussões científicas, pois, se trata de um objeto arraigado de história secular, uma vez que o baralho de cartas do Tarô é parte de várias culturas.

Além de místico, o Tarô carrega na sua simbologia arquetípica um universo de possibilidades nas mais diversas áreas do conhecimento científico a respeito do inconsciente humano, abre, portanto, portas em busca do autoconhecimento, e com isto, de agregação das dimensões que constituem o Ser. Pressuposto intrínseco das Práticas Integrativas e Complementares, que objetivam a saúde e o bem-estar de indivíduos. Quiçá, com isso, acenando à possibilidade de um reconhecimento dentro do rol das terapias integrativas reconhecidas e previstas em Lei, pelo Ministério da Saúde e assim, ofertadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), em atendimentos realizados pelos tarólogos/terapeutas holísticos.

Nesse sentido, vale lembrarmos que o Tarô já é, desde 2002, reconhecido como ofício, pelo próprio Ministério do Trabalho. Com tudo isso, percebemos que há um longo caminho a ser percorrido. Muita estrada à frente! As cartas foram lançadas e a “Jornada dos Arcanos”, para a utilização e reconhecimento do Tarô como Prática Integrativa e Complementar está só começando. Sigamos, portanto, mais adiante, com novas pesquisas!

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	–	Tarot de Visconti Sforza, séc. XV.
Figura 02	–	Tarot de Charles VI, conservadas na Biblioteca Nacional de França, que parecem datar da segunda metade do séc. XV.
Figura 03	–	Tarot de Marseille, Jean Dodal (France, 1701).
Figura 04	–	Le Fol, Jean Dodal (France, 1701).
Figura 05	–	O Louco.
Figura 06	–	Le Mat, Edição Millennium (2013).
Figura 07	–	Le Bateleur, Jean Dodal (France, 1701).
Figura 08	–	Maestro João Carlos Martins (2019).
Figura 09	–	A Sacerdotisa (Nei Naiff e Thais Linhares)
Figura 10	–	Tarô italiano de Visconti Sforza (1450).
Figura 11	–	Tarô francês de Catelin Geoffroy (1557).
Figura 12	–	Tarô de Marselha-Camoin (1750).
Figura 13	–	Tarô de Oswald Wirth (França, 1912).
Figura 14	–	Lilith: mulher, serpente, demônio e mito.
Figura 15	–	L'empereuer, Jean Dodal.
Figura 16	–	L'empereuer e L'imperatrice.
Figura 17	–	Le Pape, Jean Dodal.
Figura 18	–	Le Pape, Phillipe Camoin. (Marselha, 1750).
Figura 19	-	L'amoureux, Phillipe Camoin (Marselha, 1750).
Figura 20	-	Os Namorados, Tricia Newell.
Figura 21	-	O Carro em tarôs clássicos: sem letras no escudo da carruagem – Jacques Vieville (1650) – e com letras IN no Jean Noblet (1650), VT no Nicolas Convert (1760) e FT no François Tourcaty (1800).
Figura 22	–	A Justiça, Matteo Amadei Tarocchi, Tarot of Marseille 8 - La Justice Copyright Kevin Meunier.
Figura 23	–	Diké, a deusa grega da Justiça.
Figura 24	–	A Justiça, Catedral de Bamberg (1237).
Figura 25	–	O Eremita no Tarô de Marselha. Restaurado por Camoin-Jodorowsky.

Figura 26	–	Sadhu.
Figura 27	–	La Roue de Fortune, Nicolas Cover (1760).
Figura 28	–	A Roda da Fortuna, Século XV (BnF, 1098).
Figura 29	–	La Force, Phillipe Camoin (Marselha, 1750).
Figura 30	–	Hércules estrangulando o leão de Nemeia. Detalhe de um mosaico romano da Llíria (Espanha) 201-250 AD.
Figura 31	–	Le Pendu, Phillipe Camoin (Marselha, 1750).
Figura 32	–	Crucificação de Pedro. Afresco de Filippino Lippi (1457-1504), na Cappella Brancacci, Florença, Italia.
Figura 33	–	La Morte, Phillipe Camoin (Marselha, 1750).
Figura 34	–	La Mort (A Morte), Tarô Jean Noblet (1650).
Figura 35	–	Santa Muerte.
Figura 36	–	Temperance.
Figura 37	–	Temperance (Rider-Waite).
Figura 38	–	Le Diable.
Figura 39	–	O Diabo.
Figura 40	–	La Maison Diev.
Figura 41		Torre de Babel – Civilização da Babilônia.
Figura 42	–	Ilustração retrata os três reis magos seguindo a estrela rumo a Belém (Foto: Inspirational flickr).
Figura 43	–	A Estrela no Tarô de Marselha (1750) restaurado por Kris Hadar.
Figura 44	–	La Lune (Camoin, 1750).
Figura 45	–	La Luna. Tarô italiano de 1835 (Carlo de Dellaroca – Milão).
Figura 46	–	Deusa Hécate.
Figura 47	–	Le Soleil.
Figura 48	–	Os Dióscuros.
Figura 49	–	Juízo Final – Michelangelo.
Figura 50	–	O Julgamento (Camoin, 1750).
Figura 51	–	Samuel Wanjiru (maratonista).
Figura 52	–	Le Monde (Marteau, 1931).

- Figura 53 – Quadro comparativo Racionalidades Médicas (LUZ, 2011).
- Figura 54 – Revista Planeta, nº 19, p. 66. Março de 1974. Ed. Três, São Paulo.
- Figura 55 – Revista Planeta (1989).
- Figura 56 – Palestra realizada em 2008, no 17º Encontro da Nova Consciência, em Campina Grande (PB).
- Figura 57 – Ong Nova Consciência – Carnaval do Tarô (2021).
- Figura 58 – Taróloga Mônica.
- Figura 59 – Taróloga Patrícia.
- Figura 60 – Tarólogo Marlon.
- Figura 61 – Taróloga Mônica e Consulente 1.
- Figura 62 – Cartas Fechadas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MT	Medicinas Tradicionais.
MTC	Medicina Tradicional Chinesa.
PICS	Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares.
UFPB	Universidade Federal da Paraíba.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARANHA, Roberta Heinemann de Souza. **Os arcanos maiores do Tarô e a pintura simbolista do séc. XIX: uma visão interpretativa da correlação arquetípica**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes da UNICAMP, Campinas-SP, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284920>. Acesso em: 26 fev. 2018.

ASTROCENTRO. **Deusa Hécate**. Disponível em: Deusa Hécate: Tudo sobre sua fascinante história e seu poder (astrocentro.com.br). Acesso em: 23 mar. 2021.

BARTLETT, Sarah. **A Bíblia do tarô: o guia definitivo das tiragens e do significado dos arcanos maiores e menores**. (Tradução Eddie Van Feu e Patrícia Balan). São Paulo-SP: Pensamento, 2011.

BEM-DOV, Yoav. **O tarô de Marselha revelado: um guia completo para o seu simbolismo, significados e métodos**. (Tradução Denise de Carvalho Rocha). São Paulo-SP: Editora Pensamento, 2020.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. 141. ed. (Impressão 2001). São Paulo-SP: Editora Ave Maria, 1959,

BOÉCIO, A **Consolação da Filosofia**. In: Farofa Filosófica. Disponível em: <https://farofafilosofica.com/2018/01/11/boecio-a-consolacao-da-filosofia-livro-em-pdf-para-download/#:~:text=A%20consola%C3%A7%C3%A3o%20da%20filosofia%20%C3%A9%20uma%20obra%20escrita,transi%C3%A7%C3%A3o%20entre%20o%20Cristianismo%20Medieval%20e%20o%20Renascimento>. Acesso em: 06 out. 2020.

BOTSARIS, Alexandros. A ciência médica – um modelo obsoleto? In: PELIZZOLI, Marcelo (Org.). **Saúde em novo paradigma. Alternativas ao modelo da doença**. Recife-PE: Editora Universitária da UFPE, 2011, p.63-108.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 702, de 21 de março de 2018. Altera a Portaria de Consolidação n.2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/guest/mater>

ia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/7526450/do1-2018-03-22-portaria-n-702-de-21-de-marco-de-2018-7526446. Acesso em: 11 mar. 2022.

BRAZ, Ana Lúcia Nogueira. Origem e significado do amor na mitologia greco-romana. **Estud. psicol. (Campinas)** [on-line]. 2005, vol. 22, n. 1, p. 63-75. ISSN 1982-0275. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000100008>. Acesso em: 04 set. 2020.

CAMPBELL, Joseph (1904-1987). MOYERS, Bill; FLOWERS, Betty Sue (Org.) **O poder do mito.** (Tradução de Carlos Felipe Moisés). São Paulo-SP: Palas Athena, 1990. Disponível em: http://gepai.yolasite.com/resources/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf. Acesso em: 23 mai. 2022.

CAVALCANTI, Fernanda Pinheiro. **A espiritualidade nas práticas integrativas:** analisando discursos de participantes. 1. ed. João Pessoa-PB: Libellus, 2018.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (CBO) / MINISTÉRIO DO TRABALHO. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 28 set. 2021.

CONSTITUTION OF THE WORLD HEALTH ORGANIZATION. Disponível: <http://apps.who.int/gb/bd/PDF/bd47/EN/constitution-en.pdf>. Acesso em: 15 fev 2018.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. (Tradução de Magda Lopes). Consultoria, supervisão e revisão técnica: Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa:** escolhendo entre cinco abordagens. (Tradução de Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva). Porto Alegre: Penso, 2014.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 849, de 27 de março de 2017.** Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servl et/INPDFViewer?jornal=1&pagina=68&data=28/03/2017&captchafield=firistAccess>. Acesso em: 21 out. 2021.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Dióscuro.** Disponível em: Significado de dioscuro: Dioscuros eram deuses gêmeos cujo culto se originou em Esparta e difun... (dicionarioinformal.com.br). Aceso em: 25 mar. 2021.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. (Tradução de Rogério Fernandes). 1. ed. São Paulo-SP: Martins Fontes Editora, 1992.

ESPÍRITO SANTO, Olives Marcondes do. **O tema do amor Ágape, Eros e Philia em poemas de Delminda Silveira e Auta de Souza.** 2011. 198f. Mestrado (Dissertação). PPG em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina - SC, 2011.

Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95207/298313.pdf> ?sequence=1.
 Acesso em: 09 set. 2020.

FAVRET-SAAD, J. Ser afetado, de Jeanne Favret-Saad. São Paulo-SP: **Revista Cadernos de campo**, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: (<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>). Acesso em: 13 jan. 2022.

FEITOSA, Vera Cristina Rodrigues. A produção de textos e o Tarô. **Revista Idioma**, Rio de Janeiro-RJ, n. 27, 2º Semestre de 2014, p. 103-126, dez. 2014. ISSN 2317-5400. Disponível em: http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/27/Idioma27_completa.pdf#page=10>. Acesso em: 16 jul. 2020.

FERREIRA NETTO, Maura Silva. **Tarô, uma jornada arquetípica**. 2016. 43 f. (TCC). Pós-Graduação - Universidade Vicentina e CLASI - Centro Latino Americano de Saúde Integral, Curitiba-PA, 2016. Disponível em: https://www.clasi.org.br/media/user/downloads/maura-silvia-ferreira-netto_w3.pdf. Acesso em: 25 fev. 2018.

FERREIRA, Renata Shirley da Silva. **Reiki: uma abordagem do ponto de vista das emoções**. João Pessoa-PB: Libellus Editorial, 2018.

FIALHO, Francisco. **Tipologias e arquétipos: a psicologia profunda como base para uma hermenêutica**. Florianópolis: Insular, 2014.

FIGUEIRA, Jussara Paraná Sanches et al. Verbi – o idioma do caos: línguas, linguagens e a psique Junguiana em cena. **Revista Memorare**, [S.l.], v. 3, n. 3, p. 142-160, dez. 2016. ISSN 2358-0593. Disponível em: http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/4374/2941. Acesso em: 21 fev. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. 3. ed. São Paulo-SP: Martins Fontes, 2014.

GASPARETTO JUNIOR, Antônio. Torre de Babel. In: **InfoEscola**. Disponível em: Torre de Babel - Civilização da Babilônia – InfoEscola. Acesso em: 25 fev. 2021.

GODO, Carlos. **O tarô de Marselha**. 2. ed. São Paulo-SP: Editora Pensamento, 2020.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 6. ed. Campinas-SP. Editora Alínea, 2018.

GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro**. (Coleção temas do ensino religioso). São Paulo-SP: Paulinas, 2006.

HENDERSON, Joseph L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, Carl G. **O Homem**

e seus Símbolos. Concepção e organização Carl G. Jung. (Tradução de Maria Lúcia Pinho). 3. ed. Rio de Janeiro-RJ: Harper Collins Brasil, 2016. p. 133-206.

HOUDOUIN, Wilfried. **O código sagrado do tarô:** a redescoberta da natureza original do Tarô de Marselha. (Trad. Olga Sérvulo). São Paulo-SP: Pensamento, 2013.

HUDU. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hudu>. Acesso em: 11 de jan. de 2022.

JESUS EC, Nascimento M. J. P. Florais de Bach: uma medicina natural na prática. **Revista Enferm. UNISA**. 2005. 6: 32-7. Disponível em: <https://www.ufjf.br/proplamed/files/2013/01/2005-05.pdf>. Acesso em: 13 de out. 2021.

JODOROWSKY, Alejandro; COSTA, Marianne. **O caminho do tarot.** (Tradução de Alexandre Barbosa de Souza). São Paulo-SP: Editora Campos, 2016.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente.** (Trad. Maria Luiza Appy). Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo.** (Trad. Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva). 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia.** 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos.** 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **Sincronicidade.** 18. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

JUNG, C. G. **Espiritualidade e Transcendência.** (Tradução da introdução de Nélcio Schneider. Seleção e edição de Brigitte Dorst). Petrópolis-RJ, Vozes, 2015.

JUNG, C. G. et al. **O homem e seus símbolos.** Concepção e organização Carl G. Jung. (Trad. Maria Lúcia Pinho). 3. ed. Rio de Janeiro-RJ: Harper Collins Brasil, 2016.

LOUIS, Anthony. **O livro completo do tarô:** um guia prático de referências cruzadas com a cabala, numerologia, psicologia jungiana, história, origens, os vários tipos de tarô e muito mais. (Tradução Marcelo Brandão Cipolla). São Paulo-SP: Editora Pensamento, 2019.

LUZ, Daniel. Medicina Tradicional Chinesa, racionalidade médica. In: NASCIMENTO, M. C. (Org.). **As duas faces da montanha:** estudos sobre medicina chinesa e acupuntura. São Paulo-SP: Hucitec, 2006. p. 83-139.

LUZ, Madel T.; BARROS, Nelson F. de (Org.). **Racionalidades Médicas e Práticas Integrativas em Saúde:** estudos teóricos e empíricos. 1. ed. Rio de Janeiro-RJ: Cepesc, 2012.

MICHELANGELO. **Juízo Final**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ju%C3%ADzo_Final_\(Michelangelo\)#:~:text=O%20Dia%20do%20Ju%C3%ADzo%20Final,Final%20inspirada%20na%20narrativa%20b%C3%ADblica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ju%C3%ADzo_Final_(Michelangelo)#:~:text=O%20Dia%20do%20Ju%C3%ADzo%20Final,Final%20inspirada%20na%20narrativa%20b%C3%ADblica). Acesso em: 12 abr. 2021.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura**. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREL, Corinne. **Tarô psicológico para iniciantes: como utilizar a sabedoria do Tarô de Marselha para conhecer a si mesmo e os outros**. São Paulo-SP: Pensamento, 2018.

NADOLNY, I. **História do tarô: um estudo completo sobre suas origens, iconografia e simbolismo**. (Tradução Luciana S. da Silva). 1. ed. São Paulo-SP: Editora Pensamento, 2022.

NAIFF, Nei. **Tarô, Ocultismo e Modernidade: uma visão para o século XXI**. 3. ed. São Paulo-SP: Elevação, 2002.

NAIFF, Nei. **Tarô: simbologia e ocultismo**. 2. ed. Rio de Janeiro-RJ: Nova Era, 2015.

NAIFF, Nei. **Tarô: vida e destino**. 3. ed. Rio de Janeiro-RJ: Nova Era, 2017.

NAIFF, Nei. **Tarô: oráculo e métodos**. Vol. 3. Editora Alfabeto. 2. ed. São Paulo-SP, 2019.

NAIFF, Nei. **Curso completo de Tarô**. 12. Ed. São Paulo-SP: Editora Alfabeto, 2020.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô: uma jornada arquetípica**. Introdução: Laurens van der Post. (Trad. Octavio Mendes Cajado). São Paulo-SP: Cultrix, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2020.

OPENBRASIL.ORG. **Os Dióscuros**. Mitologia Grega. Disponível em: [Mitologia Grega: Os dióscuros \(openbrasil.org\)](http://MitologiaGrega.Osdioscuros.openbrasil.org). Acesso em: 25 Mar. 2021.

PARISSE, Florian. **Tarô de Marselha: a jornada do autoconhecimento**. Guia do usuário para tiragens e interpretações. (Tradução Karina Jannini). São Paulo-SP: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

PÊCHEUX, Michel. Ler, Descrever, Interpretar. In: PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2015.

PELIZZOLI, Marcelo. **Saúde em novo paradigma**: alternativas ao modelo da doença. Recife-PE: Editora Universitária da UFPE, 2011.

PENNA, Eloisa M. D. Pesquisa em psicologia analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **Bol. Psicol.** São Paulo-SP, v. 57, n. 127, p. 127-138, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432007000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 fev. 2018.

PLACE, Robert M. **Alquimia e tarô**: uma investigação de suas conexões históricas. (Tradutora Petrucia Finkler). São Bernardo do Campo: Presságio, 2016.

POSSEBON, Fabrício. Espiritualidade e saúde: a experiência grega arcaica. In: POSSEBON, Elisa Gonsalves; POSSEBON, Fabrício. **Ensaio sobre espiritualidade, emoções e saúde**. (Orgs.). João Pessoa-PB: Libellus, 2017. p. 11-34.

POSSEBON, Fabrício. Apêndice: algumas evidências sobre a possível materialidade dos constituintes do ser. In: POSSEBON, Elisa Gonsalves; POSSEBON, Fabrício. (Orgs.). **Ensaio sobre espiritualidade, emoções e saúde**. João Pessoa-PB: Libellus, 2017. p. 35-42.

POSSEBON, Fabrício. Espiritualidade e saúde: a experiência grega arcaica. **Interações**. Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 115-128, dez. 2016. ISSN 1983-2478. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/P.1983-2478.2016v11n20p115>. Acesso em: 14 fev. 2018.

POSSEBON, Fabrício; CAVALCANTI, Fernanda P. Da percepção extrassensorial ao Tarô como recurso terapêutico: um olhar fenomenológico. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 35, nº 1, p. 227-241, Jan.-Abr. 2020. Disponível em: Da Percepção Extrassensorial ao Tarô como Recurso Terapêutico: Um olhar fenomenológico | Possebon | Revista Encontros Teológicos (emnuvens.com.br). Acesso em: 14 jan. 2021.

PAIVA, L. P. C. de; RASERA, E. F. O uso das cartas terapêuticas na prática clínica. **Psicol. clínica**. Rio de Janeiro-RJ, v. 24, n. 1, p. 193-207, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 abr. 2021.

ROCHA, F. R. Q. A. **Lilith negra**: Símbolos culturais em um debate intersemiótico. 2018. 201f. (Dissertação) Mestrado. PPG em Ciênc. das Religiões (UFPB). João Pessoa-PB, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13331>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ROHR, F. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2013.

ROHR, Ferdinand. Espiritualidade e formação humana. **Revista Poiésis**. Universidade do Sul

de Santa Catarina. Santa Catarina. v. 4, nº. Esp. 2011. Disponível em: <http://www.portal.deperiodicos.unisul.br/index.php/Poesis/article/view/748>. Acesso em: 18 fev. 2018.

SANTA ROSA JÚNIOR, C. A. R. **Cartas Marcadas**: Multimodalidade discursiva e Transitividade em baralhos de tarô. 2010. 121f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/xm-lui/bitstream/handle/123456789/7673/arquivo454_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 22 fev. 2018.

SANTOS, Marcelo Ribeiro. **Tarô de Marselha**: o rosto divino. 2018. 290f. (Tese) Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Repositório UNICAMP. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REP_OSIP/33211_7/1/Santos_MarceloRibeiroDos_D.pdf. Acesso em: 12 jun. 2020.

SCARABEO, Lo. **O antigo tarô de Marselha**. (Tradução de Zilda Hutchinson Schild Silva. 2. ed. São Paulo-SP: Editora Pensamento, 2019.

SHARMAN-BURKE, Juliet; GREENE, Liz. **O Tarô Mitológico**. (Trad. Fulvio Lubisco). São Paulo-SP: Madras, 2018.

TAVARES, F. R. G. Tornando-se tarólogo: percepção 'racional' versus percepção 'intuitiva' entre os iniciantes no tarot no Rio de Janeiro. **Numem (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 97-123, 1999.

SOUZA, Kelma A. M. de. **Do Tarô Europeu Medieval ao Tarô no Brasil Contemporâneo**: Simbologia e Espiritualidade Através da Evolução Imagética. Universidade Metodista de São Paulo. XI Conferência Brasileira de Comunic. Eclesial. Centro Universitário Adventista de São Paulo, p. 1-14, ago. 2016. Disponível em: <https://portal.metodista.br/eclesiocom/edicoes-antiores/2016/arquivos/do-taro-europeu-medieval-ao-taro-no-brasil-contemporaneo-simbologia-e-espiritualidade-atraves-da-evolucao-imagetica>. Acesso em: 08 set. 2021.

TESSER, Charles Dalcanale. Práticas complementares, racionalidades médicas e promoção da saúde: contribuições pouco exploradas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro-RJ, v. 25, n. 8, p. 1732-1742, ago. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2009000800009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 ago. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009000800009>.

WEBER, Courtney. **A arte de ler o tarô para si mesmo**: autoconhecimento, metodologia e prática. (Tradução Euclides Luiz Calloni). São Paulo: Editora Pensamento, 2020.

REFERÊNCIAS (FIGURAS)

A ESTRELA DE BELÉM. Ilustração retrata os três reis magos seguindo a estrela rumo a Belém (Foto: Inspirational | flickr). Disponível em: Estrela de Belém pode ter sido fenômeno parecido com o que ocorre nos céus hoje - **Revista Galileu** | Espaço (globo.com). Acesso em: 10 mar. 2021.

A JUSTIÇA, Matteo Amadei Tarocchi, Tarot of Marseille 8 - **La Justice**. Copyright Kevin Meunier. Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/470485492328232986/?nic_v2=1a5Vra8T9. Acesso em: 23 set. 2020.

A JUSTIÇA, Catedral de Bamberg (1237). **A Justiça** Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_08_justica.asp. Acesso em: 23 set. 2020.

A PAPISA. Tarô francês Catelin Geoffroy (1557). **A Papisa**. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_02_Papisa_ClaudiaHaury.asp. Acesso em: 12 ago. 2020.

A PAPISA. Tarô italiano Visconti Sforza (1450). **A Papisa**. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_02_Papisa_ClaudiaHaury.asp. Acesso em: 12 ago. 2020.

A RODA DA FORTUNA, Boèce, **A Consolação da Filosofia**, II, 1, 9-19. (Trad. J.-Y. Guillaumin). Paris, Les Belles Lettres, 2002, p. 40-41. Disponível em: <https://www.3x7.org/fr/29-les-vicissitudes-de-la-roue-premiere-partie/>. Acesso em: 28 set. 2020.

A SACERDOTISA. Nei Naiff e Thais Linhares. Disponível em: <http://www.clubedotaro.com.br/site/galerias/Nei.asp>. Acesso em: 13 ago. 2020.

CRUCIFICAÇÃO DE PEDRO. Afresco de Filippino Lippi (1457-1504), na Capela Brancacci, Florença, Itália. **Crucificação de Pedro**. Disponível em: O Pendurado ou O Enforcado - Clube do Tarô - Tarot (clubedotaro.com.br). Acesso em: 25 nov. 2020.

DEUSA HÉCATE. Disponível em: Deusa Hécate: TUDO sobre sua fascinante história e seu poder (astrocentro.com.br). Acesso em: 23 mar. 2021.

DIKÉ, a deusa grega da Justiça. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_08_justica.asp. Acesso em: 23 set. 2020.

CARTAS FECHADAS. Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/baralho-de-tar%C3%B4-fechado-sobre-fundo-preto-tarot-image193123163>. Acesso em: 11 mar. 2022.

JUÍZO FINAL. Michelangelo. Disponível em: <https://www.astroxaman.com/o-julgamento-o-arcan-o-xx/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

L'AMOUREUX. Phillipe Camoin. (Marselha, 1750). **L'amoureux**. Disponível em:

http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_06_enamorado.asp. Acesso em: 02 set. 2020.

LA FORCE. Phillipe Camoin. (Marselha, 1750). **La Force**. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_11_forca.asp. Acesso em: 09 out. 2020.

LA LUNA. Tarô italiano de 1835 (Carlo de Dellaroca – Milão). **La Luna**. Disponível em: A Lua - Clube do Tarô - Tarot (clubedotaro.com.br). Acesso em: 19 mar. 2021.

LA LUNE. (Camoin, 1750). **La Lune**. Disponível em: A Lua - Clube do Tarô - Tarot (clubedotaro.com.br). Acesso em: 19 mar. 2021.

LA MAISON DIEV. Phillipe Camoin. (Marselha, 1750). **La Maison Diev**. Disponível em: Clube do Tarô - Tarot e linguagens simbólicas (clubedotaro.com.br). Acesso em: 25 fev. 2021.

LA MORTE, Phillipe Camoin. (Marselha, 1750). **La Morte**. Disponível em: 13 - A Morte - Clube do Tarô - Tarot (clubedotaro.com.br). Acesso em: 02 fev. 2021.

LA MORT (A Morte), Tarô Jean Noblet (1650). **La Mort**. Disponível em: 13 - A Morte – Clube do Tarô - Tarot (clubedotaro.com.br). Acesso em: 02 fev. 2021.

LA ROUE DE FORTUNE, Nicolas Cover (1760). **La Roue de Fortune**. Disponível em: <https://www.3x7.org/fr/29-les-vicissitudes-de-la-roue-premiere-partie/>. Acesso em: 28 set. 2020.

LE BARTELEUR. Jean Dodal (France, 1701). **Le Barteleur**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Mago_\(tar%C3%B4\)#/media/Ficheiro:Jean_Dodal_Tarot_trump_01.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Mago_(tar%C3%B4)#/media/Ficheiro:Jean_Dodal_Tarot_trump_01.jpg). Acesso em: 11 ago. 2020.

LE DIABLE. **Le Diable**. Disponível em: O Diabo, The Devil, Le Diable. Clube do Tarô - Tarot (clubedotaro.com.br). Acesso em: 21 fev. 2021.

LE FOU. Jean Dodal (France, 1701). **Le Fou**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/File:Jean_Dodal_Tarot_trump_Fool.jpg. Acesso em: 02 jul. 2020.

LE IMPERATRICE. Phillipe Camoin. (Marselha, 1750). **Le Imperatrice**. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_03_imperatriz.asp. Acesso em: 19 ago. 2020.

LE MAT. Wilfried Houdouin. In: **O Código Sagrado do Tarô: a redescoberta da natureza original do Tarô de Marselha**. (Trad. Olga Sérvulo). São Paulo-SP: Pensamento, 2013.

LE MONDE. Paul Marteau. (France, 1931). **Le Monde**. Editora Grimaud. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_21_mundo.asp. Acesso em: 15 abr. 2021.

LE SOLEIL. Disponível em: O Sol - Arcano XIX - Clube do Tarô - Tarot (clubedotaro.com.br). Acesso em: 25 mar. 2021.

LILITH: mulher, serpente, demônio e mito. Disponível em: <https://www.mitografias.com.br/2016/07/lilith-mulher-serpente-demonio-mito-uma-analise-de-arquetipos-femininos-nas-lendas-judaicas-e-no-cristianismo/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

L'EMPEREUEUR, Jean Dodal (France, 1701). **L'Empereuer**. Disponível em: <http://www.tarot-history.com/Jean-Dodal/>, Domíniopúblico, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=4680517>. Acesso em: 25 ago. 2020.

L'EMPEREUEUR e L'IMPERATRICE. Disponível em: <https://osegreto.com.br/os-arcanos-do-tarot-e-os-sete-chakras/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

L'IMPERATRICE. Oswald Wirth (França, 1912). **L'Imperatrice**. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_03_imperatriz.asp. Acesso em: 19 ago. 2020.

LE PAPE, Jean Dodal (France, 1701). **Le Pape**. Disponível em: <http://www.tarot-history.com/Jean-Dodal/>, Domíniopúblico, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=4687403>. Acesso em: 26 ago. 2020.

LE PAPE. **Le Pape**. Disponível em: Phillipe Camoin. (Marselha, 1750). http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_05_papa.asp. Acesso em: 31 ago. 2020.

LE PENDU. **Le Pendu**. Disponível em: Phillipe Camoin. (Marselha, 1750). O Pendurado ou O Enforcado - Clube do Tarô - Tarot (clubedotaro.com.br). Acesso em: 25 nov. 2020.

LEÃO DE NEMEIA. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Le%C3%A3o_de_Nemeia#/media/Ficheiro:Mosaico_Trabajos_H%C3%A9rcules_\(M.A.N._Mdrid\)_01.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Le%C3%A3o_de_Nemeia#/media/Ficheiro:Mosaico_Trabajos_H%C3%A9rcules_(M.A.N._Mdrid)_01.jpg). Acesso em: 09 out. 2020.

MAESTRO JOÃO CARLOS MARTINS. Disponível em: <https://pedefigo.com/maestro-joao-carlos-martins-rege-orquestra-em-concerto-gratuito-no-teatro-castro-mendes/>. Set. 2019. Acesso em: 11 ago. 2020.

O CARRO em tarôs clássicos: sem letras no escudo da carruagem – Jacques Vieville (1650) – e com letras IN no Jean Noblet (1650), VT no Nicolas Convert (1760) e FT no François Tourcaty (1800). **O Carro**. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_07_carro.asp. Acesso em: 16 set. 2020.

O DIABO. Juliet Sharman-burke e Liz Greene. **O Tarô Mitológico**. (Trad. Fulvio Lubisco). São Paulo-SP: Madras, 2018, p. 83.

OS DIÓSCUROS. Disponível em: Mitologia Grega: Os dióscuros (openbrasil.org). Acesso em: 25 mar. 2021.

O EREMITA no Tarô de Marselha. Restaurado por Camoin-Jodorowsky. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_09_Eremita_Cristina_Guedes.asp. Acesso em: 24 set. 2020.

O JULGAMENTO. (Camoin, 1750). **O Julgamento.** Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_20_julgamento.asp. Acesso em: 07 abr. 2021.

O LOUCO. Disponível em: <https://leonardogtc.wordpress.com/simbologia/taro/o-louco/>. Acesso em: 03 jul. 2020.

ONG NOVA CONSCIÊNCIA – Carnaval do Tarô (2021). **Ong Nova Consciência.** Disponível em: https://www.facebook.com/novaco_nsciencia/photos/a.406892939476183/1846200702212059/?type=3&theater. Acesso em: 20 set. 2021.

Palestra realizada em 2008, no **17º ENCONTRO DA NOVA CONSCIÊNCIA**, em Campina Grande-PB. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/marcelozephyrus/tarot-vida-e-relacionamento>. Acesso em: 20 set. 2021.

REVISTA PLANETA, nº 19, p. 66. Março de 1974. ed. 3. São Paulo-SP. In: NAIFF, Nei. **Tarô, Ocultismo e Modernidade:** uma visão para o século XXI. 3. ed. São Paulo-SP: Elevação, 2002.

REVISTA PLANETA, 1989. (Foto da Capa). **Revista Planeta.** Disponível em: <https://www.enjoei.com.br/p/revista-planeta-edicao-tarot-21470946>. Acesso em: 20 Set. 2021.

SAMUEL WANJIRU (maratonista). **Samuel Wanjiru.** Disponível em: http://corce.org/wanjiru_morte15mai2011.html. Acesso em: 21 abr. 2021.

SANTA MUERTE. Disponível em: Santa Muerte – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org). Acesso em: 02 fev. 2021.

SHDHU. Disponível em: https://pt.dreamstime.com/fotografia-editorial-sadhu-hindu-velho-image43234592#_. Acesso em: 25 set. 2020.

TAROT DE CHARLES VI, conservadas na Biblioteca Nacional de França, que parecem datar da segunda metade do séc. XV. **Tarot de Charles VI.** Origens do Tarô: referências históricas do séc. XIV. In: Clube do Tarô. Disponível em: http://www.clubedotaro.com.br/site/h22_1_origens.asp Acesso em: 13 mai. 2020.

TAROT DE MARSEILLE. Jean Dodal (France, 1701). **Tarot de Marseille.** Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/499477414925754222/>. Acesso em: 02 jun. 2020.

TARÔ DE MARSELHA (1750). **A Estrela.** restaurado por Kris Hadar. Disponível em: A Estrela - Clube do Tarô - Tarot (clubedotaro.com.br). Acesso em: 10 mar. 2021.

TAROT DE VISCONTI SFORZA, SÉC. XV. Disponível em: <http://psicoterapeutaholisticandreiakorazza.blogspot.com/2013/04/atendimento-com-taro-terapeutico.html>. Acesso em: 29 jul. 2020.

TEMPERANCE. Jean Dodal (France, 1701). **Temperance**. Disponível em: <http://www.tarot-history.com/Jean-Dodal/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

TEMPERANCE. (Rider-Waite). **Temperance**. Disponível em: 14. Temperança: Rider-Waite – Tarot Descomplicado. Acesso em: 14 fev. 2021.

TORRE DE BABEL – CIVILIZAÇÃO DA BABILÔNIA. Disponível em: Torre de Babel - Civilização da Babilônia – **InfoEscola**. Acesso em: 25 fev. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

INSTRUMENTAL DE PESQUISA 1

TARÓLOGO (PARTE 1)

- 1 – Há quanto tempo você atua como tarólogo (a)? Conte-nos como foi iniciado (a).
- 2 – Você já fez curso ou cursos de Tarô? Caso sim, qual ou quais, e há quanto tempo?
- 3 – Qual o Tarô (s) ou baralho (s) específico (s) que utiliza nas consultas?
- 4 – Caso tenha participado de algum curso (ou cursos), você utiliza a técnica ou técnicas aprendidas, no momento em que trabalha com as cartas?
- 5 – Qual a duração em média de um jogo de Tarô?
- 6 – Sente o aspecto intuitivo presente no jogo? Ou o seu trabalho com o Tarô é puramente técnico?
- 7 – Na abertura das cartas, você pede a “ajuda” de alguma “entidade espiritual”? Ou é exclusivamente você que faz a leitura?
- 8 – Você tem alguma sensação física, como: tremores, arrepios, suor, palpitações, e etc., no instante da leitura?
- 9 – Ao ver as cartas que são tiradas pelo consulente, você faz alguma conexão mental entre os símbolos dos Arcanos Maiores, com dados que lhe vem à cabeça naquele exato instante do jogo?
- 10 – Você trabalha dentro de uma perspectiva terapêutica, ou divinatória com as cartas? Caso seja terapêutica, qual abordagem utilizada?
- 11 – Se trabalhar com o jogo voltado à prática terapêutica, você analisa que o Tarô pode ser utilizado como recurso às Práticas Integrativas e Complementares (PICS)?

APÊNDICE 2 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**INSTRUMENTAL DE PESQUISA 2****TARÓLOGO (PARTE 2)**

O que você pensa ou sente no instante em que desvira as cartas, e faz uma pausa antes de começar a falar sobre as cartas tiradas no jogo?

APÊNDICE 3 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**INSTRUMENTAL DE PESQUISA 3****CONSULENTE**

Para você como consulente qual foi a sua percepção acerca do que foi falado pela taróloga a respeito das cartas que foram tiradas no jogo?

SOBRE A AUTORA

Fernanda Pinheiro Cavalcanti é Doutora em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (2022) e Mestre em Ciências das Religiões pela mesma instituição (2018).

Graduada em Pedagogia, com Área de Aprofundamento em Supervisão e Orientação Escolar pela UFPB (2008), possui especializações em Psicopedagogia (2010) e Naturologia e Terapias Holísticas (2016), atuando também como Terapeuta Holística.

É Professora efetiva da Secretaria de Educação do Município de João Pessoa desde 2011 e, atualmente, exerce a função de Chefe da Seção de Apoio aos Servidores Readaptados da Secretaria de Educação de João Pessoa, desde 2023. Atua como Professora Avaliadora Externa na Universidade Enber, desde 2022.

Possui experiência no Ensino Superior, tendo ministrado as disciplinas “Racionalidades Médicas” e “Espiritualidade e Saúde” no Instituto de Educação Superior da Paraíba (IESP), entre 2019 e 2020. Foi Tutora a Distância da Universidade Aberta do Brasil (2015–2019), atuando nas áreas de Política Educacional, Ciências Sociais na Educação Infantil e Ensino Fundamental e Antropologia Cultural. Também integrou a equipe editorial da Revista *Religare* entre 2018 e 2019.

Sua trajetória acadêmica e profissional concentra-se nas áreas de Educação, Ciências das Religiões, Saúde, Espiritualidade, Psicopedagogia e Terapias Integrativas, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa, gestão educacional e formação docente.



CADERNOS DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Objetivam “divulgar a produção científica desenvolvida pelo NEEMOC, proporcionando maior intercâmbio entre a Universidade e a sociedade” (Res. Nº 24/2017, CONSEPE).

CENTRO DE EDUCAÇÃO

Diretora

Adriana Valéria Santos Diniz

Vice-Diretor

Valter Ferreira Rodrigues

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Coordenadora

Marilene Salgueiro

Vice-coordenadora

Taísa Caldas

Equipe editorial

Marilene Salgueiro

Taísa Dantas

Elisa Gonsalves

Fabricio Possebon

Maria Lucia Abaurre Gnerre

Secretaria editorial

Maria Emanuela Lima

Dedjany Delgado

